

**Universidade Aberta**



**Um projeto para as novas reservas do  
Museu Municipal de Tavira**

**Maria Leonor Esteban Pereira**

**Mestrado em Estudos do Património**

**2015**

**Universidade Aberta**



**Um projeto para as novas reservas do  
Museu Municipal de Tavira**

**Maria Leonor Esteban Pereira**

**Mestrado em Estudos do Património**

**Dissertação orientada pelo Professor Doutor Pedro Flor**

**2015**

## **Agradecimentos**

Um agradecimento muito especial ao Doutor Pedro Flor que foi o meu orientador da tese.

À Helenas Viegas, desenhadora da Câmara Municipal, que fez o esquema e idealizou o projeto das novas reservas do Museu Municipal de Tavira.

À Célia Teixeira, arquiteta da Câmara Municipal, no apoio à documentação gráfica deste trabalho.

Ao senhor Ofir Chagas que tirou uma manhã para conversar comigo sobre as suas memórias do antigo museu enquanto era aluno da escola primária no Palácio da Galeria.

Aos meus colegas do Museu Municipal de Tavira que contribuem todos os dias para a existência do museu.

Aos meus colegas do Arquivo Histórico Municipal de Tavira no apoio na consulta dos documentos e, em especial à Isabel Salvado na cedência de bibliografia e na troca de informações sobre este tema.



## **Resumo**

Esta dissertação é uma abordagem, um levantamento e uma reflexão sobre o que é afinal uma reserva museológica e a sua importância no museu. As reservas continuam a assumir um papel de retaguarda em muitas instituições museológicas, muitas vezes até desprezado, uma vez que são espaços escondidos. É necessário sensibilizar e promover uma mudança de atitude no nosso panorama museológico. As reservas devem assumir uma função museológica de importância primordial e relevante dentro de qualquer museu: é nestes espaços que os bens culturais permanecem por tempo indeterminado e por isso devem ser alvo de atenção.

Sendo a preocupação central deste estudo a conservação preventiva das coleções do Museu Municipal de Tavira, tornou-se fundamental caracterizar os edifícios que guardam este acervo museológico e que funcionam, deste modo, como reservas/depósitos. Ao abordarmos a conservação preventiva relacionada com as reservas do museu, o edifício tem um papel fundamental neste processo, uma vez que é considerado a primeira barreira de proteção dos bens culturais. A sua caracterização é fundamental para compreender se a conservação preventiva é bem-sucedida ou não.

De uma maneira geral, os edifícios que guardam as coleções do museu apresentam problemas estruturais, uma vez que são reutilizações de espaços que não foram projetados para reservas museológicas. Como solução propõem-se a construção de um edifício de raiz devidamente planeado para albergar todo o acervo do museu, incluindo áreas de atividades dos técnicos, facilitando tanto a gestão das coleções como dos recursos humanos.

Respeitando as diretrizes internacionais na área dos museus, este edifício deve ser construído com uma “Arquitetura Bioclimática e Sustentável” porque a salvaguarda do património e da natureza andam de mão dada face ao aquecimento global do planeta.

**Palavras-chave:** Reserva Técnica, Conservação Preventiva, Coleção, Museologia, Arquitetura

## ***Abstract***

*This dissertation is an approach, a survey and a reflection on what is after all a museological storage and its importance in the Museum. Storages areas continue to assume a role of lamps in many museums, often neglected, since they are hidden spaces. It is necessary to raise awareness and promote a change of attitude in our museological panorama. Storages areas must assume a museological function of paramount importance and relevant inside any museum: it is in these spaces that cultural heritage remain indefinitely and must be the subject of attention.*

*Being the central concern of this study the preventive conservation of the collections of the "Museu Municipal de Tavira", became essential to characterize the buildings that keep this museological collection and how they work as storages/deposits. When we approach the preventive conservation related to the storages of the museum, the building has a key role in this process, since it is considered the first barrier of protection of cultural heritage. Their characterization is essential to understand whether the preventive conservation is successful or not.*

*In General, the buildings that keep the museum collections present structural problems since they are reused spaces that are not designed for museum storages. As solution we propose the construction of a building from scratch properly planned for all the museum collections, including areas of technical activities, facilitating both the management of collections such as human resources. Respecting international guidelines in the area of museums, this building should be constructed with a "Bioclimatic and Sustainable Architecture" because the safeguarding of heritage and nature go hand in hand in the face of global warming of the planet.*

**Keywords:** *Museum Storage, Preventive Conservation, Collection, Museology, Architecture*

## Índice

Introdução.....	1
Capítulo I – O Museu Municipal de Tavira: dos antecedentes à atualidade.....	5
1. Liberalismo e Implantação da República.....	7
2. Estado Novo.....	14
2.1. O antigo Museu Municipal de Tavira.....	16
3. A Nova Museologia.....	23
3.1. O atual Museu Municipal de Tavira.....	26
Capítulo II – Caracterização das coleções e dos espaços de reservas do Museu Municipal de Tavira.....	45
1. Fatores principais de deterioração do acervo museológico.....	51
2. Localização e adaptação dos espaços às coleções, avaliação e controle de riscos.....	63
2.1. Reservas localizadas junto ao laboratório de conservação e restauro.....	63
2.2. Reserva etnográfica do Palácio da Galeria.....	64
2.3. Depósitos Municipais.....	66
2.4. Reserva localizada no edifício da DPEOM.....	67
2.5. Antigo Edifício do Posto Agrário e Anexos.....	68
3. Descrição, estado de conservação e acondicionamento das coleções museológicas afetas a cada edifício.....	69
3.1. Coleção arqueológica.....	72
3.2. Coleção etnográfica.....	74
3.3. Coleção “Zezinho Beja”.....	75

3.4. Coleção Arraial Ferreira Neto.....	76
3.5. Coleção do Cofre Municipal.....	76
3.6. Coleção de arte contemporânea e elementos arquitetónicos.....	77
Capítulo III – Projeto do novo edifício do Museu Municipal de Tavira.....	79
1. A conservação dos valores e do património.....	83
2. Localização do novo edifício.....	84
3. Funcionalidade dos espaços.....	89
4. Tipo de construção e materiais a utilizar.....	91
5. Normas e procedimentos de conservação preventiva a aplicar.....	98
5.1. Equipamentos e organização das coleções.....	99
5.2. Controlo e monitorização ambiental, segurança e higiene.....	104
Conclusão.....	109
Referências.....	111
Apêndice I – Documentação Gráfica .....	127
Apêndice II – Documentação Fotográfica.....	141

## Índice Gráfico

Fotografia área de Tavira: 2.1- localização das reservas/depósitos.....	129
Planta: 2.2 - Laboratório de conservação e restauro, gabinete de arqueologia e reservas.....	131
Planta: 2.3 – Reserva etnográfica no Palácio da Galeria.....	132
Planta: 2.4 – Segundo piso dos escritórios da DEIM.....	133
Planta: 2.5. – Reserva arqueológica na DPEOM.....	134
Planta: 2.6. – Piso térreo do Antigo Edifício do Posto Agrário e anexo.....	135
Planta: 2.7 – Primeiro piso do Antigo Edifício do Posto Agrário.....	136
Loteamento: 3.1. - Parque de Feiras e Exposições.....	137
Loteamento: 3.2 - Parque Industrial.....	138
Planta: 3.3 – Piso térreo do novo edifício para reservas.....	139
Planta: 3.4 – Primeiro piso do novo edifício para reservas.....	140

## Índice das Figuras

Capítulo I - Palácio da Galeria, Museu Municipal de Tavira.....	5
Capítulo II – Antigo Edifício do Posto Agrário.....	45
Capítulo III – Vale do Caranguejo, Tavira.....	79
Figura: 1.1 – Fachada principal da Igreja da Misericórdia.....	143
Figura: 1.2 – Porta de acesso ao antigo Museu Municipal.....	144
Figura: 1.3 – Centro Interpretativo de Abastecimento de Água a Tavira.....	145
Figura: 1.4 – Figura zoomórfica.....	146
Figura: 1.5 – Potinho em vidro.....	146
Figura: 1.6 – Coleção pesos e medidas de aferidor.....	147
Figura: 1.7 – Relógio de finais do século XIX.....	148
Figura: 1.8 – Fotografia do edifício e da torre demolido.....	149
Figura: 1.9 – Azulejo do painel da antiga escola do Arraial Ferreira Neto.....	150
Figura: 1.10 – Estandarte de antiga filarmónica.....	151
Figura: 1.11 – Gravura de Bartolomeu Cid dos Santos .....	152
Figura: 1.12 – Gárgula manuelina proveniente do Convento das Bernardas.....	153
Figura: 2.1 – Reserva de material arqueológico.....	154
Figura: 2.2. – Reserva da coleção “Zézinho Beja”.....	155
Figura: 2.3 - Reserva da coleção “Zézinho Beja”, outra perspetiva.....	156
Figura: 2.4 – Estantes metálicas com caixas com metais arqueológicos.....	157
Figura: 2.5 – Reserva etnográfica localizada no Palácio da Galeria.....	158
Figura: 2.6 – Depósito Municipal da Rua Sesinando da Purificação Azinheira.....	159

Figura: 2.7. – Interior do depósito.....	160
Figura: 2.8 – Depósito Municipal da antiga garagem GNR.....	161
Figura: 2.9 – Interior do depósito.....	162
Figura: 2.10 – Depósito Municipal localizado no segundo piso da DEIM.....	163
Figura: 2.11 – Exterior do edifício da DPEOM.....	164
Figura: 2.12 – Reserva localizada na garagem da DPEOM.....	165
Figura: 2.13– Antigo edifício do Posto Agrário.....	166
Figura: 2.14– Antigas casas do Posto Agrário e anexos.....	167
Figura: 2.15 – Caixa com metais arqueológicos.....	168
Figura: 2.16 - Acondicionamento dos metais.....	168
Figura: 3.1 – Oficina de Conservação e restauro na exposição “Memória e Futuro”.....	169
Figura: 3.2 – Maqueta de uma sala de exposições.....	170
Figura: 3.3 - Estantes móveis.....	171



## **Introdução**

Durante o século XX, em Portugal, e sobretudo no Algarve, ocorreram grandes destruições, tanto do património cultural como ambiental, e modernizações exageradas. O século XXI deve apostar num progresso a favor da preservação da cultura, do ambiente, dos valores, e não no progresso a favor da sua destruição. A salvaguarda do património cultural e do ambiente depende de todos nós e pressupõem fidelidade e usufruto dos bens deixados pelas gerações passadas e a sua transmissão às gerações futuras: a ação individual de cada ser humano é determinante para o futuro coletivo. O património dá acesso à memória coletiva e proporciona uma identidade ao Homem. A conservação do património cultural e ambiental tornou-se assim um dos grandes desafios do século XXI: ambos estão interligados, ou seja a salvaguarda de um apela a salvaguarda do outro. Património cultural e sustentabilidade tornaram-se fatores determinantes para a sobrevivência da Humanidade.

A nossa função como técnicos de conservação e restauro, além de conservar os bens culturais, é ir ao encontro da sociedade, interagir com a comunidade, dar a conhecer o nosso papel e a sua importância decisiva na proteção do património, sensibilizar os meios económicos e financeiros para outros valores associados ao património, como estético, histórico, afetivo, entre outros, considerados mais importantes que os monetários, fazer compreender aos políticos que o progresso deverá passar mais pela reabilitação dos edifícios históricos do que construir de novo de forma insustentável conduzindo à descaracterização das cidades, como ocorreu de forma dramática no nosso País.

Este trabalho aborda vários aspetos relacionados com o património cultural desde os seus significados, tipologias, valores associados, a sua relação com a sociedade, economia e política e a importância da sua proteção. O tema principal são as coleções do Museu Municipal de Tavira e os espaços que guardam este acervo: as reservas. Se considerarmos que o acervo museológico deve ser conservado para as gerações futuras, estes espaços adquirem importância dentro do museu. Um dos aspetos mais significativos da conservação preventiva, ou seja controlo do meio ambiente, diz respeito ao papel do edifício. Partindo do edifício em si, houve uma necessidade emergente de fazer uma abordagem destes espaços existentes no atual museu, uma vez que a reserva no Museu Municipal de Tavira, multiplica-se por vários edifícios, e caracteriza-los como forma de alertar a sua não adaptabilidade a reservas museológicas, comprometendo a conservação

preventiva das coleções. Quem é responsável no museu pela gestão das coleções convive diariamente com este problema. Este trabalho tem como fim propor uma solução que poderá ser de interesse futuro para o Museu Municipal de Tavira.

A metodologia aplicada neste estudo foi o levantamento e caracterização dos espaços existentes, a sua envolvência e a descrição das coleções. A partir do conhecimento aprofundado das coleções fez-se uma proposta para a construção de um novo edifício, suficientemente grande para albergar todas as coleções. O maior desafio deste estudo foi a defesa de uma arquitetura sustentável como fator determinante na conservação preventiva das coleções. A grande dificuldade encontrada passou por não ser possível o contato direto com reservas de instituições de referência ou museus construídos com “arquitetura bioclimática”.

Este trabalho está dividido em três capítulos. O capítulo I consiste na apresentação do Museu Municipal e das suas coleções. Ao abordar as suas coleções e a maneira como elas foram integradas no museu é necessário recuar aos antecedentes. O primeiro museu que existiu em Tavira, de que se tem conhecimento, surgiu no segundo quartel do século XX em pleno Estado Novo. Este museu terá durado aproximadamente entre 1940 e 1980, no entanto desconhece-se com precisão as datas de abertura e fecho. O atual museu surge em finais de 1990 relacionado com a Nova Museologia. Caracterizado como um museu polinucleado com a sede no Palácio da Galeria inclui como núcleos museológicos as Ermidas de Santa Ana e São Sebastião, a Igreja São Pedro Gonçalves Telmo, o Núcleo Museológico de Cachopo, o Núcleo Islâmico, o Centro Interpretativo de Abastecimento da Água e o Núcleo Expositivo da Pousada de Tavira e é detentor de coleções muito diversificadas com proveniências muito dispares.

O capítulo II centra-se essencialmente nas reservas/depósitos existentes. Espaços não acessíveis ao público e por isso infelizmente secundarizados. Uma descrição pormenorizada das reservas/depósitos mostra os diversos problemas relacionados com estes espaços dispersos por vários edifícios na cidade dificultando tanto a gestão dos espólios como dos recursos humanos. A preocupação num acondicionamento adequado das coleções tornou-se uma forma de proteção face ao ambiente muitas vezes difícil de estabilizar. Neste capítulo aborda-se ainda a importância da conservação, a mais jovem

disciplina a entrar na Museologia, a longa história da conservação e restauro, a profissão do técnico de conservação e restauro e por fim a importância da conservação preventiva.

O capítulo III irá finalmente ser abordado o que é uma reserva técnica ideal. Um projeto de um edifício construído de raiz dando atenção à arquitetura, à sua função, à distribuição dos espaços (reservas técnicas e serviços indispensáveis). Defende-se uma construção sustentável à qual designamos por “Arquitetura Bioclimática” em que a sua função de salvaguarda do património cultural e do ambiente fique cumprida.

O Mestrado em Estudos do Património contribuiu para a aquisição de novos conhecimentos que complementaram a licenciatura em conservação e restauro. Sendo a conservação e restauro uma disciplina onde as ciências exatas e as ciências sociais interagem, a interdisciplinaridade é fundamental para o avanço do conhecimento nesta área. A tese foi um enriquecimento constante não só do ponto de vista académico, mas também profissional: muitos novos conhecimentos foram postos em prática.



## Capítulo I – O Museu Municipal de Tavira: dos antecedentes à atualidade



Palácio da Galeria, Museu Municipal de Tavira (Câmara Municipal de Tavira/Família Andrade/ Nerve, Atelier de Design, Lda)

“A conservação do património contribui para a memória, ela mesma fundamental para a existência da humanidade.”

(Casanovas, 2008: 22)

Património cultural é o suporte material/imaterial de uma cultura que se transmite sucessivamente no tempo ao longo das várias gerações. Trata-se de um processo dinâmico, uma vez que em todas as culturas tem sido muitas vezes transformado, definido, redefinido, valorizado e desvalorizado. Trata-se de um conceito que nunca é estático, mas sempre em mudança.

Ao longo do século XX, o conceito de património cultural foi alargado a praticamente todos os domínios. Na Convenção de 2003 da UNESCO a imaterialidade foi reconhecida como património cultural. Na Lei de bases do Património Cultural foi legislado a obrigatoriedade da preservação do património imaterial nacional que foi definido como:“(...) integram património cultural as realidades que, tendo ou não em coisas móveis ou imóveis, representam testemunhos etnográficos ou antropológicos com valor de civilização ou de cultura com significado para a identidade e memória coletiva.”<sup>1</sup>

Existe uma reunião entre um suporte material, o objeto físico, e um contexto imaterial. Aos objetos estão associados determinados valores, símbolos, que não são materializáveis. A imaterialidade está assim relacionada com a memória e a identidade e projeta-se na nossa contemporaneidade. O processo de globalização pode pôr este património em risco, sendo o processo social a forma de assegurar a continuação dos valores: deve-se promover a participação das comunidades na salvaguarda e transmissão do património imaterial. No entanto é pertinente questionar até que ponto se pode salvaguardar o Património Cultural Imaterial, uma vez que este está em constante mudança e as próprias sociedades evoluem e os contextos também?<sup>2</sup> Na realidade, o surgimento do novo dá-se constantemente desconstruindo o património estabelecido.

O século XXI tem sido marcado pelo regresso ao passado e tem vindo a contrariar o processo de globalização. As memórias e as identidades locais e a diversidade cultural ganhou importância. Atualmente, as tradições locais, regionais, folclóricas e gastronómicas despertam interesse. A salvaguarda do património recai sobre tudo o que existe que testemunha o Homem e a sua ação no meio ambiente. Não diz só respeito à cultura, à arte,

---

<sup>1</sup> DECRETO-LE n.º 107/2001 de Setembro de 2001. Diário da República. I-A Série. 209 (08-09-2001) 5808, Artigo n.º 9, Alínea n.º 1

<sup>2</sup> DUARTE, Alice - O desafio de não ficarmos pela preservação do Património cultural Imaterial. *Seminário de Investigação em Museologia*. Porto: Universidade do Porto, 2010, p. 47-50

ao ambiente, mas também aos domínios da política, da sociedade e da economia, é defensora da democracia e da cidadania e dos princípios da justiça social. Segundo Michel Lacroix, pretende salvaguardar o que a nossa herança tem de melhor.<sup>3</sup> Deste modo, a salvaguarda do património cultural assenta na responsabilidade da sociedade proteger o que nos foi legado pelas gerações passadas e a sua transmissão às gerações futuras. É dever de todos salvaguardar o património cultural e natural.

As coleções do Museu Municipal de Tavira são um património que é essencial preservar, uma vez que transmite valores de identidade cultural e memória coletiva enraizados numa comunidade local e que deve ser respeitado e usufruído por todos. Património cultural que não deve ser concebido apenas como referência do passado, mas como um elemento de futuro.

Este capítulo irá abordar essencialmente o Museu Municipal de Tavira, a sua importância como equipamento cultural e sobre o qual nos interessam essencialmente as suas coleções. É também partindo das coleções que nos interessa abordar um pouco os antecedentes recuando ao antigo Museu Municipal que foi erguido em pleno Estado Novo.

## **1. Liberalismo e Implantação da República**

Apesar de não existirem bens culturais incorporados no Museu Municipal de Tavira provenientes da extinção dos conventos, a presença de um conjunto diversificado de fragmentos arquitetónicos presentes na atual coleção foram fruto indireto das contingências do século XIX.

Ainda no século XVIII, Dom Francisco Gomes de Avelar, Bispo do Algarve entre 1789 e 1816, desenvolveu uma notável ação sobre o património arquitetónico e religioso da sua diocese depois do terramoto de 1755. Marcado pela época do iluminismo e do lançamento do primeiro instrumento legal de proteção do património, em Agosto de 1721, por D. João V, que progressivamente passou a entender os objetos como bens culturais a

---

<sup>3</sup> LACROIX, Michel - *O Princípio de Noé ou a Ética da Salvaguarda*. Coleção Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Instituto Piaget, 1997, p. 61

conservar pela ação do homem. Do seu contacto com Roma antiga ficou sensível aos mecanismos de intervenção nos monumentos. Ao regressar a Portugal, em 1788, iria pôr em prática os conhecimentos adquiridos no ambiente romano, como novo Bispo do Algarve.<sup>4</sup>

Em Portugal, a primeira metade do século XIX foi marcada por uma profunda relação dos portugueses com os vestígios do passado concedendo-lhes valor patrimonial como reflexo dos acontecimentos recentes que ocorreram: o terramoto de 1755, as invasões francesas entre 1807 e 1811 e a guerra liberal entre os absolutistas e liberais entre 1832 e 1834. Com a instauração do liberalismo, ocorreu a extinção das ordens religiosas em 1834 e a conseqüente desamortização dos seus bens, que conduziu à mudança de mãos de muitas propriedades através de vendas. A extinção das ordens religiosas esteve relacionada com a onda anti clerical que associava as casas religiosas ao Antigo Regime e levou à ocorrência de grandes perdas patrimoniais, que se manifestaram no roubo e venda abusiva e no processo de degradação progressiva dos imóveis. Assim, após a vitória liberal em 1834, o Estado pôs à venda em hasta pública, os bens nacionalizados e incorporados na fazenda das extintas ordens religiosas e da coroa. O Estado Liberal tentou providenciar condições para a proteção dos bens móveis e imóveis dos extintos conventos e mosteiros. No entanto, o regime falhou na institucionalização da defesa e conservação do património. Com a implantação da República a 5 de Outubro de 1910 deu-se um novo ataque à igreja e surgem uma sequência de decretos laicos, entre as quais surge a lei da separação do Estado da Igreja. Com a promulgação desta lei, a igreja vê-se privada de personalidade jurídica e de todos os seus bens.

O processo oitocentista das desamortizações conduziu à criação de museus que beneficiaram bastante da incorporação destes bens provenientes do encerramento definitivo das casas religiosas. No século XIX não havia ainda noção da importância de “património integrado” e a preocupação de manter o património móvel no seu contexto arquitetónico para o qual tinha sido criado. Vandalismo e abandono são duas ideias associadas ao património cultural móvel e imóvel nesta época. Algumas personalidades importantes ligadas à vida cultural, como Almeida Garrett, Ramalho Ortigão ou Alexandre

---

<sup>4</sup> NETO, Maria João Baptista - Uma cultura do restauro iluminista. A ação do Bispo do Algarve Dom Marcelino Franco Gomes do Avelar. *Espírito e Poder, Tavira nos tempos da modernidade*. 1.<sup>a</sup> ed. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 2006, pp. 123-126

Herculano, eram sensíveis a este problema. Eram defensores dos museus, dos monumentos e da arqueologia. O museu foi assim a solução encontrada para dar destino a muitos bens expropriados dos conventos em que “A pequena elite que se ocupava destas coisas, segundo a perspectiva e estratégica dominantes, concentrava-se em absoluto na noção de museu como adereço indispensável à “civilização”, (...)”.<sup>5</sup>

Em Tavira, durante as lutas liberais as convulsões eram constantes. Devido à sua tradição religiosa que se manifesta na grande quantidade de conventos e igrejas, a população com tendência conservadora tendia para a política de D. Miguel defendendo os princípios absolutistas. Os liberais desembarcaram em Tavira a 25 de Junho de 1833 e puseram fim à resistência miguelista.<sup>6</sup> Com o Decreto de 30 de Maio de 1834, sobre a extinção das ordens religiosas, no Algarve extinguiram-se vinte e duas casas regulares em que cinco delas se localizavam em Tavira. Os bens móveis dos diversos conventos foram agrupados por categorias: bens de uso comum, obras de arte, bibliotecas, utensílios de culto divino, objetos de ouro e prata e joias. A cada categoria foi dado um destino diferente e atualmente pouco se conhece sobre o que aconteceu a estes bens.<sup>7</sup>

Dos vários conventos que existiram em Tavira, apenas nos interessa referir o Convento das Bernardas, o Convento de São Francisco e o Convento da Graça. Nos Conventos das Bernardas e da Graça foram realizadas escavações arqueológicas.

O antigo Convento das Bernardas, única comunidade da Ordem de Cister que se instalou no Algarve e fundando por D. Manuel I em 1509 em memória do levantamento do cerco muçulmano de Arzila, era um edifício com uma arquitetura majestosa e até meados do século XIX manteve-se afastado do núcleo urbano. Foi construído entre 1520 e 1528 com o formulário artístico do Manuelino. Em 1530 foi entregue às monjas de Cister.<sup>8</sup> Sofreu estragos com o terramoto de 1755 e em 1808 foi pilhado pelos franceses. Ao

---

<sup>5</sup> SEABRA, José Alberto - A recolta devia fazer-se estugadamente e por complete. Patrimónios em trânsito: extinguir conventos e criar museus. *100 Anos de Património. Memória e Identidade. Portugal 1910-2010*. 2.ªed. Lisboa: IGESPAR, 2011, p. 39

<sup>6</sup> CHAGAS, Ofir - *Tavira. Memórias de uma cidade*. Tavira: Edição de autor, 2004, p. 100

<sup>7</sup> MARADO, Catarina Almeida - A cidade, os conventos e as suas hortas. *Cidade e Mundos Rurais. Tavira e as sociedades Agrárias*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 2010, p. 112, 114

<sup>8</sup> CHAGAS - *Tavira. Memórias de uma cidade*, p. 183

contrário do que sucedeu com os conventos masculinos, que foram definitivamente extintos em 1834, nos conventos femininos o processo foi diferente: mantinham-se até à morte da última freira. O Convento das Bernardas recolheu as freiras de Lagos, Loulé e Faro. A 20 de Outubro de 1857 é elaborado o inventário do Convento das Bernardas. A 1 de Janeiro de 1861 dá-se a sua completa extinção e a 3 de Novembro de 1862 o Estado toma posse do convento e os seus bens são nacionalizados. O convento é extinto por portaria de 13 de Janeiro de 1862 e a última religiosa, a madre abadessa D. Cândida Clara de Assis foi obrigada a sair do convento por ordem da Secretaria do Estado, oficializado em 26 de Março de 1862. A 1 de Abril de 1862, a Fazenda Nacional toma posse do edifício e os bens foram incorporados. Este mosteiro era possuidor de muitos bens e obras de arte religiosos. Os bens pertencentes à comunidade incluíam roupas (como paramentos, casulos), mais de dez imagens, várias pratas (como resplendores, cálices, custódias), sinos, diversos objetos (como jarras, cadeiras, candeeiros, bancos), livros, manuscritos e documentos de importância e vários quadros.<sup>9</sup> Os objetos foram mantidos no convento enquanto as religiosas o ocupavam.<sup>10</sup> Conhece-se o destino dos seus bens móveis que foram distribuídos pela Igreja de São Pedro de Faro, Hospital de Espírito de Santo de Tavira, Arquivo Municipal, Igrejas de Santo António e São Francisco de Tavira, Museu Paroquial de Moncarapacho e a igreja Paroquial de Boliqueime.<sup>11</sup> Em 1890, o Estado vendeu o convento a um particular que o transformou numa fábrica de moagem de cereais e operou até à década de 1960. Durante a escavação arqueológica do Convento das Bernardas, pela equipa de arqueologia do município, foi descoberta uma fonte do século XVII consistindo em três painéis com decoração floral na zona do antigo claustro.

O Convento de São Francisco de Tavira foi fundado em 1312. Este edifício foi afetado pelos terramotos de 1722 e 1755 o que lhe provocou bastantes estragos. Com a extinção das ordens religiosas, o convento foi encerrado e os seus bens passam para a

---

<sup>9</sup> Torre do Tombo, Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Convento da Nossa Senhora da Piedade da Ordem de São Bernardo, Tavira/Faro, Cota: Cx N.º 1935, Inventário dos Bens, 30 de Dezembro de 1858, fls. 3-12

<sup>10</sup> Torre do Tombo, Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Convento da Nossa Senhora da Piedade da Ordem de São Bernardo, Tavira/Faro, Cota: Cx N.º 1935, Repartição da Fazenda Pública da Comarca de Tavira, N.º. 33 de 17 de Fevereiro de 1862

<sup>11</sup> MARADO, Catarina Almeida - *Antigos Conventos do Algarve. Um Percurso pelo Património da Região*. Lisboa: Edições Colibri, 2006, p. 171

posse do Estado, com exceção da Capela da Ordem Terceira que existia na igreja conventual desde 1670. Em 1843 sofreu um grande incêndio que levou à derrocada da igreja e de grande parte das dependências conventuais. O que restou da cerca conventual foi vendido a particulares em 1849 e, mais tarde, em 1918 a Câmara adquiriu este espaço e converteu em cemitério público.<sup>12</sup> Para o jardim do convento, posteriormente, foram transportadas várias cantarias de proveniência desconhecida.

Em honra do Santo Agostinho, foi erguido o convento da Graça, situado no interior do perímetro das muralhas e no lugar da antiga judiaria. A fundação do Convento da Nossa Senhora da Graça ocorreu em 1542. A obra iniciou-se em 1569. As obras do convento arrastaram-se até ao século XVIII. No período do Barroco, entre 1758 e 1778, ocorreram alterações à imagem inicial trazendo novidades decorativas como a fachada do edifício com o arquiteto Diogo Tavares de Ataíde. Com a extinção das ordens religiosas, o convento foi entregue pela Fazenda Nacional ao Ministério do Exército e foi instalado o Batalhão dos Caçadores n.º5 em 1839. Em 1904 passou a servir de arrecadação militar e a igreja foi convertida a estábulo e depois a garagem das viaturas do exército. Este processo foi responsável pela descaraterização do antigo convento, bem como ao desaparecimento dos bens artísticos móveis em que não existem referências exatas em relação ao seu destino. No início de 2000 passou para a posse da Câmara Municipal de Tavira e transformou-se em Pousada de Tavira. Atualmente o convento é uma estrutura arquitetónica que integra testemunhos de épocas distintas, em que os vestígios da arquitetura do século XVI, provavelmente no estilo “chão”, são muito poucas.<sup>13</sup> Durante as campanhas de escavações arqueológicas no Convento da Graça foram descobertos vários elementos arquitetónicos em pedra que fizeram parte do formulário decorativo do convento.

A Ermida de São Roque é um pequeno templo de origem quinhentista que sofreu as suas injúrias com a Implantação da República. O inventário dos bens eclesiásticos foi efetuado em 1911. Em 1923, a Câmara Municipal de Tavira arrendou a Ermida e adquiriu-

---

<sup>12</sup> MARADO - *Antigos Conventos do Algarve. Um percurso pelo património da região*, p. 166

<sup>13</sup> SANTANA, Daniel - O Convento da Nossa Senhora da Graça de Tavira. *Monumentos*. Lisboa: Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, N.º 14 (2001), p. 127, 129, 132, 133

a em 1935. A partir daí a antiga ermida funcionou como canil<sup>14</sup> e atualmente é um armazém do município em estado de degradação avançado. A imagem de São Roque encontra-se exposta num pequeno núcleo de arte sacra numa instalação anexa e pertencente à Igreja de Santa Maria do Castelo e existem suspeitas que o retábulo da ermida encontra-se na capela colateral da mesma igreja. Nesta pequena ermida foram efetuadas sondagens arqueológicas.

Os edifícios que foram adaptados a novas funções sofreram os resultados de uma arquitetura deficiente: o Convento das Bernardas foi completamente descaracterizado com a instalação de uma estrutura industrial e o Convento da Graça ficou empobrecido com o desaparecimento do seu património integrado.

Tavira era uma pequena cidade provinciana, que não assumia a mesma importância de Faro, para ser criado um museu com intuito de receber este património vandalizado. Mas as escavações arqueológicas e a recolha de elementos arquitetónicos nos antigos conventos mencionados foram o resultado indireto da extinção das ordens religiosas, do abandono, da descaracterização, da negligência, do vandalismo e de demolições.

Em Tavira, o século XIX foi um marco importante no que diz respeito à arqueologia. Já no século XVI, André de Resende tinha identificado a cidade romana de *Balsa* com a cidade de Tavira. No século XVIII já eram conhecidos vestígios romanos na região da Luz de Tavira, mas não foram identificadas como sendo as ruínas da antiga *Balsa*. Apenas na segunda metade do século XIX é que as ruínas foram identificadas como sendo a cidade de *Balsa* por Estácio da Veiga. Os seus trabalhos arqueológicos em *Balsa* estiveram integrados na “Carta Arqueológica do Algarve” e ficaram terminados em 1878. Posteriormente publicou nas “Antiguidades Monumentais do Algarve” os resultados das suas investigações. Defendeu a criação de um museu arqueológico no Algarve e indicou a cidade de Faro, no Convento de Santo António dos Capuchos, para erguer o dito museu. Sonho que nunca concretizou. Este espólio de *Balsa* dispersou-se por várias instituições como o Museu Municipal de Faro, o Museu Nacional de Arqueologia e o Museu Regional

---

<sup>14</sup> ANICA, Arnaldo Casimiro - *Tavira e o seu termo. Memorando Histórico*. 1.<sup>a</sup> ed. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 1993, p. 296-297

de Évora.<sup>15</sup> Foi com a publicação da primeira Carta Arqueológica do Algarve em 1878 que nasceu a ideia de criar um museu arqueológico no Algarve, provincial, com os materiais descobertos. Estácio da Veiga defendia a importância da criação de museus regionais para a instalação de museus de arqueologia coordenadas pelos respetivos institutos arqueológicos de cada província, com o fim de educar as populações.<sup>16</sup>

No que diz respeito à formação de museus no século XIX, o Algarve segue mais lentamente que as outras províncias e sofreu a indiferença das instituições governativas e culturais. Só em 1889 surgiu o primeiro museu algarvio, o Museu Marítimo e Industrial de Faro, designado posteriormente por Museu Marítimo do Almirante Remalho Ortigão. Em 1889, a Direção do Instituto Arqueológico do Algarve requereu ao Governo para criar um museu arqueológico em Faro e transferir os bens que se encontravam em Lisboa para esse museu. O pedido foi aceite. O museu foi instalado no Convento de Santo António dos Capuchos, edifício do século XVII. A sua inauguração oficial foi em Março de 1894 sob a designação de “Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique”, atualmente Museu Municipal de Faro.<sup>17</sup> Este museu formou-se com algumas peças arqueológicas depositadas no Instituto Arqueológico do Algarve por Estácio da Veiga, por uma pequena coleção pertencente ao cônego Boto e foi enriquecido com donativos particulares.<sup>18</sup>

Nos dias 21 e 22 de Dezembro de 1920 decorreu o Congresso Arqueológico Nacional em Tavira. A finalidade deste congresso foi intensificar e orientar a defesa dos monumentos nacionais. Aderiram ao congresso oito coletividades científicas, literárias e artísticas de Lisboa e das províncias.<sup>19</sup>

---

<sup>15</sup> VIEGAS, Catarina - *A ocupação romana no Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Série Estudos e Memórias 3. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2004, p. 259, 266-267, 271, 274

<sup>16</sup> PEREIRA, Luísa Estácio da Veiga - *O Museu Arqueológico do Algarve (1880-1881). Subsídios para o Estudo da Museologia em Portugal no século XIX*. Faro: Separata dos Anais do Município de Faro, 1981, p. 58-59

<sup>17</sup> CARRILHO, António Carrilho - *O Museu Arqueológico Lapidar Infante D. Henrique. Subsídios para a sua História*. Évora: Universidade de Évora, 2002. Tese de Mestrado, p 14-19

<sup>18</sup> PEREIRA - *O Museu Arqueológico do Algarve (1880-1881). Subsídios para o Estudo da Museologia em Portugal no século XIX*, p. 41, 47

<sup>19</sup> *O Algarve*, 23 de Dezembro de 1920, Ano 13.º, N.º 666, p.1

Tomás Cabreira no seu livro “Algarve Económico”, de 1918, manifesta a sua preocupação em relação ao património algarvio e defende que se devia conservar todas as ruínas, achados arqueológicos e monumentos que se liguem recordações históricas.<sup>20</sup>

## **2. Estado Novo**

Durante o período do Estado Novo irá surgir em Tavira o primeiro Museu Municipal. Este período foi o primeiro marco da história da museologia em Tavira e por isso reveste-se de alguma importância. Alguns bens culturais que figuraram neste museu fazem parte da atual coleção municipal.

O golpe militar de 28 de Maio de 1926 não deu origem a um movimento ideológico definido. Em Outubro de 1932 surge um regime recém-instituído em bases ideológicas definidas que irão moldar a política do Estado Novo: Constituição de 1933, Estatuto do trabalho Nacional em 1933 e a União Nacional em 1930. Os valores fundamentais eram Deus, Pátria e Família. Este sistema político-ideológica, que encontrou no catolicismo os seus principais fundamentos, defendeu o regionalismo valorizando os núcleos políticos das freguesias e dos municípios e as associações locais. Os momentos de triunfo da nossa história servem para reivindicar a grandeza do passado e justificar o presente. A atividade do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), mais tarde Secretariado Nacional de Informação (SNI), dirigido por António Ferro, promove a divulgação da nova perspectiva histórico-ideológica. Este período foi marcado pela criação de museus regionais e pela exploração do potencial económico do turismo.<sup>21</sup>

Os museus fizeram parte da ação política e ideológica do Estado Novo. A sua função era transmitir a mensagem de que Portugal respeitava o património, protegia os espólios museológicos e respeitava os antepassados gloriosos. Os museus serviram de instrumento de propaganda política e de exploração ideológica do novo regime. A “Política de Espírito” de António Ferro assentava na Nação, no Território (Portugal e colónias) e na

---

<sup>20</sup> CABREIRA, Tomás - *O Algarve Económico*. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, 1918, p. 262

<sup>21</sup> NETO, Maria João Baptista Neto - *Memória, Propaganda e Poder. O Restauro dos Monumentos Nacionais (1929-1960)*. 1.ª ed. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2001, p. 139-146, 168-170

História, dando especial atenção aos heróis e às personagens ilustres. Os objetos museológicos eram escolhidos de acordo com a mensagem que se pretendia transmitir. O objeto etnográfico foi muito valorizado neste período, uma vez que estava relacionado com a arte popular e centrado na representação do povo e das tradições populares.<sup>22</sup> A etnografia estava relacionada com a verdadeira identidade nacional e com a salvaguarda dos valores identitários genuínos. Deste modo, a tradição é a referência central, sendo destacada a cultura popular.<sup>23</sup>

O semanário regionalista “Povo Algarvio”, entre os anos 1937 e 1940, aborda insistentemente as comemorações do duplo centenário, referências à exposição do “Mundo Português” com descrições pormenorizadas dando grande relevância ao evento.

Para comemorar os dois centenários o Portugal dos nossos dias vai apresentar-se realizando por todo o País e por todo o Império melhoramentos das maiores e dos mais significativos que ficarão a atestar pelo tempo fora a maneira como os portugueses do Estado Novo souberam recordar a fundação da sua Pátria e a Restauração da sua independência.<sup>24</sup>

O concurso “A aldeia mais portuguesa de Portugal” foi referenciado no mesmo semanário:

(...) Há que interessar, nessa obra de renascimento folclórico e etnográfico nacional, o povo das aldeias, os artistas anónimos que, afeiçoando o barro, entoando cantigas ou, simplesmente, repudiando influências alheias e nocivas, logram manter intactos, na sua pureza e graça, os costumes tradicionais da sua terra. (...) As condições essenciais a que deverão subordinar-se as aldeias portuguesas do continente, admitidas a concurso, são, em referência às tradições etnográficas e folclóricas das respectivas províncias, a maior resistência oferecida a decomposições e influências estranhas e o estado de conservação no mais elevado grau de pureza (...)<sup>25</sup>

Em Tavira, a preocupação dos feriados municipais coincidirem com datas marcantes como a passagem do feriado concelhio de 1 de Maio para o dia 11 de Junho, data em que a cidade foi conquistada aos mouros por D. Paio Peres Correia.<sup>26</sup>

---

<sup>22</sup> LIRA, Sérgio - Museus no Estado Novo: continuidade ou mudança. *100 Anos de Património Memória e Identidade. Portugal 1910-2010*. 2.<sup>a</sup>ed., Lisboa: IGESPAR, 2011, pp. 187-192

<sup>23</sup> MELO, Daniel - *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1997. Tese de Mestrado, p. 81

<sup>24</sup> *Povo Algarvio*, 1 de Maio de 1938, Ano IV, N.º 205, p.1-2

<sup>25</sup> *Povo Algarvio*, 27 de Fevereiro de 1938, Ano IV, N.º 196, p.2

<sup>26</sup> *Povo Algarvio*, 20 de Junho de 1937, Ano IV, N.º 160, p.1

## 2.1. O antigo Museu Municipal de Tavira

A documentação existente em relação ao antigo Museu Municipal de Tavira é muito escassa, uma vez que na época não houver qualquer tipo de preocupação em documentar este espaço. Estava localizado num edifício anexo, antiga Casa do Despacho, à Igreja da Misericórdia, atualmente um Núcleo de Arte Sacra da Santa Casa da Misericórdia (Figuras: 1.1 e 1.2 nas páginas 143 e 144). Alguns objetos que fizeram parte deste museu foram guardados no Cofre Municipal e atualmente fazem parte das coleções do museu, outros voltaram para os respetivos proprietários e os elementos arquitetónicos retornaram ao jardim da Igreja de São Francisco, em que alguns destes elementos, mais tarde recuperados, também fazem parte do museu. Além da criação do espaço museológico, inaugurou-se também uma biblioteca, o castelo foi restaurado pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e classificaram-se alguns monumentos. O castelo de Tavira foi classificado como monumento nacional em Junho de 1939<sup>27</sup> e as suas obras de restauro pela DGEMN iniciaram em Maio de 1940<sup>28</sup> e prolongaram-se até 1945.<sup>29</sup> Do primitivo castelo nada restava, exceto vestígios das fortificações construídas no reinado de D. Dinis.<sup>30</sup>

Tavira sofre influência do Estado Novo na fase de maior força do seu programa cultural e político. Um dos objetivos de propaganda salazarista era a procura da autenticidade e originalidade de cada região que a diferenciasse das outras. Assim, as atividades ligadas à etnografia e aos costumes e tradições da terra tornavam a região num alvo de interesse e de oferta turística: regionalismo igual a patriotismo e que necessariamente tem que ser nacionalista. A ideologia salazarista é demarcada por “Pátria, História, Tradição, Família e Deus”.

Em 1937, toma posse a comissão administrativa municipal presidida pelo Sr. Isidoro Manuel Pires.<sup>31</sup> Este corpo dirigente municipal era constituído por homens de

---

<sup>27</sup> *Povo Algarvio*, 18 de Junho de 1939, Ano V, N.º 264, p. 2

<sup>28</sup> *Povo Algarvio*, 5 de Maio de 1940, Ano V, N.º 306, p. 1

<sup>29</sup> Arquivo Histórico Municipal de Tavira, Pasta A65, n.º 6268, Plano de Atividades da Câmara Municipal do Concelho de Tavira para o ano económico de 1945, fl. 3

<sup>30</sup> BAÇOM, Sebastião - *O Algarve*, 18 de Janeiro de 1914, Ano 6.º, N.º 304, p.2

<sup>31</sup> *Povo Algarvio*, 7 de Fevereiro de 1937, Ano III, N.º 141, p. 1

confiança do governo e que sob a influência da delegação regional da União Nacional veio a fortalecer os valores salazaristas no território algarvio.

O Museu Municipal de Tavira foi criado por deliberação camarária em Abril de 1937 e pôs empregados da secretaria da câmara a percorrer a cidade a fim de obter objetos de arte e objetos antigos para o futuro museu.<sup>32 33</sup> A iniciativa da criação de um Museu Municipal foi muito bem recebida pelos tavirenses, que imediatamente se prestaram a doar objetos de interesse histórico e artístico.

Propõem-se a Câmara Municipal, em abençoada deliberação, organizar um Museu Municipal. Louvores merece, porque se interessa em valorizar o seu torrão natal (...). Organizando um Museu, a Camara arranca a um prolongado e lamentável esquecimento, e torna devidamente conhecidos e apreciados todos os valores, quaisquer que sejam, a forma porque se aproveitem ou manifestem (...)<sup>34</sup>

A Câmara decidiu proceder à instalação do museu nas instalações anexas à Igreja da Misericórdia e foi efetuado pequenas reparações no edifício.<sup>35</sup> No início de Agosto de 1937 foi instalado a Biblioteca e o Museu Municipal continuava em organização. O Museu ocupava o rés-do-chão e a sala do lado direito do primeiro piso.<sup>36</sup> A Câmara mandou construir uma vitrina para a coleção numismática.<sup>37</sup> Em 1938 foi adquirido mobiliário para o Museu e a Biblioteca.<sup>38</sup> Segundo as memórias do senhor Ofir Chagas, que na década de 1940 estudava na escola primário, no Palácio da Galeria, na escadaria que dava acesso ao primeiro piso, as paredes expõem lanças e escudos, as cantarias encontravam-se na entrada do edifício, a vitrina com a coleção de numismática estava disposta no centro da

---

<sup>32</sup> *Povo Algarvio*, 4 de Abril de 1937, Ano III, N.º 149, p. 2

<sup>33</sup> Arquivo Histórico Municipal de Tavira, Livro n.º 38, Actas da Câmara Municipal de 28 de Julho de 1933 a 10 de Novembro de 1938, Sessão de 1 de Abril de 1937, fl. 146

<sup>34</sup> VASCONCELOS, Damião - Museu Municipal. *Povo Algarvio*, 23 de Maio de 1937, Ano III, N.º 156, p. 1

<sup>35</sup> Arquivo Histórico Municipal de Tavira, Livro n.º 38, Actas da Câmara Municipal de 28 de Julho de 1933 a 10 de Novembro de 1938, Sessão de 13 de Maio de 1937, fl. 150 v.º

<sup>36</sup> *Povo Algarvio*, 8 de Agosto de 1937, Ano IV, N.º 167, p. 3

<sup>37</sup> *Povo Algarvio*, 19 de Setembro de 1937, Ano IV, N.º 173, p. 2

<sup>38</sup> Arquivo Histórico Municipal de Tavira, Pasta A64, Orçamento do Suplemento de Receita e Despesa da Câmara Municipal da Concelho de Tavira para o ano económico de 1938, n.º 1765, fl. 1

sala do primeiro piso do lado direito e a sala do lado esquerdo era a biblioteca onde por vezes se fazia palestras.<sup>39</sup>

Em relação à organização do museu:

A Camara Municipal tem estado a proceder à escolha de antiguidades para a organização do Museu Municipal que deve ser inaugurado ainda este ano. Já lá se encontram algumas pedras tumulares, brazões em pedra, etc, cedidas por alguns particulares e pela ordem terceira de São Francisco.

Fomos porém informados que a Ordem do Carmo, não quis ceder para o Museu umas pedras tumulares que se encontram ao abandono no meio do cemitério daquela ordem. (...)<sup>40</sup>

Em 1939, o autarca Isidoro Pires vai apostar na cidade, na sua valorização e projeção turística e regional, no crescimento e qualidade de vida local, no melhoramento da imagem urbana, que se centrava no Centro Histórico, e na divulgação dos valores ideológicos e políticos. Através do projeto de valorização do património artístico e histórico pretendia-se enaltecer a identidade. No centro histórico da cidade criou-se assim uma imagem autêntica do passado, desde os restauros da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais até às pequenas obras de beneficiação local.<sup>41</sup> Numa entrevista dada ao autarca pelo semanário regionalista “Povo Algarvio” em Abril de 1939 refere-se ao Museu Municipal e à Biblioteca:

Neste edificio anexo à Igreja da Misericórdia, está a camara a organizar um museu e a instalar a Biblioteca, que inaugurará no próximo ano, em comemoração dos centenários. O museu consta de panopolias, brazões de pedra e moedas antigas, e a biblioteca contém algumas raridades de apreciável valor.<sup>42</sup>

O museu foi provavelmente inaugurado em 1940 (não existem referências quanto a data certa da sua abertura), coincidindo com as festas dos centenários.<sup>43</sup>

---

<sup>39</sup> Ofir Chagas nasceu em 1935, fez o 5.º ano na antiga Escola Técnica de Tavira e foi Chefe de Serviços no Instituto do Emprego.

<sup>40</sup> *Povo Algarvio*, 14 de Novembro de 1937, Ano IV, N.º 181, p. 2

<sup>41</sup> Arquivo Histórico Municipal de Tavira, Pasta A64, n.º 1772, Orçamento do Suplemento Especial para as festas comemorativas dos Centenários e da Restauração a realizar de Junho a Dezembro de 1940, Receita e Despesa da Câmara Municipal do Concelho de Tavira para o ano económico de 1940

<sup>42</sup> *Povo Algarvio*, 9 de Abril de 1939, Ano V, N.º 254, p. 1

<sup>43</sup> Arquivo Histórico Municipal de Tavira, Livro n.º 39, Actas da Câmara Municipal de 27 de Novembro de 1937 a 20 de Setembro de 1941, Sessão de 9 de Maio de 1940, fl. 89 V.º-90, elaboração do orçamento especial para as festas dos centenários

A instalação do museu nas traseiras do altar-mor da Igreja da Misericórdia tornou possível o seu acesso pelo interior da igreja através de uma porta situada no lado do evangelho. A igreja, edificada nos meados do século XVI com magníficos azulejos e uma obra valiosa em talha dourada, seria provavelmente o primeiro núcleo expositivo, fazendo assim parte do itinerário museológico, que seguia depois para o museu.

O programa museológico foi baseado no espírito dos centenários. Era assumidamente um museu local, orientado para explorar as referências históricas da cidade. O objeto museológico era utilizado como meio de divulgação da propaganda política e ideológica. Os objetos provinham das igrejas e de alguns particulares que nutriam o gosto pelo colecionismo. O acervo consistia essencialmente em escultura em pedra, pintura, numismática, armas, móveis e poucos objetos de arqueologia. A par do museu deu-se interesse às exposições temporárias, aos estudos e ao inventário dos bens artísticos.<sup>44</sup>

Alguns particulares que se conhecem que deram objetos ao museu foram: Engenheiro Joaquim Rosado Padinha que ofereceu a sua coleção de moedas e medalhas, quadros, armas, móveis e objetos de valor, livros documentos, panos, etc; Senhor Filipe Monteiro Santos que ofereceu uma coleção de moedas; e a Senhora Ana Peres ofereceu uma coleção de armas e objetos gentílicos.<sup>45</sup>

O espaço museológico e as intervenções de restauro nos edifícios classificados constituíram pontos de atração turística. O museu localizado no Centro Histórico da cidade faria parte de um circuito turístico. Este percurso, dentro das muralhas, inclui a Igreja da Misericórdia, a Igreja Santa Maria do Castelo e o Castelo.<sup>46</sup>

Para a instalação do museu e da biblioteca tornou-se urgente oficial a Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais a necessidade de reparar o telhado da igreja da

---

<sup>44</sup> LOPES, Marco - *O ambiente museológico em Tavira no Estado Novo – Memória, Propaganda e Turismo*. Évora: Universidade de Évora., 2005. Tese de Mestrado, p. 56-57

<sup>45</sup> Arquivo Histórico Municipal, Livro n.º 39, Actas da Câmara Municipal de 27 de Novembro de 1937 a 20 de Setembro de 1941, Sessão de 2 de Maio de 1940, fl. 89

<sup>46</sup> *Povo Algarvio*, 6 de Outubro de 1946, Ano XII, N.º 639, p. 2

Misericórdia e a conservação das dependências do edifício.<sup>47</sup> Em 1943, na Igreja da Misericórdia caiu o teto da sacristia.<sup>48</sup> Esta igreja sofreu várias reparações nas décadas de 1940, 1950 e 1960. O “Povo Algarvio” anunciou duas reaberturas da Biblioteca, uma em 1946<sup>49</sup> e outra em 1957.<sup>50</sup> Daqui pressupomos que o edifício que albergava tanto o Museu como a Biblioteca esteve algumas vezes fechado devido a problemas estruturais e sujeito a reparações.

O Senhor António Cabreira<sup>51</sup>, em 1942, doou o seu prédio (atualmente o Arquivo Histórico Municipal de Tavira) à Câmara Municipal de Tavira para a instalação do Museu e Biblioteca ou Arquivo Municipal.<sup>52</sup> <sup>53</sup> O edifício anexo à Igreja da Misericórdia onde estava instalado o museu e a biblioteca era arrendado à Santa Casa da Misericórdia.<sup>54</sup>

No final da década de 1950, o “Povo Algarvio” volta a abordar o pequeno museu e pede a entrega ao Município de insígnias, estandartes, bandeiras e outros símbolos representativos de organizações cidadinas já desaparecidas para enriquecer o museu da terra e contribuir para a elevação do seu nível.<sup>55</sup>

---

<sup>47</sup> Arquivo Histórico Municipal, Livro n.º 39, Actas da Câmara Municipal de 27 de Novembro de 1937 a 20 de Setembro de 1941, Sessão de 28 de Março de 1940, fl. 80 v.º

<sup>48</sup> *Povo Algarvio*, 26 de Setembro de 1943, Ano X, N.º 481, p. 2

<sup>49</sup> *Povo Algarvio*, 7 de Abril de 1946, Ano XII, N.º 613, p. 2

<sup>50</sup> *Povo Algarvio*, 9 de Junho de 1957, Ano XXIV, N.º 1195, p.1

<sup>51</sup> António Cabreira nasceu a 30 de Outubro de 1867. Era um homem multifacetado que escreveu sobre diversos temas e era monárquico. Além de colecionador de cargos académicos e honoríficos era empreendedor em criar instituições. Usou o título de Conde de Lagos. Consultar: PINTO, Pinto - *Monarquia versus República – os irmãos António e Tomás Cabreira*. A 1.ª República em Tavira. Transformações e Continuidades. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 2010, p. 36-47

<sup>52</sup> Arquivo Histórico Municipal de Tavira, Pasta A65, n.º 8307, Relatório da Gerência do ano de 1944, folhas 8-9, Paços do Concelho, 5 de Janeiro de 1945

<sup>53</sup> Arquivo Histórico Municipal, Livro n.º 40, Actas da Câmara Municipal de 6 de Outubro de 1941 a 26 de Outubro de 144, Sessão de 20 de Agosto de 1942, fl. 49

<sup>54</sup> Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia, Correspondência Expedida, Ofício n.º 127 de 9 de Novembro de 1938

<sup>55</sup> *Povo Algarvio*, 15 de Novembro de 1959, N.º 1.323, Ano XXVI, pp. 1-2

Em 1961 surge pela primeira vez a vontade de criar um Museu Arqueológico e Lapidar no cemitério de São Francisco.<sup>56</sup> Em 1963, a Comissão Municipal de Turismo manifesta o interesse na criação de um Museu de Arte Sacra na Cidade.<sup>57</sup> Esta nova proposta estava relacionada com a oferta turística. A Indústria do Turismo no Algarve foi incrementada na década de 1960, marcada pelo início da construção de grandes hotéis e estâncias balneárias, sendo rendosa, de interesse nacional e apoiada pelo Secretariado Nacional de Informação (SNI).

Nos finais da década de 1960, a autarquia propôs reformular o museu com o apoio das comissões municipais de arte, arqueologia e turismo. Este projeto previa uma rede de museus, um de arte sacra no edifício anexo à Igreja da Misericórdia, outro de etnografia e numismática na casa que António Cabreira doou ao Município de Tavira e ainda outro de pedras tumulares e brasonadas no jardim da Igreja de São Francisco.<sup>58</sup> Em Novembro de 1967 a Câmara Municipal nomeou uma comissão a fim de trabalhar para instalar num curto lapso de tempo o Museu de Arte Sacra e o Museu Arqueológico e Regional.<sup>59</sup> Em 1968, foi feita uma diligência com urgência para a câmara tomar posse do imóvel doado para instalar a Biblioteca e o Museu.<sup>60</sup> Em 1970, cedeu-se à Câmara Municipal de Tavira, para a instalação da secção de Arte Sacra do Museu de Tavira, o edifício da Igreja da Misericórdia e dependências incluindo empréstimo de painéis, quadros, paramentos, alfaias e imagens de santos.<sup>61</sup>

O terceiro quartel do século XX, em Portugal corresponde a uma fase marcada pela própria alteração da conceção do museu tendo conhecimento do que se fazia além-fronteiras. Os museus passam a desempenhar uma missão artística, científica e uma missão

---

<sup>56</sup> *Povo Algarvio*, 9 de Julho de 1961, N.º 1.410, Ano XXVIII, p. 4

<sup>57</sup> *Povo Algarvio*, 28 de Abril de 1963, N.º 1.507, Ano XXIX, p. 1 e 3

<sup>58</sup> LOPES, Marco - O (re)nascido do Museu Municipal: programa e perspectiva de futuro. *A Realidade Museológica no Algarve. Perspectivas para o século XXI. Museal*. Faro: Museu Municipal de Faro, N.º 1 (2006), p. 52-53

<sup>59</sup> *Povo Algarvio*, 18 de Novembro de 1967, N.º 1.744, Ano XXXIV, p. 1 e 2

<sup>60</sup> Arquivo Histórico Municipal, Livro n.º 56, Actas da Câmara Municipal de 6 de Dezembro de 1966 a 20 de Março de 1968, Sessão de 17 de Janeiro de 1968, fls. 171-171 v.º

<sup>61</sup> Arquivo Histórico Municipal, Livro n.º 59, Actas da Câmara Municipal de 5 de Agosto de 1970 a 22 de Dezembro de 1971, Sessão de 3 de Fevereiro de 1971, fls. 84-84 v.º

educativa e social e não serem apenas instituições com a finalidade de conservação de objetos. O museu deve ser um organismo cultural ao serviço da comunidade. As exposições devem exercer uma ação pedagógica de forma a suscitar interesse ao público. Este período manifesta-se ainda pela preocupação da formação do pessoal afeto aos museus, sobretudo no que diz respeito ao diretor do museu, ao conservador de museu e ao museólogo.<sup>62</sup> Deste modo, o museu democratiza-se com igualdade de acesso para todos deixando de pertencer às elites, no entanto isto estava longe da realidade da maioria dos museus portugueses.<sup>63</sup>

Face a estas mutuações que se deram na museologia nesta fase, terá havido consciência pelo Município de Tavira de que o Museu Municipal de Tavira seria já um museu ultrapassado? Pressupõem-se que a exposição pouco teria mudado desde a sua inauguração. Numa notícia de opinião no “Povo Algarvio” assinado por A.G. em Agosto de 1964 comenta:

Do Museu de Arte Sacra (...), Deus nos livre igualmente, pois ostentaria uma burla para a arte e para a sacralidade.

Mas todas as cidades têm a obrigação cultural e social de organizar o seu museu arqueológico, como documento de arte, subsídio histórico e informativo para elucidação do público, visto que existe uma instrução pública ampliada em Educação Nacional.<sup>64</sup>

Nenhum destes núcleos foi concretizado devido à falta de financiamentos e assim este projeto acabou por morrer.

Após o 25 de Abril de 1974, com o regime democrático, o antigo Museu Municipal aproximou-se do seu fim e acabou por fechar. A Biblioteca foi transferida para o edifício doado por António Cabreira em inícios de 1981.<sup>65</sup> Pressupõem-se que o museu terá encerrado entre 1980 e 1981. O edifício onde estava instalado o Museu e a Biblioteca foi devolvido à Misericórdia e parte dos bens expostos foram transferidos para o Cofre Municipal.

---

<sup>62</sup> DECRETO-LEI n.º 46 758 de Dezembro de 1965. Diário do Governo, I-Série. 286 (18-12-1965) 1696

<sup>63</sup> LIRA - Museus no Estado Novo: continuidade ou mudança? p. 195-196

<sup>64</sup> *Povo Algarvio*, 16 de Agosto de 1964, Ano XXXI, N.º 1574, p. 4

<sup>65</sup> Arquivo Histórico Municipal, Livro n.º 77, Actas da Câmara Municipal de 6 de Janeiro de 1981 a 28 de Abril de 1981, Sessão de 14 de Abril de 1981, fls. 319-319 v.º

Os moldes em que este museu foi criado perderam sentido e a Museologia ganha outro novo rumo. O Museu Municipal de Tavira regressa em finais da década de 1990, mas em moldes diferentes. Os museus são manifestações de uma dada época e sociedade a que pertencem e a sua debilidade é por vezes atravessada por transformações sociais, económicas e políticas que podem levar ao seu encerramento ficando os seus bens apenas valorizados por anteriores gerações e completamente esquecidos.

### **3. A Nova Museologia**

Após o 25 de Abril de 1974, com a democracia, surgiram novas orientações na política do património. Os museus democratizaram-se e começaram a promover os novos valores políticos e sociais como a democracia, a liberdade de expressão, a igualdade de direitos, etc.

O universo de Património cultural foi ampliado, ou seja do tradicional objeto artístico caminhou-se para a diversidade patrimonial, que em Portugal ocorreu a partir dos anos cinquenta. Entre 1972 e 2003 caracterizou-se pela integração continuada de novos patrimónios. A década de 1970 é marcada pela integração de uma grande variedade de tipologias. Com este alargamento do conceito de património levou à renovação de antigos museus e criação de novos museus. Esta mudança deveu-se à própria dinâmica da sociedade que começou a exigir um património mais diversificado e próximo das manifestações culturais locais. Os patrimónios tornaram-se fatores fundamentais e estruturantes da sociedade. Em 2003 torna-se importante a salvaguarda do Património Cultural Imaterial, centrado nas tradições e memórias coletivas.<sup>66</sup> Em Portugal, no final do século XX aumentaram as iniciativas locais ligadas às políticas culturais e turísticas dos municípios, que corresponderam a novas abordagens de património e musealização.<sup>67</sup> Atualmente, a nova Museologia aposta no desenvolvimento das populações a partir dos seus recursos internos.

---

<sup>66</sup> FOLGADO, Deolinda - Património inclusivo. Das expectativas aos desafios. *100 anos de património. Memória e Identidade. Portugal 1910-2010.*, 2.ª ed. Lisboa: IGESPAR, 2011, p. 323-325

<sup>67</sup> MOUTINHO, Mário - Os museus portugueses perante a sociomuseologia. *100 anos de património. Memória e Identidade. Portugal 1910-2010.*, 2.ª ed. Lisboa: IGESPAR, 2011, p. 313

Os museus constituem atualmente uma parte da atividade cultural onde se desenvolvem as preocupações cada vez mais centradas na identidade, no lazer, na educação e na socio-economia. São bens essenciais à sociedade criados historicamente e circunstancialmente e procuram continuamente os compromissos necessários para a sua existência face a uma sociedade em constante mudança. O museu é o reflexo das conjunturas sociais, culturais e económicas de cada momento da sua história.

O museu é uma instituição com personalidade jurídica, com ou sem fins lucrativos, aberta ao público, ao serviço da sociedade, e que tem como características essenciais o trabalho permanente com o património cultural (natural, paisagístico, tangível, intangível, etc) e a sua apresentação em exposições. Os museus colocam-se ao serviço da sociedade contribuindo para a construção identitária, produção de conhecimentos e de lazer, desenvolvimento de programas, projetos e ações utilizando o património cultural com fins educacionais, turísticos, de inclusão social, comunicação, exposição, investigação, inventário, conservação e democratização do acesso. Os poderes públicos, enquanto suporte essencial à sobrevivência dos museus, devem prestar um serviço público na salvaguarda do património, na afirmação pública dos museus e na atração de novos públicos.

O museu local ou regional tem essencialmente como fim promover o desenvolvimento local, aberto a toda a participação popular e com funções diversificadas centradas sobretudo na identidade, na atração turística, na animação cultural e na valorização dos produtos locais. Este museu participa no desenvolvimento da sociedade através do conhecimento, da salvaguarda e da divulgação da cultura/identidade da comunidade e das relações Homem/meio ambiente natural. Os bens culturais são valorizados através da aproximação entre o património cultural e as gentes locais. No património cultural está o reconhecimento da pertença: “Os Museus nascem do desejo humano de preservar aquilo que reflete a sua imagem no espelho real. É esta vontade do humano de ser refletido, uma característica própria do ser humano que funda e legitima o que chamamos de “património”.”<sup>68</sup>

---

<sup>68</sup> SOARES, Bruno C. Brulon; SCHEINER, Tereza C. M. - A chama interna: Museu e património na diversidade e identificação. *Museologia e Património*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Vol. 3. N.º 1 (2010), p. 18

O património é o resultado de definições de critérios de seleção ao longo do tempo do que numa dada coleção de um museu, será adquirido, preservado e guardado para a posterioridade e o que será descartado.<sup>69</sup> Cada geração é responsável por uma seleção que se faz em relação a um património cultural em constante mudança.

Os museus lidam com coleções constituídas por objetos físicos, tangíveis, que são contextualizadas no âmbito da cultura imaterial, intangível, sendo estes dois aspetos indissociáveis: “O entendimento do objeto museológico expande-se para além do caráter da tangibilidade, buscando incorporar o universo das manifestações culturais em suas representações e suas práticas e não só os produtos da cultura material centrados nos objetos.”<sup>70</sup>

O património deve ser dado a conhecer juntamente com a documentação a ele associada, de uma forma alargada que ultrapasse as paredes das instituições. A utilização das tecnologias de informação, a informatização dos inventários ou a criação de *Websites* são instrumentos que alargam o público e permitem projetar a imagem do museu, do seu património e das suas atividades. A era da informação e das novas tecnologias provocou profundas transformações na sociedade e, deste modo, no meio museológico, em que se passou do local para o global.

Em 2006, os museus existentes na região do Algarve eram em termos absolutos o mais baixo do continente português, não esquecendo que se trata de uma região de baixa densidade populacional. A proliferação de museus e núcleos museológicos dá-se sobretudo no final da década de 1990. Predominam os museus de tutela autárquica, poucos ligados à administração central e nenhuns dependentes da Direção Geral do Património Cultural.<sup>71</sup>

---

<sup>69</sup> BRITO, Joaquim País de - O museu entre o guarda e o que mostra. *Museus, Discursos e Representações*. Porto: Edições Afrontamento, 2006, p.150

<sup>70</sup> LIMA, Diana Farjalla Correia. - Museu, poder simbólico e diversidade cultural. *Museologia e Património*, Vol. 3, N.º 2 (Jul./Dez. 2010), p.25

<sup>71</sup> CAMACHO, Clara Frayão - O Panorama Museológico do Algarve e a Rede Portuguesa de Museus. *A Realidade Museológica no Algarve: perspectivas para o século XXI*. *Museal*. Faro: Museu Municipal de Faro, N.º 1 (Mai 2006), p. 16

### 3.1. O atual Museu Municipal de Tavira

Hoje em dia, o Museu Municipal de Tavira já não é o “depósito de obras” que caracterizou os primórdios da iniciativa museológica. O atual museu criado em fins da década de 1990, dependente da Câmara Municipal de Tavira, de carácter territorial, está inserido nesta nova tendência museológica relacionada com o alargamento do conceito de património museológico, a descentralização de unidades museológicas e a introdução de novas práticas de Museologia. Tem um papel social e científico e participa no desenvolvimento local através do estudo, da interpretação, da salvaguarda, da divulgação e da valorização do património cultural e natural entendido como uma herança coletiva, na sensibilização dos poderes político e económico para os particularismos regionais e na contribuição para a reabilitação de saberes tradicionais. Os objetos são explorados no seu contexto geográfico, social, cultural e económico sendo importante a aproximação e participação da comunidade no estudo e na valorização do património cultural.<sup>72</sup>

As suas funções essenciais como instituição museológica são: recolha, inventário e registo, conservação e restauro, investigação, divulgação, ação cultural e educativa. A sua constituição teve, como qualquer museu, a existência de uma coleção de objetos independentemente da sua existência. Esses objetos, para além do seu valor intrínseco, transmitem informações ligadas à história, ao ambiente social, à economia, ao progresso tecnológico, etc, em relação à sua época e que são informações importantes para o conhecimento da cultura material. O museu tem assim como fim, além de conservar esses objetos, estudá-los e apresenta-los no contexto espaço temporal.

O Museu Municipal de Tavira incide o seu interesse tanto em exposições contemporâneas como em exposições que mostram a sua história e cultura local e daí a importância da arqueologia e etnografia. Sendo um museu polinucleado, ou antes uma entidade museológica descentralizada constituída por vários núcleos temáticos dependentes de uma sede, procura cumprir a quase totalidade das funções museológicas e o garante da sustentabilidade de todo o sistema. Formado nos finais de 1990 e baseado no modelo ecomuseu ou museu de território, a criação de núcleos museológicos deveu-se à iniciativa autárquica com o fim da valorização e descentralização cultural. Sendo um museu

---

<sup>72</sup> CARTAXO, Joana; LOPES, Marco - O Museu Municipal de Tavira: retrato de um território. *Tavira: Vila Adentro, Cidade Renovada*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 2005, p. 101-102

polinucleado, os núcleos museológicos estão estabelecidos em locais fisicamente autónomos da sede com coleções próprias e atividades diversas, mas com uma ligação institucional e orgânica dependente daquele. Cada núcleo museológico comporta os principais serviços técnicos que permitem o cumprimento adequado das funções museológicas indispensáveis. Este museu polinucleado tem como fim a valorização dos patrimónios locais, próximo das populações. Os distintos núcleos desenvolvem distintas temáticas promovendo a valorização do acervo museológico arqueológico, etnográfico, religioso, industrial e contemporâneo. Alguns núcleos museológicos, relacionados com o património arqueológico, estão ligados a evidências preservadas “in situ” e interpretadas museograficamente. Também o património religioso, pertencente ao Município, forma núcleos de arte sacra destinados a valorizar espaços abandonados pelo culto.<sup>73</sup>

O edifício sede é o Palácio da Galeria, que está implantado na encosta nascente do castelo em sítio proeminente da cidade de Tavira. É um elemento importantíssimo na paisagem urbana. Este imóvel de arquitetura civil oferece testemunhos medievais que traduzem sobretudo nas cantarias de arcos quebrados dos séculos XIV-XV e que sofreu alterações sucessivas ao longo dos tempos com vestígios arquitetónicos dos diferentes períodos. Recebeu uma grande campanha de obras a partir de 1753, a qual denuncia a sua fachada principal.<sup>74</sup> As suas primeiras referências históricas remontam ao século XVI sendo um edifício habitacional. Em 1863 foi adquirido pela Câmara Municipal de Tavira e foi instalado o Tribunal Judicial. Este edifício sofreu obras de reparação indispensáveis nos finais da década de 1930.<sup>75</sup> No início da década de 1950 sofreu obras de adaptação para instalar a Repartição das Finanças e a Tesouraria da Fazenda Pública.<sup>76</sup> Também funcionou a Escola Primária Masculina que permaneceu até 1948. O Tribunal e as Finanças funcionaram até 1960. Em 1960 o edifício sofre obras de adaptação pra instalar a Escola

---

<sup>73</sup> Ver o *Site* do Museu Municipal de Tavira. Disponível na Internet <URL: <http://www.cm-tavira.pt/site/.../museu-de-território-palácio-da-galeria-e-núcleos>

<sup>74</sup> SANTANA, Daniel Santana -Arquitetura Histórica de Tavira – uma síntese. *Tavira: Vila Adentro, Cidade Renovada*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 2005, p. 29, 41

<sup>75</sup> Arquivo Histórico Municipal de Tavira, Pasta A64, N.º 1769, Orçamento Ordinário da Receita e Despesa da Câmara Municipal do Concelho de Tavira para o ano económico de 1939, p. 31

<sup>76</sup> Arquivo Histórico Municipal de Tavira, Pasta A67, N.º 8398b, Plano de Atividades para o ano de 1950 da Câmara Municipal de Tavira, 5 de Setembro de 1949, fl. 1

Técnica de Tavira<sup>77</sup> que permaneceu até 1980.<sup>78</sup> Após a transferência do ensino secundário para novas instalações, foi proposto dar uma nova utilidade ao imóvel e colocou-se a hipótese de instalar salas de conferência e o Museu Municipal (o antigo museu já teria sido extinto nesta altura), alertando para as necessárias obras de conservação do edifício.<sup>79</sup> O Palácio da Galeria ficou sem nenhuma utilidade e ao abandono até às obras de reabilitação em 1999.

Antes da reabilitação o edifício encontrava-se em estado de degradação avançada. As obras da primeira fase decorreram entre 2000 e 2001. A sua inauguração foi a 5 de Outubro de 2001. A par das obras de reabilitação decorriam as escavações arqueológicas na entrada principal de uns poços votivos fenícios com cerca de 3,50 metros de profundidade. Devido a estes achados arqueológicos houve alterações ao projeto inicial.<sup>80</sup> A reabilitação deste imóvel conferiu a salvaguarda do património como valorização histórica. Criou-se assim uma área museológica que fomenta a animação de atividades culturais. A intervenção evidenciou também a valorização dos testemunhos arqueológicos postos a descoberto durante as obras e que foram reintegrados e contextualizados no edifício.<sup>81</sup> O Palácio da Galeria foi classificado como monumento de interesse público devido ao seu valor estético, técnico e material intrínseco, à sua conceção arquitetónica, urbanística e paisagística e memória coletiva.<sup>82</sup>

O Palácio da Galeria está dividido em duas áreas expositivas, Edifício Central e Pavilhão Medieval, que têm vindo a apresentar importantes exposições temporárias com integração de acervo municipal como “Espírito e Poder. Tavira nos tempos da modernidade”, em 2006, “Tavira, Patrimónios do Mar”, em 2008, “Cidade, Mundos

---

<sup>77</sup> Arquivo Histórico Municipal de Tavira, Pasta A71, N.º 6301b, Relatório de Gerência da Câmara Municipal do Concelho de Tavira, fl. 1

<sup>78</sup> ANICA, Arnaldo Casimiro - *Tavira e o seu Termo – Memorando Histórico*. Vol. II. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 2001, p.212-213

<sup>79</sup> Arquivo Municipal de Tavira, Livro N.º 76, Actas de 2 de Setembro de 1980 a 30 de Dezembro de 1980, Sessão de 9 de Dezembro de 1980, fls. 287-287v.º

<sup>80</sup> Concurso Público para a Empreitada de Restauro e Adaptação do Palácio da Galeria. DOME. Câmara Municipal de Tavira, 1999

<sup>81</sup> Concurso Público para a Empreitada de Restauro e Adaptação do Palácio da Galeria, cit 31ira, 1999

<sup>82</sup> PORTARIA n.º 888/2013 de Dezembro de 2013. Diário da República. II-Série. 240 (11-12-2013) 35477

Rurais. Tavira e as Sociedades Agrárias”, “A 1.<sup>a</sup> República em Tavira. Transformações e Continuidades” em 2010, e “Fotografar. A família Andrade, olhares sobre Tavira ” em 2011, além de importantes exposições de arte contemporânea com artistas de referência como Bartolomeu Cid dos Santos, Günter Grass, Pedro Cabrita Reis, Júlio Pomar, Vieira da Silva, Luis Gordillo, Paula Rêgo, entre outros, exposições coletivas com a Fundação da Caixa Geral de Depósitos e exposições temáticas como a Fundação Calouste Gulbenkian ou a Portugal Telecom. Atualmente, no Pavilhão Medieval encontra-se a exposição temporária “Dieta Mediterrânea” e o Edifício Central a exposição “Memória e Futuro” dedicada ao trabalho realizado pelo Museu Municipal de Tavira desde a sua criação.

Os outros núcleos expositivos são a Ermida de Santa Ana, a Ermida de São Sebastião, Igreja de São Gonçalves Telmo, o Núcleo Expositivo da Pousada de Tavira, o Núcleo Museológico de Cachopo, o Núcleo Islâmico e o Centro Interpretativo de Abastecimento de Água a Tavira. Todos estes núcleos sofreram obras de reabilitação, exceto o Núcleo Expositivo da Pousada de Tavira que se encontra num edifício construído de raiz.

Fruto da cooperação entre a Câmara Municipal de Tavira e o Centro Paroquial de Cachopo foi inaugurado o Núcleo Museológico de Cachopo, na antiga Casa dos Cantoneiros, em 30 de Julho de 2000, com a exposição intitulada “A Vida da Serra”. Trata-se de um percurso expositivo que divide-se em três vertentes de interpretação da vida serrana: “O Cachopo no Tempo”, que aborda a problemática do povoamento da serra, suas continuidades e flutuações; “A Serra e a Vida”, que refere a problemática da serra como lugar de coexistência entre o homem e a natureza; e “Os Trabalhos e os Dias”, que apresenta uma prestativa geral do quotidiano das gentes da serra, dando ênfase aos trabalhos domésticos e aos fabricos artesanais. Este núcleo remete para o seu exterior através de uma caracterização do território desta freguesia nos seus múltiplos aspetos geográficos, económicos, sociais, históricos, artísticos e tecnológicos convidando o visitante a explorar o território e a interagir com a população local.

Tanto a Ermida de Santa Ana como a Ermida de São Sebastião são espaços bivalentes, funcionando como núcleos museológicos de arte sacra e locais de realização de eventos de natureza cultural. Ambas são construções de pequenas dimensões.

A Ermida de Santa Ana situa-se numa elevação que a coloca diante da antiga cintura amuralhada da cidade, dentro do perímetro do Centro Histórico, virada para oeste tendo por perto o rio Gilão. Fruto das obras de requalificação urbana que tiveram lugar no alto de Santa Ana, a Ermida não só veio a observar a restrição da circulação automóvel na zona, como também passou a dispor na sua envolvente de uma ampla área de circulação pedonal. Este templo de origem medieval serviu de capela primitiva do Governador do Algarve a partir do século XVIII. O edifício, entre 2003 e 2006, sofreu obras de recuperação e adaptação a equipamento cultural, sendo que as intervenções se desenvolveram ao nível da estrutura do edifício.

A Ermida de São Sebastião situa-se fora das muralhas da cidade precisamente na Atalaia, afastado do rio Gilão. Sofreu obras de requalificação com uma ampla área de circulação pedonal à sua volta. Este templo foi construído em honra ao santo mártir *São Sebastião* a que se atribui o poder de conter epidemias e contágios. A origem desta construção será provavelmente medieval. A sua reconstrução ocorreu em 1745 a partir das ruínas pré-existentes e a obra foi atribuída ao arquiteto Diogo Tavares de Ataíde. A exuberante obra de pintura do interior da ermida foi realizada por Diogo de Mangino.

A Igreja de São Pedro Gonçalves Telmo é um templo de origem quinhentista inicialmente com formulário do Renascimento. A nave está separada da capela-mor por um arco triunfal renascentista. Foi restaurado em 1756, após ter sido afetado pelo terramoto de 1 de Novembro de 1755, por Diogo de Tavares Ataíde, com atualização da decoração nos moldes barrocos. O teto da nave, da capela-mor e sanca está revestido com uma pintura ilusionista sobre madeira produzida em 1765 por Luís António Pereira, sendo um dos melhores exemplares do Algarve. Esta igreja foi construída em honra São Pedro Gonçalves Telmo, padroeiro dos marinheiros e pescadores. Desde 1992 que esta igreja pertence ao Centro Regional de Segurança Social do Algarve. Foi efetuado um contrato entre a Segurança Social e o Município de Tavira em que o último ficou com o direito de usufruir do imóvel por um prazo de 20 anos. A Igreja foi classificada como Imóvel de Interesse Público.<sup>83</sup> De reabilitação recente, terminada em meados de 2014, ainda não foi dada

---

<sup>83</sup> PORTARIA n.º 740-EN/2012 de Dezembro de 2012. Diários da República. 2.º Suplemento, II-Série. 252 (31-12-2012) 41180-(49)

qualquer função a este templo, no entanto pressupõem-se será mais um polo museológico de arte sacra com eventos culturais.

Na Pousada de Tavira (antigo Convento da Graça) foi criado um espaço museológico, que abrange a musealização do bairro Islâmico Almóada datado de fins do Século XII e princípios do Século XIII com a incorporação de objetos arqueológicos, em cerâmica e osso trabalhado, encontrados nessas mesmas ruínas e relacionados com a vida doméstica. O Núcleo Expositivo situa-se num dos dois edifícios novos construídos em betão à volta do antigo Convento da Graça. Este edifício está virado para Noroeste e a sua localização corresponde à antiga Cerca Conventual, situada entre o Convento e a antiga muralha medieval. O bairro islâmico era constituído por treze casas com habitações organizadas em torno de um pátio central, pavimentos em pedra, em ladrilhos de cerâmica, em terra batida, em argamassa e cal, paredes revestidas com diversas qualidades de argamassas, muros em alvenaria, telhas derrubadas, áreas de circulação pública e presença de canalizações. Apenas cerca de um quarto do bairro islâmico descoberto foi musealizado. A colocação de estrados com gradeamentos metálicos alternados com e corrimão em madeira com suporte em metal pintado permite a circulação do público sem tocar nas ruínas e ter acesso às vitrinas.

O edifício onde funcionou o antigo Banco Nacional Ultramarino foi convertido no Núcleo Islâmico e em 2012 foi inaugurado este importante espaço interpretativo e expositivo com a musealização de uma parte da muralha islâmica e com espólios recolhidas de intervenções no Centro Histórico das duas últimas décadas relacionado com a ocupação Islâmica em Tavira. A muralha em taipa ciclópica do século XII atravessa interior do edifício e foi construída em cal, areia e pedras revestida com painéis de pedras aparelhadas. O Núcleo Islâmico tem duas áreas expositivas dispostas em dois pisos. O acervo arqueológico exposto no primeiro piso consiste numa exposição permanente de bens provenientes das escavações realizadas no Centro Histórico de Tavira e datam entre os séculos X e XIII. O famoso Vaso de Tavira encontra-se destacado numa vitrina isolada. No segundo piso têm sido realizadas exposições temporárias.

A Estação Elevatória da Fontinha situada na Rua dos Pelames, em Tavira, foi convertida em Centro Interpretativo do Abastecimento de Água a Tavira. Este edifício trata-se de um projeto de Alves Costa e foi construído entre 1929 e 1932. A estação

Elevatório funcionava conjuntamente com o depósito de água. A recuperação foi feita com materiais e técnicas tradicionais idênticos aos originais do edifício e característicos da região.<sup>84</sup> No interior do edifício encontra-se a bomba de água que é uma estrutura constituída essencialmente por várias partes em ferro fundido (Figura: 1.3 na página 145). Esta estrutura de património industrial foi recuperada em junho de 2009. Este pequeno núcleo criado a partir do aproveitamento de uma antiga estrutura constitui um testemunho importante do papel desempenhado por esta atividade em Tavira. Além de ter contribuído para fomentar o desenvolvimento cultural, social e turístico da cidade, esta infraestrutura representa uma atividade humana passada sendo um fator de identidade da comunidade preservada na memória das populações, que se sente reconhecida e recordada neste legado que nos deixou os antecessores.<sup>85</sup>

Além dos núcleos museológicos, o Museu Municipal detém os seguintes serviços: centro de documentação, gabinetes de investigação em arqueologia, história de arte e antropologia, serviço educativo e laboratório de conservação e restauro. Os serviços do museu funcionam no Palácio da Galeria, exceto o laboratório de conservação e restauro e o gabinete de arqueologia, que estão localizados noutra edifício, perto da sede. O pessoal afeto ao Museu Municipal de Tavira tem formação em áreas disciplinares distintas e está enquadrado no organigrama municipal na Divisão de Cultura, Património e Turismo, e compõe-se da seguinte forma: uma arquiteta, uma antropóloga, uma historiadora; um historiador de arte, uma artista plástica ligada ao serviço educativo, dois técnicos profissionais de arqueologia, três arqueólogos e uma técnica superior de conservação e restauro. A organização funcional envolve todos os objetivos da atividade do museu repartida pelo trabalho de investigação, incorporação, conservação, documentação, interpretação e divulgação. O inventário encontra-se informatizado no *InPatrimonium*. O museu já tem a sua *Website* disponível.

Várias personalidades tavirenses deixaram-nos escritas as suas memórias sobre a cidade assim como vários investigadores que se debruçam sobre o estudo do território,

---

<sup>84</sup> E06/08/CP- Reabilitação da Rua dos Pelames e Rua Gonçalo Velho, Câmara Municipal de Tavira

<sup>85</sup> MENDES, José Amado - Uma Nova Prespectiva sobre o Património Cultural: Preservação e Qualificação de Instalações Industriais. *Gestão e Desenvolvimento*, N.º 9 (2000) p. 205. Disponível na Internet <URL: [http://www4.crb.ucp.pt/.../GestaoDesenv/GD9/gestaodesenvolvimento9\\_197.pdf](http://www4.crb.ucp.pt/.../GestaoDesenv/GD9/gestaodesenvolvimento9_197.pdf)

sendo um precioso contributo para a preservação da nossa identidade para as gerações vindouras. São mencionados alguns nomes. Entre as várias personalidades tavirenses contribuíram Maria do Rosário Brás Cavaco Afonso, Arnaldo Casimiro Anica, Maria José Campos, Damião de Vasconcelos, Adérito Fernandes Vaz, Ofir Chagas, Oliveira d' Ataíde, António Miguel Galvão e Rui Salvé Rainha. Como arqueólogos Jaquelina Covaneiro, Sandra Cavaco, Manuel Maia, Maria Maia e Catarina Viegas. Como historiadores de arte Daniel Santana, Rita Manteigas, Francisco Lameira, Vítor Serrão, Catarina Marado e Isabel Macieira. Como sociólogo Jorge Queiroz. Como antropólogas Joana Cartaxo e Luísa Ricardo. Como historiadores Carlos Campaniço, Óscar Pinto e Marco Lopes. Como geógrafo Alberto Corvo.

É importante no futuro continuar o estudo do território nas várias vertentes, a continuação da recolha de objetos que sejam de interesse marcadamente museológico, de história local e a sua valorização de forma a reforçar a identidade local. É importante a realização de fotografias, entrevistas e filmagens de forma a criar registos de memórias que poderão ter interesse para usos futuros.

A valorização do património de Tavira tem vindo a ganhar relevo social e admissão nas políticas da autarquia. A candidatura “Dieta Mediterrânea” foi apresentada no dia 4 de Dezembro de 2013, no Azerbaijão, na 8.<sup>a</sup> sessão do Comité Intergovernamental para a salvaguarda do Património Imaterial da UNESCO, onde está representada a Câmara Municipal de Tavira como sua representante e que assegurou o processo técnico. O património cultural imaterial é um contributo para o reforço de uma estratégia de desenvolvimento do Museu Municipal de Tavira.

O Museu Municipal de Tavira pertence à Rede Portuguesa de Museus (RPM) e à Rede de Museus do Algarve (RMA). A RPM teve como fim criar um sistema de mediação e de articulação entre entidades de índole museal com o objetivo de promover a comunicação e a partilha para a qualificação da realidade museológica portuguesa. O Museu Municipal de Tavira aderiu à RPM em 2001 e recebeu apoio financeiro a partir do “Programa de Apoio à Qualificação de Museus” na área do programa museológico, de estudos da coleção de numismática e de material arqueológico, de aquisição de equipamentos e de materiais para acondicionamento de bens em reserva. As ações desenvolvidas pela Rede Portuguesa no Museu Municipal de Tavira foram “Embalagem e

Transporte de Bens Museológicos” e “Inventário do Património Móvel”.<sup>86</sup> Em relação à Rede de Museus do Algarve tem como fim descentralizar a política cultural, reaproveitando os recursos de cada museu da RPM, desenvolver as competências e a qualidade das instituições, promover a colaboração mútua e recíproca para a proteção do património regional e criar uma rede de informação a nível regional.<sup>87</sup> Da RMA fazem parte cinco grupos que desenvolvem projetos de interesse regional: NET, Património Cultural Imaterial, Conservação e Restauro, Arqueologia e Educação.

A existência do museu começou com as suas coleções. Apenas uma parcela dos objetos guardados são de alcance público. Os que não são visíveis ao público estão recolhidos em espaços denominados por reservas. As reservas serão o tema de desenvolvimento principal deste estudo e irão ser abordadas nos próximos capítulos.

A constituição das coleções do Museu Municipal de Tavira data de finais da década de 1990. As coleções são muito díspares e maioritariamente de proveniência local. A conservação e restauro das coleções arqueológicas e etnográficas municipais estão a cargo da técnica do município, enquanto os bens artísticos relacionados com as igrejas ficam a cargo de empresas especializadas ou através do protocolos estabelecidos com o Museu Municipal de Faro e o Município de Alcoutim. A proveniência das diferentes coleções e a sua investigação é descrita seguidamente.

#### **a) Coleção de Arqueologia**

As coleções arqueológicas são consideradas bens culturais portadores de valor histórico e são provenientes de escavações, prospeções, sondagens e achados fortuitos. O património arqueológico do museu é essencialmente proveniente das escavações arqueológicas que se tem vindo a realizar no Centro Histórico de Tavira. Neste contexto, aplica-se a expressão “arqueologia urbana” e que implica métodos próprios de escavação devido à sobreposição de sucessivos níveis de ocupação. A arqueologia urbana permitiu

---

<sup>86</sup> CAMACHO, Clara Frayão - O Panorama Museológico do Algarve e a Rede Portuguesa de Museus, p. 19, 23

<sup>87</sup> SOARES, Isabel - Que redes para o Algarve? *A Realidade Museológica no Algarve: perspetivas para o século XXI. Museal*. Faro: Museu Municipal de Faro, N.º 1, (Mai. 2006), p. 31

dar a conhecer o desenvolvimento da cidade de Tavira ao longo dos diferentes períodos através da preservação dos testemunhos. O espaço construído da cidade é um elemento que faz parte da cultura e, deste modo, restituiu-se à sociedade o sentido da sua existência social, histórica e cultural, ou antes a sua identidade: o Centro Histórico de Tavira é um verdadeiro sistema de memória.

Em 1995 dá-se início às escavações no Centro Histórico de Tavira, tanto em edifícios históricos como espaços abertos, na sequência de obras públicas e privadas. Gradualmente a importância da arqueologia vai-se consolidando em Tavira. Os sítios mais importantes escavados foram: antigo Banco Nacional Ultramarino, Netos – Hotelaria e Turismo, Lda, Casa dos Corte Reais, Palácio da Galeria, Convento da Carmo, Edifício Irene Rolo, Largo de Santa Ana, Convento da Graça, Calçada Santa Maria, Parque de Festas, Convento das Bernardas, Compromisso Marítimo e Orfeão. As intervenções foram realizadas pelos arqueólogos Manuel Maia e Maria Maia (Campo Arqueológico de Tavira), pelas arqueólogas Sandra Cavaco e Jaquelina Covaneiro (Câmara Municipal de Tavira), pelas empresas “ERA – Arqueologia, Lda.”, “DRYAS Arqueologia, Lda.” e “Ocrimira, Lda.”.

A ocupação mais recuada de Tavira situa-se na Colina de Santa Maria entre 1000-750 a.C., que corresponde ao Bronze Final. Nos finais do século VIII a.C. surgem os primeiros vestígios fenícios, povo que se estabeleceu durante dois séculos. A colina foi ocupada por populações turdetanas até aos finais do século IV a.C.. Este local ignorado pelos romanos só voltou a ser ocupado entre os séculos X e XI pelos árabes até à atualidade. No século XII inicia-se a expansão da ocupação que irá lentamente progredindo desde a Colina de Santa Maria até ao atual perímetro ocupada pelo Centro Histórico (Figuras: 1.4 e 1.5 na página 146).

As duas últimas décadas em Tavira foram marcadas por um aumento extraordinário do conhecimento sobre a evolução da cidade ao longo dos tempos. No que diz respeito à divulgação dos trabalhos e estudos arqueológicos que têm sido realizados em Tavira dividem-se em dois tipos: para os profissionais da área e assim vários artigos foram publicados em revistas como a XELB e textos de catálogos, edições do Clube de Tavira ou ainda brochuras direcionados para o público em geral. O Campo Arqueológico de Tavira

procedeu ao levantamento da Carta Arqueológica de Cachopo. A freguesia de Cachopo pertence ao Concelho de Tavira e fica a 40 Km da cidade, situada na serra.

No verão de 2013 foi realizado no laboratório de conservação e restauro, *workshops* sobre “Paleodietas”, no âmbito da exposição sobre a “Dieta Mediterrânea”, do Período da Idade do Ferro II, para idades a partir dos doze anos, que incidiu na lavagem de faunas e cerâmicas, puzzles e colagens de fragmentos de cerâmicas e ainda desenho arqueológico.

### **b) Coleção de Etnografia relacionada com a vida agrícola e ofícios**

Os objetos etnográficos são assunto de pesquisa dos investigadores e servem para contar a história dos homens, das sociedades e das culturas. A valorização do objeto etnográfico deve ser feita em relação à sua imaterialidade, ou seja à representação de uma prática, de um modelo, de um universo de símbolos. As coleções etnográficas ajudam a construir memórias, a reforçar os elos de relacionamento identitário e falam de práticas já em desuso. Deste modo, é importante a preservação da memória associada aos objetos, uma vez que aquela deteriora-se muita mais rapidamente que a maioria dos testemunhos materiais a ela associados.

A recolha dos materiais desta coleção iniciou-se no início do século XXI graças ao trabalho efetuado pela antropóloga Joana Cartaxo. Este interesse adveio de um projeto nunca concretizado do Museu da Terra que tinha como fim abordar a agricultura e as atividades afins. Era fruto de cooperação entre a Câmara Municipal de Tavira e a Direção Regional da Agricultura do Algarve (DRAAG) contando com o apoio científico do Museu Nacional de Etnologia e do Instituto Superior de Agronomia.

A assinatura do primeiro protocolo entre a Câmara Municipal de Tavira e a DRAAG data de 5 de Agosto de 1997. O Museu seria instalado no antigo edifício do Posto Agrário do Sotavento Algarvio e ex-Estação Agrária da XV Região Autónoma Agrícola, principais estruturas de apoio à agricultura algarvia a partir do primeiro quartel do século XX e que se situava na zona agrária de Tavira, atual DRAAG. O protocolo previa a recuperação do lagar, do posto meteorológico e das zonas envolventes que seriam integradas no futuro Museu Agrário do Algarve. Do antigo edifício do Posto Agrário

apenas foi recuperado o segundo piso. A 5 de Agosto de 2003 foi feito novo protocolo com a Câmara Municipal de Tavira, a DRAAG, o Instituto Superior de Agronomia e o Museu Nacional de Etnologia com responsabilidades na área da investigação, coordenação científica e executiva do Museu.<sup>88</sup> Tinha ainda como intervenientes o professor País de Brito, a professora Oliveira Baptista e o arquiteto Belém de Lima. Este espaço museológico iria retratar o universo ligado à atividade agrícola algarvia, nas suas múltiplas vertentes: histórica, tecnológica, económica e cultural. O objetivo principal deste museu era valorizar e divulgar o património como instrumentos, equipamentos, documentos, memórias, saberes, fazeres, discursos que assinalavam o quotidiano algarvio ritmado por continuidades e mudanças por tradição e inovação, onde os objetos expostos servem de pretexto para despoletar o interesse pela paisagem humana e natural desta região.

Este projeto nunca foi concretizado. No entanto, foi feito um exaustivo trabalho de investigação das coleções recolhidas, que contou ainda com o apoio de vários estagiários. As coleções são compostas maioritariamente por doações e algumas são empréstimos por um prazo prolongado. Estão relacionadas com a agricultura e com os antigos ofícios de latoeiro, sapateiro e aferidor de pesos e medidas (Figura: 1.6 na página 147).

Ainda de características etnográficas, fazem parte um pequeno conjunto de peças relacionadas com a vida da serra que foram doadas ao Centro Paroquial de Cachopo e que se encontram à guarda do Museu Municipal de Tavira. Este grupo foi inventariado, mas não devidamente estudado. A sua recolha foi feita entre 1998 e 2000.

### **c) Coleção “Zézinho Beja”**

Maria do Rosário Brás Cavaco F. Afonso na sua monografia sobre Santo Estêvão conta-nos como era a Casa Museu do Sr. José de Mendonça Furtado Januário.

O Sr. José de Mendonça Furtado Januário, conhecido como “Zézinho Beja”, nasceu no Arroio, perto da Luz de Tavira. Segundo esta autora, desde os doze anos que colecionava todo o tipo de antiguidades. Tinha um museu particular numa casa localizada

---

<sup>88</sup> TEIXEIRA, Célia - Intranet: [\\dc1\Trabalho\Património\Museus\Museu](#) da Terra Algarvia\2012MUS Terra\_cpereira

numa propriedade em Esterimatens. A casa dispunha de onze salas completamente cheias das mais variadas peças e cada uma dessas salas era identificada em conformidade com o seu espólio, como por exemplo a sala dos candeeiros, a sala dos rapazes, onde se encontravam fotografias de jovens mortos na guerra colonial, a sala religiosa, etc. O espólio era constituído por quadros, vários oratórios, um deles do século XVI, cristais e marfins, cerâmicas do princípio da fábrica da Vista Alegre, esculturas, pratas, porcelanas, azulejos, mobiliário, peças em bronze, louças, coleções de louças inglesas e chinesas, estatuetas de Rafael Bordalo Pinheiro, uma biblioteca em que figurava a história genealógica da Casa Real Portuguesa, uma imagem de Santa Ana do século XV, um presépio assinado por Machado de Castro. Numa das dependências do museu, existia uma capela onde havia arte sacra dos séculos XVI, XVII e XVIII com especial realce para uma cabeça de cristo do século XVIII. O altar da capela era em talha dourada do século XVIII com uma pintura da sagrada família com assinatura de Josefa de Óbidos. Esta casa museu foi considerada pela imprensa como um tesouro público e um dos mais valiosos museus do Algarve. Na década de 1960 era muito procurada por visitantes e constava como paragem obrigatória nos percursos turísticos do Algarve. O proprietário mostrava a casa aos visitantes e acabava muitas vezes oferecendo figos e aguardente de medronho. Para completar as excursões havia sempre uma atuação do rancho folclórico. Numa entrevista dada ao “Jornal do Sul” a 14 de Maio de 1986, o Sr. Mendonça Furtado manifestou o seu interesse em doar a coleção à cidade de Tavira.<sup>89</sup>

No “Povo Algarvio” de 14 de Setembro de 1968 aborda que na quinta do Sr. Mendonça Furtado Januário existia um pequeno museu que atraia centenas de turistas nacionais e estrangeiros e que desde moço cultivava o gosto pelas antiguidades. Tinha vivido em Beja e poucos anos antes tinha transferido a sua residência e todo o seu recheio para a quinta. Semanalmente, a empresa de Viação do Algarve, inscreveu no seu roteiro turístico para os estrangeiros uma visita ao pequeno museu havendo ainda bailarico ao som de harmónio, oferta de passas de figo, amêndoas e outros produtos regionais aos visitantes. De acordo com a descrição do semanário:

São quatro salas peçadas de móveis de estilo, colecções de jarras, de candeeiros, pratos, moedas, quadros, imagens religiosas, etc, etc, dignos de apreciação quer pelo seu valor

---

<sup>89</sup> AFONSO, Maria do Rosário Brás Cavaco - *Monografia de Santo Estêvão*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira/ Caixa de Crédito Agrícola do Sotavento Algarvio, 2008, p. 172-174

artístico quer ainda pela raridade de alguns deles. (...) que prossiga na sua árdua e espinhosa missão de arquivista de peças raras, para que um dia possa legar à sua terra esse pequeno museu com o seu nome.<sup>90</sup>

Em 1970, a Câmara Municipal deliberou o encargo ao então vereador, José Joaquim Gonçalves, de contatar o senhor José de Mendonça Furtado Januário, proprietário das antiguidades, a fim se estaria disposto em ceder o seu património para a Câmara Municipal e em que condições. A casa de Estiramantens era considerada um museu de antiguidades de alto valor e que era cobiçado por outras entidades do Algarve.<sup>91</sup> Passados seis anos, o Senhor José Januário pretende fazer doação de todas as peças que integram o seu museu com vista de o transferir para a posse da Câmara Municipal para que as peças não se dispersem por morte do proprietário.<sup>92</sup> Em 1980, o senhor vereador da cultura, José do Carmo, efetuou diligências junto ao proprietário que na altura já não parecia ter vontade em doar o seu espólio à Câmara. Foi considerado uma pessoa de personalidade difícil sem opinião certa, umas vezes dizia sim e outras não. As peças mais importantes não estavam expostas, mas em caixas com o provável intuito de esconder o material quando se pretendeu fazer o inventário por técnicos do Ministério.<sup>93</sup>

A família do senhor José de Mendonça Furtado Januário decidiu doar a coleção ao Museu Municipal de Tavira. A recolha dos objetos pela equipa do museu deu-se em 1998 e o senhor ainda era vivo, mas com idade muita avançada e completamente cego. Para identificar as peças tinha que as tocar. Infelizmente muitas das peças descritas por Maria José Campos não figuram na atual coleção, provavelmente foram roubadas ou ficaram com os herdeiros. É constituída por uma grande diversidade de tipologias desde cerâmica e vidros a peças etnográficas, livros, jornais, gravuras, fósseis, etc (Figuras: 1.7 e 1.8 nas páginas 148 e 149). Estava prevista a construção de uma Casa Museu em Santo Estêvão destinada a esta coleção que nunca foi concretizada.

---

<sup>90</sup> Povo Algarvio, 14 de Setembro de 1968, N.º 1787, Ano XXXV, p. 1-2

<sup>91</sup> Arquivo Histórico Municipal de Tavira, Livro n.º 58, Actas da Câmara Municipal de 2 de Julho de 1969 a 5 de Agosto de 1970, Sessão de 7 de Janeiro de 1970, fl. 94

<sup>92</sup> Arquivo Histórico Municipal de Tavira, Livro n.º 63, Actas da Câmara Municipal de 4 de Junho de 1975 a 8 de Setembro de 1976, Sessão de 18 de Fevereiro de 1976, fls. 118v.º-119

<sup>93</sup> Arquivo Histórico Municipal de Tavira, Livro n.º 75, Actas da Câmara Municipal de 6 de Maio de 1980 a 26 de Agosto de 1980, Sessão de 17 de Junho de 1980, fs. 106v.º-107

O senhor José de Mendonça Furtado Januário era um colecionador de diferentes tipos de arte e constituiu a sua coleção provavelmente ao sabor do gosto e das vicissitudes da vida. Era o colecionador que entesourava, mas que também exhibia.

#### **d) Coleção do Arraial Ferreira Neto**

Da antiga armação da pesca do atum, Arraial Ferreira Neto, fazem parte um conjunto de objetos que se encontram expostos num Núcleo Museológico que pertence ao Hotel Albacora. Alguns desses bens pertencem ao Município de Tavira. Numa das reservas do Museu Municipal de Tavira encontram-se os azulejos da Escola do Arraial Ferreira Neto, datados da década de quarenta do século XX. O painel de azulejos revestia duas paredes exteriores da entrada principal e três na entrada lateral de acesso aos sanitários da escola primária. Infelizmente, durante as obras de reabilitação e adaptação deste complexo a Hotel Albacora, no ano 2000, não se preservou no edifício da antiga escola o painel de azulejos original, tendo sido substituído por uma réplica de má qualidade. Os originais foram, deste modo, removidos resultando na sua danificação e guardados em contentores no Depósito Municipal durante vários anos. Dos originais, apenas parte foram guardados e muitos ficaram perdidos para sempre. Os azulejos da escola do Arraial Ferreira Neto foram produzidos na Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego na década de 1940. A decoração dos azulejos está relacionada com a corrente nacionalista do Estado Novo da primeira metade do século XX (Figura: 1.9 na página 150). Não se conhece o autor destes azulejos: provavelmente estes azulejos não teriam um autor específico, mas seriam cópias de outros desenhos já pré-existentes. No decorrer do ano de 2011, os azulejos foram submetidos a tratamento, no laboratório de conservação e restauro do Museu Municipal de Tavira.

#### **e) Coleção do Cofre Municipal**

Um conjunto de objetos diversificados, entre os quais uma coleção de numismática e medalhistas, estavam encerrados no Cofre Municipal. Por volta de 2003, a coleção numismática e medalhista foi retirada do cofre pelo historiador Marco Lopes e levada para

o laboratório de conservação e restauro para tratamento. No dia 28 de Julho de 2010 foram recolhidos os restantes objetos pela historiadora de arte Rita Manteigas.

As coleções numismáticas e medalhística municipais foram imediatamente reconhecidas como pertencentes ao antigo Museu Municipal e foram estudadas por Maria da Conceição Lopes, docente da Faculdade de Letras de Coimbra, através da candidatura da Câmara Municipal de Tavira ao Programa de Apoio à Qualificação dos Museus da Rede Portuguesa de Museus. São provenientes de vários particulares constituindo assim pequenas coleções e foram doadas ao museu. Desconhece-se a que grupo de moedas e medalhas corresponde o colecionador/doador, uma vez que não se teve o cuidado de proceder à sua identificação na época. Os doadores foram Joaquim Rosado Padinha, António Arnedo e Filipe Monteiro Santos.<sup>94</sup>

Dois estandartes pertenceriam também ao antigo museu. Sabe-se que o senhor Joaquim Leiria entregou ao Presidente da Câmara Municipal de Tavira o estandarte da antiga filarmónica “Club Recreativo Musical 1.º de Janeiro de 1896”, vulgo “Limpinhos”.<sup>95</sup> Os estandartes dos “Limpinhos” e “Namarrais” foram depositados no antigo museu.<sup>96</sup> Conforme anuncia o jornal “Província do Algarve”, entre 1908 e 1920, ambas filarmónicas tocavam no Jardim do Coreto. Estes estandartes estavam no Cofre Municipal e fazem parte da coleção (Figura: 1.10 na página 151). Em 1970, a banda musical dos “Limpinhos” ofereceu à Câmara Municipal de Tavira um retrato do maestro da banda e outro com a respetiva banda.<sup>97</sup> Desconhece-se o paradeiro destes retratos.

Pertencentes ao antigo museu, constam ainda na atual coleção, um punhal árabe com cabo e bainha em prata com arabescos com lâmina longa e curva doada pela senhora Maria Aboim Palermo, várias espadas de origem timorense com bainhas profusamente ornamentadas em cabedal,<sup>98</sup> uma candeia de cobre com braço de suspensão e três peças de

---

<sup>94</sup> FRANCO, Costa - Subsídios para o antigo Museu Municipal de Tavira. *Jornal do Sotavento*. Ano VI, N.º 6 (28 de Jun. 1996), p.8

<sup>95</sup> *Povo Algarvio*, 10 de Janeiro de 1960, N.º 1.331, Ano XXVI, p. 1

<sup>96</sup> *Povo Algarvio*, 17 de Janeiro de 1960, N.º 1.332, Ano XXVI, p. 1

<sup>97</sup> Arquivo Histórico Municipal, Livro n.º 58, Actas da Câmara Municipal de 2 de Julho de 1969 a 5 de Agosto de 1970, Sessão de 1 de Abril de 1970, fl. 134

<sup>98</sup> FRANCO, Costa - Subsídios para o antigo Museu Municipal de Tavira, p.8

loiça, chávena, açucareiro e prato com a inscrição “NACIONAL E REAL HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO – TAVIRA” oferecidas pela Misericórdia de Tavira. Das peças arqueológicas, um jarro islâmico encontrado em Santarém, uma urna funerária encontrada no antigo edifício do Posto Agrário e duas lucernas romanas. A caixa de pesos manuelina, que também pertencia ao antigo museu, encontra-se atualmente no gabinete do presidente.<sup>99</sup>

#### **f) Coleção de Arte Contemporânea**

A coleção de arte contemporânea do Museu Municipal ainda é escassa. Do acervo fazem parte obras de arte dos seguintes artistas: António Costa Pinheiro; Jason Bergen; Mel de G.; Miguel Andrade; Roberto Santandreu; Luís Ramos; Carlos Barroco; Margarida Santos; RAP; Luís Ramos e Bartolomeu Cid dos Santos. Foram doações feitas pelos próprios artistas ao museu.

Bartolomeu Cid Dos Santos viveu parte da sua vida em Tavira, onde tinha um *atelier* (Figura: 1.11 na página 152). Jason Berger era americano e passou muito tempo em Tavira e realizou imensas pinturas da cidade. No entanto, o museu só é detentor de um único quadro. O quadro referenciado integrou a exposição “Tríptico” que se realizou no Palácio da Galeria, Museu Municipal de Tavira, em 2006. Miguel Andrade é um jovem fotógrafo tavirense, descendente de uma família de fotógrafos, sobre a qual já foi feita também uma exposição.

#### **g) Conjunto de elementos arquitetónicos**

Como já foi mencionado atrás, o Museu Municipal de Tavira tem um conjunto de cantarias, datadas desde a Idade Média até ao século XVIII, que consiste em elementos arquitetónicos que foram recolhidos no Convento da Graça, no Convento de São Francisco, no Convento das Bernardas e em edifícios históricos demolidos.

---

<sup>99</sup> FRANCO, Costa - Subsídios para a criação do Museu de Tavira. Espólio antigo do Museu Municipal. *Jornal do Sotavento*, Ano VI, N.º 7, (12 de Jul. 1996), p.8

Do antigo Convento das Bernardas foram recolhidas cantarias devido à reabilitação do edifício em condomínio privado. Pouco antes da reabilitação, as cantarias ainda embutidas nas paredes tinham sido retiradas devido a demolições. Do claustro, uma das estruturas mais características do antigo convento, pouco mais restava que os fragmentos de uma coluna e uma gárgula (Figura: 1.12 na página 153), sendo esta a única que restava de um convento de formulário artístico Manuelino.<sup>100</sup>

No antigo Convento da Graça, Em 2000, durante os trabalhos de escavações arqueológicas foram descobertas, junto à antiga igreja, duas colunas toscanas que faziam parte do antigo claustro.<sup>101</sup> Ainda devido à reabilitação do edifício a Pousada de Tavira, foram recolhidas cantarias que estavam desmontadas no antigo refeitório (atualmente o restaurante) e outras dispersas pelo edifício.

No antigo Convento de São Francisco vários elementos arquitetónicos estavam dispersos no jardim. Algumas destes elementos estavam no antigo museu. Numa entrevista publicada no “Povo Algarvio”, em Julho de 1961, feita ao então vereador Laurentino Baptista, este afirma:

(...) sr. Dr. Ramos Passos que, segundo creio, foi quem bastante se interessou pela recolha destes belos exemplares e os teve à sua guarda durante muito tempo numa das dependências da Biblioteca Municipal onde os fui encontrar quando promovi a sua reabertura e os trouxe para o jardim de São Francisco a fim de lhes dar esta disposição.<sup>102</sup>

A recolha destes elementos arquitetónicos teve como fim salvaguarda este património que se encontrava em estado de abandono e negligência. Muitas cantarias derivam ainda de demolições de edifícios históricos que foram recolhidas devido ao seu valor histórico. Estes elementos em pedras, num total de 71 espécimes, consistem essencialmente em ombreiras, arcos, fustes, modilhões, bases, colunas, lápides, mós, gárgula e verga de pórtico. Muito são vestígios de arquitetura anterior ao Terramoto de 1755 e que ao longo dos tempos foram descartados devido a demolições e reconstruções dos edifícios consoante as modas e os gostos.

---

<sup>100</sup> SANTANA, Daniel - Coluna e gárgula manuelinas. *Espírito e Poder. Tavira nos tempos da modernidade*. 1.ª ed. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 2006, p. 134-135

<sup>101</sup> SANTANA, Daniel - Colunas Toscanas. *Espírito e Poder. Tavira nos tempos da modernidade*. 1.ª ed. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 2006, p. 146, 147

<sup>102</sup> *Povo Algarvio*, 9 de Julho de 1961, N.º 1.410, Ano XXVIII, p. 4



## Capítulo II – Caracterização das coleções e dos espaços de reservas do Museu Municipal de Tavira



Antigo Edifício do Posto Agrário (Museu Municipal de Tavira)

A conservação e restauro é uma das atividades museológicas de igual relevância num museu. Preservar significa prever os riscos, as possíveis alterações e danos que colocam em risco a integridade física dos bens culturais, os quais devem ser prontamente respondidos pelo trabalho sistemático da conservação. Deste modo conservar um objeto não é apenas guardar, mas zelar pela sua integridade. A conservação preventiva está focada em todas as medidas que devem ser tomadas para aumentar a vida útil de um objeto ou retardar o seu envelhecimento.

(Drumond, 2006: 8)

A conservação e restauro sempre fez parte da história da humanidade e houve sempre tentativas em preservar os objetos quer por motivos funcionais, estéticos, religiosos ou políticos. Os princípios e conceitos da conservação surgiram na Itália renascentista. O restauro fazia parte da atividade normal de qualquer escultor e nesta época discutia-se já o conceito de restauro. No século XVIII deu-se início na procura de procedimentos científicos que irá progredir ao longo do século XIX, surgindo as primeiras reflexões das quais descendem as atuais orientações de conservação. É neste século que a conservação surge como disciplina autónoma nos museus. O desenvolvimento das ciências da natureza permitiu que os problemas da conservação começassem a ser estudados com mais rigor científico. O primeiro laboratório de conservação foi instalado no Museu Real de Berlim em 1888, fundado por Friedrich Wilhem Rathgen.<sup>103</sup>

A conservação é a disciplina mais jovem nos museus e foi a última importante disciplina que entrou no campo da Museologia. A palavra “conservação” só começou a ser aplicada a partir de 1930, no momento em que se começou a adquirir conhecimentos de como deter e controlar a deterioração dos bens culturais. Durante as décadas de 1930 e 1940, algumas instituições na Europa e nos Estados Unidos começaram a estudar as causas da deterioração dos objetos, a aplicar as suas descobertas na preservação das suas coleções e a partilhar a informação. O *International Institute for the Conservation of Historic and Artistic Work* (IIC) foi fundado em 1950 e o ICOM, *Commitee for Conservationm*, em 1963.<sup>104</sup> O papel do conservador, distinto do restaurador, emergiu.

Com o rápido desenvolvimento do aparato tecnológico ao longo do século XX, os cientistas especializam-se: Werner na conservação etnográfica, Robert Organ no tratamento e acondicionamento de metais e madeiras, Garry Thomson na climatização dos museus, W. Oddy nos metais e pedra, entre outros. A contribuição da ciência na conservação tem sido de importância primordial. A conservação contínua a evoluir e uma das alterações mais significantes adveio com o aumento do conhecimento científico acerca da compreensão sobre a deterioração dos materiais de forma a pode avaliar os riscos como

---

<sup>103</sup> VELOSA, Gonçalo - *História da Conservação e Restauro e Arqueologia*. Web, 2004. Disponível na Internet <URL: <http://www.5cidade.files.wordpress.com/2008/.../historia-da-conservacao-e-restauro.pdf>

<sup>104</sup> WARD, Philip - *The Nature of Conservation: A Race against Time*. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 2010, p. 2-3

parte da gestão do meio ambiente. Atualmente, é possível quantificar com mais precisão a deterioração dos materiais em resposta ao meio ambiente, ou seja conhece-se melhor o impacto ambiental sobre os bens patrimoniais. No entanto, ainda não está completamente compreendido o processo de deterioração dos objetos, sobretudo os materiais orgânicos.

Até à década de 1960 a maioria dos técnicos eram aprendizes treinados nos próprios museus e tinham formação sobretudo em Belas Artes. Nas décadas de 1960 e inícios de 1970, os museus começaram a requerer conservadores com mais treino sistemático e a necessidade com formação científica, o que levou à criação de programas de conservação em várias universidades da Europa e América do Norte.<sup>105</sup>

Em 1963, *The International Institute of Canada* (IIC) adotou as primeiras orientações relacionadas com a prática de conservação e restauro e mais tarde foram substituídas pela publicação em 1979 do código de ética profissional, *Code of Ethics and Standards of Practice*, que estabeleceu as primeiras orientações de conduta do técnico de conservação e restauro.<sup>106</sup>

Em Portugal, não se pode falar de conservação e restauro sem fazer referência ao Instituto José de Figueiredo. Em 1911, José de Figueiredo, na altura diretor do Museu Nacional de Arte Antiga, promoveu a criação da mais antiga Oficina de Restauro de Pintura, e que foi dirigida até 1934 por Luciano Freire. Em 1936 com João Couto, foi instalado junto daquela Oficina um laboratório de exames radiográficos de pinturas nacionais e estrangeiras dando início ao estudo científico das obras de arte. Em 1940, já como diretor do Museu, João Couto promove a instalação do laboratório num edifício construído de raiz. O Instituto José de Figueiredo foi oficializado em 1965.<sup>107</sup>

Em Portugal, o técnico de conservação e restauro deve obedecer às diretrizes profissionais do código de ética desenvolvida pela *European Confederation of*

---

<sup>105</sup> WARD - *The Nature of Conservation: A Race Against Time*, p. 35-36

<sup>106</sup> ALCÂNTARA, Rebeca - *Standards of Preventive Conservation: Meanings and Application*, ICCROM, 2002, p. 7, 8. Disponível na Internet <URL: [www.iccrom.org/ifrcdn/.../ICCROM\\_04\\_StandardsPreventiveConser\\_en.pdf](http://www.iccrom.org/ifrcdn/.../ICCROM_04_StandardsPreventiveConser_en.pdf)

<sup>107</sup> SERUYA, Maria Isabel; AMADOR, José Maria; ESCOBAR, Nazaré - O papel do Instituto José de Figueiredo. in *Museos y Museología en Portugal*. Madrid: Asociación Española de Museólogos, 2000, p. 55-58

*Conservator-Restorers Organisations* (E.C.C.O.): “Conservação e restauro de bens culturais incorporados ou depositados no museu só podem ser realizados por técnicos de qualificação legalmente reconhecida, quer integrem o pessoal do museu, quer sejam especialmente contratados para o efeito”.<sup>108</sup>

O dever do técnico de conservação e restauro é tomar todas as precauções com o fim de prevenir e minimizar a deterioração das coleções. A salvaguarda do bem cultural é mais importante que quaisquer outras considerações: todos os bens devem ter os melhores cuidados que são possíveis num dado momento. Os tratamentos e todo o exame técnico do objeto, para retirar toda a informação relevante, devem ser completamente registados de forma honesta e devem respeitar a integridade do objeto. A preservação de um dado bem não deve ser necessariamente limitado ao seu material original, uma vez que restauros antigos ou modificações feitas durante o seu uso podem ter significados históricos importantes. O técnico de conservação e restauro deve ainda ter a capacidade para atualizar constantemente os seus conhecimentos, ter consciência das suas próprias limitações, não fazer trabalhos que excedam os seus conhecimentos e dar apoio a outros técnicos da mesma área.<sup>109</sup> Atualmente, conservação tem como princípios fundamentais: intervenção mínima; reversibilidade; autenticidade.

A evolução museológica nas últimas décadas deve-se à colocação de pessoal qualificado em conservação e restauro nos museus, entre outras áreas de conhecimento. No Algarve, os Municípios de Portimão, Silves, Tavira, Alcoutim e Faro possuem laboratórios de conservação e restauro havendo ainda relações de troca de informações entre os técnicos. Na Rede de Museus do Algarve criou-se o grupo de conservação e restauro para promover as suas diversas atividades. Foi ainda criado um *Site* de conservação “*AL-Gharbe* Conservação” (Conservação do Património no Algarve) com fins de divulgação de toda a informação e artigos relacionados com esta área.

A ARP, Associação Profissional de Conservadores Restauradores de Portugal, foi fundada em 1995 e tem como principais objetivos a defesa e promoção da classe profissional dos conservadores-restauradores no nosso País e na Europa, através da sua

---

<sup>108</sup> DECRETO-LEI n.º47/2004 de Agosto de 2004. Diário da República. I-A Série. 195 (19-08-2004), Artigo 31.º, n.º 1

<sup>109</sup> WARD - *The Nature of Conservation: A Race Against Time*, p. 9-11

representação na *European Confederation of Conservator-Restorers' Organizations* (ECCO), e na divulgação e salvaguarda do Património Cultural. Também possui um *Site* de divulgação.

A preocupação do Município de Tavira em conservar o seu património arqueológico remonta a 1998, na sequência das intervenções arqueológicas do antigo Banco Nacional Ultramarino e do Netos – Hotelaria e Turismo, Lda. Durante os primeiros anos adquiriam-se equipamentos necessários para o funcionamento do laboratório, produtos químicos para o tratamento das peças, e materiais de acondicionamento. Os trabalhos de conservação de materiais etnográficos iniciaram-se com o Núcleo Museológico de Cachopo.

Cada vez mais os contextos em que os objetos estão inseridos na sociedade são importantes. Cada gesto de conservação deve ser moldado através de como um objeto ou sítio é valorizado, tendo atenção aos seus contextos sociais, as disponibilidades financeiras e as prioridades locais. Existem três frentes em relação à conservação do património cultural. A primeira é a condição física dos bens culturais que diz respeito ao comportamento dos materiais que constituem os bens, causas e mecanismos de deterioração, possíveis intervenções, a eficácia dos tratamentos a longo termo e os meios de controlo ambiental disponíveis. O segundo está relacionado com a gestão e planeamento como meios financeiros, pessoal treinado e tecnologias e a aplicação de leis. Por fim, o terceiro, o significado cultural e os valores sociais, porquê, para quê e com que finalidade se conserva uma dada coleção, a sua compreensão, o impacto das intervenções, entre outros.

Sendo conservação uma ciência tem que unificar as três frentes e não pode evoluir nem inovar se centrar a sua discussão apenas na condição física dos bens culturais. Conservação é uma ciência em constante evolução e, cada vez mais, uma prática de prevenção e controlo ambiental das principais causas de deterioração e deve articular-se transversalmente com outras disciplinas. Estes meios passivos de estabilização têm em vista a preservação do património para as futuras gerações e, por isso, torna-se imprescindível, sem ela a nossa identidade irá perder-se ao longo dos tempos.

A conservação preventiva é um conjunto de formas de atuação que não deve abordar os bens culturais apenas como objetos concretos, mas sim dentro de uma dimensão museológica, histórica, cultural e atemporal. A conservação divide-se entre conservação

curativa, ou interventiva, e a conservação preventiva, não interventiva e que atua sobre as causas. Segundo Luís Casanovas, o controlo do meio ambiente é apenas um dos meios que os técnicos dispõem para prevenir a degradação dos objetos, entendendo que muitos fatores de degradação não dependem sobretudo deste fator, mas também é necessário conhecer os materiais, como estes foram trabalhados e quem os guardou. É necessário olhar para além da sua realidade material e ir até à sua realidade cultural.<sup>110</sup>

A conservação preventiva é a eliminação ou diminuição das causas que provocam a deterioração dos bens com o fim de evitar recorrer à conservação curativa ou interventiva e prolongar a sua estabilidade. Conservação preventiva é uma disciplina com objetivos e metodologias bem definidas e é interdisciplinar. Quando se aborda a conservação preventiva é essencialmente ter conhecimento do estado de conservação das coleções, do edifício que guarda esses bens e dos seus equipamentos, a partir das quais serão equacionadas procedimentos. Concretizou-se como disciplina no Congresso do *International Institute of Conservation (IIC)*, em Dresden, em 1990, e que assentou em quatro colunas importantes: fatores de deterioração, características do edifício, meios disponíveis e procedimentos a adotar.<sup>111</sup> Tornou-se fator importante nas políticas internacionais para a preservação do património cultural e que consiste na gestão multidisciplinar para reduzir a perda de património cultural com o objetivo de servir o público em que a sua estratégia é essencialmente preservar a integridade do património minimizando a necessidade de intervenção adicional. Sempre se apoiou no intercâmbio científico, na livre circulação de informação e no desenvolvimento simultâneo da formação. Os governos deverão tomar a responsabilidade na preservação dos bens culturais e impulsionar o desenvolvimento de planos e estratégias nacionais.<sup>112</sup>

Um dos problemas atuais com que se depara a conservação são os efeitos das alterações climáticas: as informações científicas em relação às alterações climáticas são

---

<sup>110</sup> CASANOVAS, Luís - *Conservação Preventiva e Preservação de Obras de Arte – Condições – Ambiente e Espaços Museológicos em Portugal*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia, 2008, p. 47-48

<sup>111</sup> CASANOVAS, Luís Efrem - *Conservação Preventiva e Preservação de Obras de Arte – Condições – Ambiente e Espaços Museológicos em Portugal*, p. 70

<sup>112</sup> PARA uma estratégia de conservação preventiva. *Revista Conservação e Restauro – Cadernos*. Lisboa: Instituto Português da Conservação e Restauro, Ano 1, N.º 1 (2000) p. 3-5

muito úteis para influenciar as políticas de proteção do património cultural, apesar de não serem suficientes.<sup>113</sup>

No caso do Museu Municipal de Tavira torna-se importante integrar no plano de atividades anual a conservação preventiva, envolver e sensibilizar todas as divisões da orgânica do Município de Tavira para este problema e definir diretrizes e metodologias para o seu desenvolvimento, incluindo planos de emergência e equipas responsáveis. É importante também motivar o público para o desempenho de um papel importante na conservação preventiva criando um sentimento de responsabilidade para o património cultural. A conservação preventiva deve ser assim motor de progresso social e patrimonial.

### **1. Os fatores principais de deterioração do acervo museológico**

O acervo museológico deteriora-se a partir de vários fatores presentes no meio ambiente numa inter-relação complexa. Estes riscos dependem da própria sensibilidade dos bens devido ao material que são produzidos, tecnologia empregue na sua produção e o seu estado ou condição, do clima, da resposta do edifício e dos sistemas de climatização, das políticas e procedimentos na gestão das coleções e do próprio edifício, dos desastres naturais e do manuseamento humano.

Os fatores de degradação subdividem-se em três grupos. Os primeiros e fundamentais que são luz, poluição, humidade relativa e temperatura. Os segundos e secundários que são infestações, embalagem, transporte, manuseio, entre outros. Os terceiros ou acidentais que são fogos, inundações, atos de terrorismo, guerras e catástrofes naturais.<sup>114</sup>

Em relação ao primeiro grupo de fatores de degradação é importante conhecer o clima onde as reservas/depósitos e os núcleos museológicos estão localizadas, neste caso o Concelho de Tavira. O conhecimento do clima exterior é importante para se poder entender as causas reais do estado de conservação dos acervos. O clima em Portugal é irregular, ou seja ao longo do ano sofre variações bruscas que por sua vez pode produzir consequências

---

<sup>113</sup> CASSAR, May - Sustainable Heritage: Challenges and Strategies of the Twenty-First Century. *APT Bulletin: Journal of Preservation Technology* 40:1, 2009, p. 6. Disponível na Internet <URL: <http://www.eprints.vol.ac.uk/18790/1/18790.pdf>

<sup>114</sup> CASANOVAS - *Conservação Preventiva e Preservação de Obras de Arte – Condições – Ambiente e Espaços Museológicos em Portugal*, p. 71

graves para a conservação do acervo. A proximidade do Oceano Atlântico e a irregularidade de regime dos ventos no nosso clima pode ser encarado como uma das principais características.<sup>115</sup> A humidade relativa apresenta variações acentuadas em qualquer época do ano.<sup>116</sup> As condições ambientais interiores são facilmente influenciadas pelo clima exterior. O clima é sempre afetado pela latitude e pelas características topográficas do local de implantação dos edifícios.

A cidade de Tavira situa-se no Sotavento Algarvio junto ao Litoral. O clima do Algarve é do tipo mediterrâneo. A precipitação distribui-se entre os meses de setembro e maio, concentrando-se entre os meses de outubro e abril com maior incidência em dezembro. O período seco distribui-se nos meses de julho e agosto com as temperaturas mais elevadas e o mês de janeiro com a temperatura mais baixa. A humidade relativa do ar varia entre 54% e 80%, descendo para 20% nos meses de julho e agosto. A radiação solar varia entre 6 a 12 horas diárias com 3339 horas de sol anuais. Predomina o vento Nordeste e períodos curtos com grandes intensidades de precipitação seguida de longos períodos de ausência da mesma. A média anual de temperatura máxima absoluta varia entre 36°C e 44°C e a média anual de temperatura do ar mínima absoluta varia entre 2°C e 4°C em que o Litoral apresenta valores mínimos absolutos de temperatura mais elevado.<sup>117</sup>

Em Tavira os fatores de impacto atmosférico no Concelho de Tavira são os seguintes: unidades industriais de produção de betuminosas e betão pronto; unidades industriais de decapagem e metalização; unidades industriais de britagem; pedreiras; bombas de gasolina; oficinas de pintura de automóveis; lavandarias; estaleiros de construção civil; tipografias; oficinas de carpintaria e serrações; a lixeira encerrada e Estação de Transferência; e a existência de duas vias de tráfego, a Via Infante de Sagres e a Estrada Nacional (EN125). Os veículos são uma das principais fontes de poluição de Tavira, dos quais resultam emissões gasosas poluentes provenientes da queima de

---

<sup>115</sup> CASANOVAS - *Conservação Preventiva e Preservação de Obras de Arte – Condições – Ambiente e Espaços Museológicos em Portugal*, p. 82

<sup>116</sup> CASANOVAS - *Conservação Preventiva e Preservação de Obras de Arte – Condições – Ambiente e Espaços Museológicos em Portugal*, p.139

<sup>117</sup> OLIVEIRA, Paulo - *Considerações sobre o Clima do Algarve*. Direção Regional da Agricultura e Pescas do Algarve/Ministério da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território, p. 3-6. Disponível na Internet >URL: <http://www.drapalg.min-agricultura.pt/.../DRAPALG%20%EMAs%20%clima%20no%20Algarve.pdf>

combustíveis. No entanto, pressupõem-se que a qualidade do ar em Tavira é boa, uma vez que os ventos predominantes de Sudoeste trazem ar fresco marítimo que dispersam facilmente as emissões dos poluentes.<sup>118</sup>

O estado de conservação de um dado objeto está intrinsecamente ligado ao material que o constitui, à tecnologia empregue na sua produção e as condições de acondicionamento e reserva. Para a estabilização das peças em reservas/exposição são necessários procedimentos preventivos de conservação como a higienização, controlo de pragas, embalagens de proteção, manuseio correto, etc. A degradação de um objeto é um processo natural de envelhecimento que resulta de reações que ocorrem na sua estrutura na busca de um equilíbrio físico-químico com o ambiente. Os fatores ambientais são as causas principais de deterioração dos objetos. Deste modo, os principais desafios da conservação preventiva do acervo museológico é o controlo dos fatores externos.

O acervo museológico do Museu Municipal de Tavira é constituído por uma grande diversidade de objetos compostos por materiais diferentes e técnicas, muitas vezes num único objeto, como é o caso dos etnográficos. Os materiais que constituem os objetos são divididos em materiais orgânicos como o papel, o pergaminho, o couro, os têxteis, fibras vegetais e animais, madeira, tela, e materiais inorgânicos como a pedra, a cerâmica, os metais e os vidros.

Segue-se uma abordagem sucinta dos principais fatores de deterioração dos acervos museológicos.

#### **a) Humidade relativa e Temperatura**

Define-se humidade relativa como a relação entre a quantidade de vapor de água existente num determinado volume de ar e a quantidade máxima de vapor de água, que esse mesmo volume pode conter a uma dada temperatura. Isto quer dizer que 100% de humidade relativa corresponde a um volume saturado de vapor de água e 0% corresponde a um volume de ar totalmente seco. Deste modo, existe uma relação estreita entre humidade

---

<sup>118</sup> A QUALIDADE do Ar. Estado do Ambiente de Tavira. Agenda Local, Tavira XXI. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, p. 150-153, 159

relativa e temperatura: num espaço fechado um aumento de temperatura diminui a humidade relativa e vice-versa.

Valores inadequados de humidade relativa e temperatura são as principais causas de degradação dos acervos. Grandes oscilações, valores muito elevados ou muito baixos de humidade relativa provocam deterioração nos bens culturais. Todos os materiais produzidos a partir de produtos animais ou plantas retêm humidade. Se a humidade é removida destes materiais ocorre a contração. No caso do papel, do pergaminho, do cabedal, e dos têxteis tornam-se menos flexíveis e as fibras facilmente quebram. Com a absorção da humidade o objeto expande. Deste modo, os materiais orgânicos, higroscópicos, tendem a dilatar e a contrair em função das variações de humidade. Estas variações causam tensões internas nos objetos produzindo grandes deformações, fissuras e rachas. A humidade é um dos principais agentes de corrosão dos metais que podem ser acelerados com a presença de poluentes atmosféricos no meio ambiente.

A temperatura interfere também com a deterioração dos materiais, apesar de não ser tão perigosa como a humidade relativa. Um aumento de temperatura causa um aumento de reações químicas: como regra geral, duplica as reações químicas em 10°C de aumento de temperatura. Em climas temperados, a variação de temperatura entre o meio-dia e a meia-noite pode ser grande. As flutuações de temperatura diurnas são mais perigosas do que grandes alterações sazonais onde existe tempo suficiente para os materiais se adaptarem às novas condições.<sup>119</sup> O aumento da temperatura pode afetar os bens culturais na medida que desenvolve a atividade biológica e causa a secagem de muitos materiais que resulta no enfraquecimento por exemplo da madeira, papel, cola animal e cabedal e afeta a flexibilidade dos têxteis.

Para medir a humidade do ar usa-se a escala de “humidade relativa” e é expressa em percentagem. Num museu, o objetivo é medir a humidade relativa e a temperatura do ar que circunda os objetos e mantê-la constante. Existem vários aparelhos de medição da humidade relativa e temperatura: os termohigrógrafos, os psicómetros, os higrómetros, e mais recentemente, os *Data loggers*. A humidade relativa e a temperatura podem ser

---

<sup>119</sup> BROWN, Steve [et al.] - *Guidelines for Environmental Control in Cultural Institutions*. Consortium for Heritage Collections and their Environment. Heritage Collection Council. Commonwealth of Australia, 2002, p. 10

controladas por meio de ar condicionado, sílica-gel em pequenos espaços fechados, humidificadores e desumidificadores. A monitorização da humidade relativa e temperatura é essencial para caracterizar as condições ambientais ao longo do tempo numa reserva ou exposição. Os dados obtidos são fundamentais para implementar estratégias para melhorar as condições ambientais. A amplitude das variações vai depender do tipo de edifício, do tipo de controlo de humidade utilizado, da manutenção do edifício e que tipo de acesso é permitido aos visitantes.<sup>120</sup>

O ambiente ideal será uma humidade relativa entre 50-55%, e não deve variar mais do que uma média de 5%, e uma temperatura por volta de 18-20°C. No entanto estes parâmetros são contestados, uma vez que dificilmente se consegue obter estes valores, sobretudo em edifícios que não foram destinados para guardar acervo com problemas estruturais. O que é importante reter é que se deve evitar grandes oscilações, superiores a 10% de humidade relativa e 5°C de temperatura, em vinte e quatro horas. Grandes oscilações são consideradas mais graves que valores incorretos de humidade relativa e temperatura e suscetíveis de causar danos irreversíveis. Os metais requerem humidades inferiores a 30% (ferros arqueológicos inferiores a 15%). Valores superiores a 65% de humidade relativa associados a temperaturas superiores a 18% favorecem o desenvolvimento de organismos e micro organismos.<sup>121</sup>

O primeiro esforço em estabelecer condições favoráveis para a preservação das coleções levou a autores como H. J. Plenderleith a recomendar valores de temperatura e humidade relativa em finais da década de 1940. A partir da década de 1960 iniciou-se o uso de valores “padrão” na conservação preventiva. Na década de 1980 surgem documentos com recomendações sobre os valores de humidade relativa, temperatura e luz no cuidado das coleções. Atualmente, defende-se que em vez da insistência na tentativa de aplicar valores padrão recomendados, é mais importante conhecer as coleções e o seu

---

<sup>120</sup> CASANOVAS - *Conservação Preventiva e Preservação das Obras de Arte – Condições – Ambiente e Espaços Museológicos em Portugal*, p. 96

<sup>121</sup> CASANOVAS, Luís Efreim Casanovas - *Conservação e Condições Ambiente. Segurança. Iniciação à Museologia*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993, p. 170

comportamento e que estes padrões estipulados devem ser lidos com espírito crítico,<sup>122</sup> não esquecendo que existem especificações climáticas para cada região geográfica do planeta.

## **b) Luz**

A luz é potencialmente destruidora. Como forma de energia, a luz tem o potencial de causar alterações quando é absorvida pelos objetos. A luz está sempre acompanhada de radiação ultravioleta e de radiação infravermelha. A luz é a forma de energia visível, enquanto as radiações ultravioleta, de comprimento de onda mais curto, e infravermelho, de comprimento de onda mais comprido, são invisíveis ao olho nu. Toda a radiação quando absorvida por qualquer material causa um aumento de temperatura: a luz ao incidir sobre a superfície de um objeto, parte é refletida e a restante é absorvida produzindo calor. Assim, calor e luz são formas de energia que provocam deterioração nos objetos.<sup>123</sup>

A luz causa alterações irreversíveis e cumulativas a muitos materiais, sobretudo os orgânicos. A luz visível e a radiação ultravioleta ao incidirem num objeto dão origem a reações químicas, denominadas por fotoquímicas. Contudo, muitas alterações causadas pelas reações fotoquímicas não são rápidas nem óbvias o que torna difícil saber se estão a ocorrer, mas o seu efeito pode ser devastador. A radiação no infravermelho é menos energética que a luz visível e a radiação ultravioleta, no entanto emite calor e aquece os materiais produzindo tensões mecânicas e acelera as reações fotoquímicas. Os materiais orgânicos, ou seja aqueles que são produzidos a partir de animais ou plantas como o papel, o tecido, o cabedal, os pergaminhos, os pigmentos, etc, são os mais sensíveis à luz e por isso os que correm maiores riscos. A luz causa alteração da cor, diminui a resistência física destes materiais causando o seu enfraquecimento e destrói o meio usado nas pinturas. A madeira, osso e o marfim não são tão vulneráveis como os outros materiais orgânicos. A pedra, os metais, o vidro e a cerâmica, com algumas exceções, não são tão afetados pela luz. Uma vez iniciadas as reações químicas, estas continuam, mesmo que o objeto seja colocado num local com ausência de luz.<sup>124</sup> A luz tem um efeito cumulativo, chamada a

---

<sup>122</sup> ALCÂNTARA – cit. 103, p. 7, 30-31

<sup>123</sup> THOMSON, Garry - *The Museum Environment*. 2<sup>nd</sup> ed. London: Butterworth-Heinemann, 1987, p. 3

<sup>124</sup> THOMSON - *The Museum Environment*, p. 15, 16

”Lei da Reciprocidade”: 50 lux durante 100 horas causam o mesmo efeito de acumulação que 500 lux em 100 horas e 5000 lux numa hora.<sup>125</sup> Existe maior proporção de energia ultravioleta na luz do dia do que por exemplo numa lâmpada de tungstênio ou fluorescente.<sup>126</sup> No entanto, a luz artificial também causa danos. As lâmpadas incandescentes produzem radiação visível, uma grande quantidade de raios no infravermelho sob a forma de calor e pouca radiação ultravioleta. As lâmpadas fluorescentes emitem bastante radiação ultravioleta e devem ser usadas com filtros.<sup>127</sup> Em reserva, a luz do dia deve ser evitada devendo permanecer a maior parte do tempo na escuridão.

A luz é medida com um instrumento designado por luxímetro e a escala é graduada em “lux” (lúmen por metro quadrado) e a medida é denominada por “iluminância”. O medidor de luz consiste numa superfície com fotocélula conectada eletricamente ao medidor. Para a medição, o instrumento é colocado numa superfície que se pretende medir. O monitor de ultravioleta completa o medidor de luz e a medida é dada em “microwatts por lumen”.

### **c) Poluição atmosférica**

Os poluentes são compostos químicos reativos no estado sólido, líquido e gasoso, sendo impurezas presentes no meio ambiente que têm origem natural e artificial. Interagem com as coleções produzindo alterações químicas e estruturais irreversíveis. As poeiras e as sujidades contribuem para a deterioração, uma vez que possuem compostos de ácido orgânico que interagem quimicamente com os materiais e contribuem ainda para o desenvolvimento de infestações biológicas.

O ar poluído pode entrar nos edifícios através dos sistemas de ventilação dos espaços, pela emissão de poluentes através dos materiais de construção, a partir de operações de limpeza, mobiliário, materiais de acondicionamento ou partir de equipamentos como aquecedores, impressoras, fotocopiadoras entre outros.

---

<sup>125</sup> CASANOVAS - Conservação e Condições Ambiente. Segurança, p. 165

<sup>126</sup> THOMSON - *The Museum Environment*, p. 19

<sup>127</sup> CANOLA, Lia; TEIXEIRA, Canola; CHIZONI, Vanilde Rohling - Conservação Preventiva de Acervos. *Estudos Museológicos*. Vol. 1. Florianópolis: FCC Edições, 2012, p. 21

As partículas produzidas devido às suas pequenas dimensões penetram facilmente nos edifícios e o seu tamanho é escalonado em “microns”. São geralmente ácidas devido à adsorção do dióxido de enxofre e podem conter metais. Os três poluidores principais nas cidades atuais são o dióxido de enxofre, o dióxido de nitrogénio e o ozono.

Em reserva não se devem usar equipamentos feitos de materiais que libertam substâncias perigosas como a madeira, que liberta ácidos orgânicos, as colas à base de proteínas e a borracha vulcanizada, que libertam sulfuretos voláteis, o nitrato de celulose, que liberta óxidos de nitrogénio, o cloreto de polivinil, que liberta ácido hidro clorídrico, e os poliuretanos são suspeitos.

### **c) Infestação Biológica**

Do segundo grupo o mais problemático são as pestes. Os materiais orgânicos servem de alimento aos agentes biológicos como os insetos, os roedores, os fungos, as bactérias, os líquenes, etc.

O controlo integrado das Pragas (CIP) tem como fim prevenir ou minimizar o ataque biológico pelo uso de métodos não intrusivos. Entende-se por ataque biológico a presença indesejável de plantas, animais, insetos, fungos ou micro organismos que prejudicam o acervo. As pragas causadas por micro organismos como insetos ou organismo como é o caso de roedores danificam irreversivelmente os materiais orgânicos, uma vez que estes são fonte de nutrientes. Fatores como a luz, as condições ambientais e a presença de organismos estão interligadas e não podem ser abordados isoladamente.

Os ambientes húmidos, quentes, com pouca ventilação, falta de higiene, zonas sem manutenção e a entrada de objetos contaminados no museu são os fatores mais propícios para a propagação de pragas. Os insetos e roedores penetram pelas frechas das portas e janelas, fendas e buracos nas paredes. Objetos adquiridos recentemente ou que foram emprestados a outras instituições podem estar contaminados. Dai a importância da existência de uma sala de quarentena.

Em relação aos insetos, espécies associadas à degradação das coleções são libelinhas (*Ordonata*), gafanhotos (*Ortoptera*), borboletas e traças (*Lepidoptera*), moscas e mosquitos (*Diptera*), caruncho (*Cleoptera*), térmita (*Isoptero*), piolho-do-livro (*Psocoptera*), abelha (*Hymenoptera*) e peixe-prata (*Thysauro*). Os insetos degradam as coleções quando se encontram no estado lavrar, porque é neste estado que se alimentam.

Os insetos no estado larvar podem viver sem se desenvolverem durante muito tempo se as condições ambientais foram adversas. Se as condições se tornarem favoráveis, a sua metamorfose termina passando para o estado adulto, reproduzindo-se e encerrando o seu ciclo vital. Assim, uma temperatura na ordem dos 22-25°C e humidade relativa superior a 65% leva a um desenvolvimento e uma reprodução mais acelerado, conduzindo à proliferação da infestação pelas coleções. As térmitas constituem a praga mais grave e devastadora e o seu ataque inicia-se a partir do solo chegando a contaminar todo o edifício.<sup>128</sup>

Os fungos atacam o papel, o pergaminho, os têxteis, o cabedal e as penas. A deterioração pode variar desde manchas à completa destruição. Os fungos germinam, crescem e produzem esporos quando a humidade relativa é superior a 65%.<sup>129</sup> A maioria dos fungos são organismos que vivem e buscam a sua energia em matéria orgânica morta ou deteriorada. O seu crescimento é designado por bolor. Também nos materiais que não são orgânicos podem ocorrer o crescimento dos bolores, como por exemplo as cerâmicas quando existem resíduos de materiais orgânicos nas suas superfícies. Os esporos de bolor para crescerem requerem uma quantidade mínima de água, que pode provir do próprio material que compõem o próprio objeto. As temperaturas entre os 15 e os 25°C são as ideais para o desenvolvimento de bolores. Os esporos de bolores estão em todo o lado no ar e circulam de acordo com as correntes de ar.<sup>130</sup>

## **b) Antrópicos**

Dizem respeito ao manuseio, acondicionamento e exposição incorretas, más intervenções de conservação e restauro, vandalismos e roubos. Os objetos devem ser sempre manuseados com cuidado e com luvas. Para garantir a vida útil dos objeto é

---

<sup>128</sup> DRUMMOND, Maria Cecília de Paula - Prevenção e Conservação em Museus. *Caderno de Diretrizes Museológicas*. 2.<sup>a</sup> ed. Brasília: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Departamento de Museus e Centros Culturais/ Belo Horizonte: Secretaria do Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006. Disponível na Internet <URL: [http://www.museus.gov.br/sbm/downloads/cadernodiretrizes\\_sextaparte.pdf](http://www.museus.gov.br/sbm/downloads/cadernodiretrizes_sextaparte.pdf)

<sup>129</sup> STRANG, Thomas; DAWSON, John - Controlling Museum Fungal Problems. *Technical Bulletin Number 12*. Canadian Conservation Institute, 1991, p. 1

<sup>130</sup> GUILD, Sherry; MACDONALD, Maureen - Mould Prevention and Collection Recovery: Guidelines for heritage Collection, *Technical Bulletin Number 26*. Canadian Conservation Institute, 2004, p. 1-3

necessário que sejam dotadas normas de manuseio, de acondicionamento, de embalagem e de transporte.

#### **e) Desastres naturais**

O fogo é o desastre mais destruidor podendo fazer desaparecer coleções num instante. A sua causa pode estar relacionada com falta de higiene, uso de substâncias inflamáveis, instalações elétricas, como ligações mal executadas, contatos incorretos, fichas múltiplas sobrecarregadas, curto-circuitos provocados pela humidade entre outros.<sup>131</sup>

Do terceiro grupo, os mais preocupantes, em relação a Tavira, são os sismos e as inundações.

O Centro Histórico de Tavira fica situado numa área sísmica. Ao longo da História já ocorreram vários abalos sísmicos, em que os mais significativos ocorreram no século XVIII. O Terramoto de 1755 não ocorreu só em Lisboa, mas em todo o País e no Algarve, localizado geograficamente perto do epicentro, foi completamente devastado.

Os sismos mais recuados de que se tem conhecimento no Algarve ocorreram em 63 a.C., 47 a.C. e 33 a.C.. Seguiram-se em 309 d.C. e 382 d.C.. Durante o século XIV houve três sismos na região algarvia: a 22 de Fevereiro de 1309, 1353 e a 24 de Agosto de 1356. Este último atingiu uma grande intensidade no Algarve. No século XVI houve três terramotos no Sul do País: a 5 de Abril de 1504, a 26 de Janeiro de 1531 e em Novembro de 1587. O de 1504 foi muito destruidor na região.<sup>132</sup>

No século XVIII ocorreram dois grandes sismos anteriores a 1755 que provocaram bastante destruição no Algarve. O primeiro em 1719 e o segundo a 27 de Dezembro de 1722.<sup>133</sup> O primeiro destruiu bastantes edifícios da cidade. O de 27 de Dezembro de 1722 foi um sismo bastante violento.<sup>134</sup> Em Tavira caíram 27 moradias e outras ficaram

---

<sup>131</sup> CASANOVAS - Conservação e Condições Ambiente. Segurança, p. 174

<sup>132</sup> COSTA, Alexandre; SEABRA, Clara; NUNES, Sara - O que nos diz a História. 1755- *Terramoto no Algarve*. Faro: Centro Ciência Viva, 2005, p. 15-21

<sup>133</sup> COSTA; SEABRA; NUNES - O que nos diz a História, p. 22

<sup>134</sup> VASCONCELOS - *Notícias Históricas de Tavira – 1242/1840*, p. 55-57

arruinadas. O Convento de São Francisco ficou muito arruinado e deu origem a um grande fogo no mar entre Faro e Tavira. Este sismo provocou uma grande derrocada do património algarvio, tendo sido parte dele reconstruído antes do Terramoto de 1755.<sup>135</sup>

O epicentro do Terramoto 1 de Novembro de 1755 foi próximo da região e a sua intensidade por todo o Algarve foi grande. A intensidade do maremoto fez-se sentir por toda a região algarvia com exceção de Faro e Tavira. O Barlavento, pela proximidade do epicentro foi bastante atingido pelo sismo, mas os danos vão diminuindo ligeiramente à medida que se desloca para o Leste. Em Tavira, sofreram grandes estragos o Convento de São Francisco, a Igreja do Hospital, a Ermida de São João (já não existe) na Corredoura, a Igreja de Santa Maria do Castelo e ruiu o bairro da ribeira. Também sofreram estragos o Convento da Nossa Senhora da Graça, a Ermida de São Sebastião e a Igreja da São Pedro Gonçalves Telmo.<sup>136</sup> O maremoto teve um impacto menor na região do Sotavento algarvio, em particular nas regiões envolvidas pela Ria Formosa. O maremoto arrasou com as cabanas dos pescadores na Conceição de Tavira.<sup>137</sup>

Há conhecimento ainda de mais abalos sísmicos ao longo do século XX. Os jornais semanários, “Algarve” e “Povo Algarvio”, noticiam pequenos abalos sísmicos entre 1909 e 1969.

O rio Gilão atravessa o centro da cidade e houve duas grandes inundações no século XX. A primeira ocorreu a 3 de Dezembro de 1989 e foi uma inundação grave, tendo produzido grandes estragos na zona ribeirinha. A segunda deu-se a 24 de Dezembro de 2000, tendo sido menos grave que o anterior.

Um dos aspetos mais significativos da conservação preventiva no controlo das condições ambiente diz respeito ao papel do próprio edifício. O edifício é o obstáculo mais importante para impedir a deterioração dos objetos pelos agentes (luz, poluição, temperatura, humidade, pestes, desastres naturais, etc) e constitui, assim, a primeira barreira de que dispomos de proteção do acervo museológico. Os materiais utilizados na construção do edifício influenciam fatores como a humidade e temperatura no seu interior.

---

<sup>135</sup> COSTA; SEABRA; NUNES - O que nos diz a História, p. 28

<sup>136</sup> COSTA; SEABRA; NUNES - O que nos diz a História, p. 93, 107, 109

<sup>137</sup> COSTA; SEABRA; NUNES - O que nos diz a História, p. 114, 115

Além do edifício é importante a área envolvente, o clima, a sua implantação no terreno, o seu estado de conservação e adequação às coleções. Resumindo, o edifício desempenha um papel essencial na conservação preventiva das coleções.

Os bens culturais encontram-se na sua grande maioria e a maior parte do tempo nas reservas e por essa razão estes espaços devem proporcionar uma boa proteção a longo termo. Deste modo, as reservas técnicas dentro do museu são de importância primordial e devem ser devidamente projetadas. A prática da conservação preventiva em museus consiste na aplicação de ações que diminuem ou eliminam as causas de degradação com o fim de evitar os tratamentos de conservação invasivos e é neste contexto que é necessário implementar políticas de avaliação e gestão de riscos.

É importante avaliar identificar todos os riscos potenciais e azares que podem afetar os edifícios que guardam acervos museológicos e tomar medidas para prevenir e minimizar as consequências. Em relação a Tavira, os maiores riscos consistem nas mudanças repentinas de temperatura e humidade relativa, na possibilidade de o rio provocar inundações, tratar-se de uma região suscetível a ventos fortes e o elevado risco de terremotos e tremores de terra.

O acervo museológico do Museu Municipal de Tavira está espalhado por vários edifícios (Fotografia aérea de Tavira: 2.1. na página 129) o que dificulta imenso a gestão das coleções. De uma forma geral, os edifícios não apresentam condições para serem reservas, não foram construídos para esse fim, além de apresentarem áreas reduzidas para coleções em crescimento. Alguns deles apresentam graves problemas a nível estrutural. Existem vários riscos associados aos edifícios como a existência de árvores e vegetação junto aos edifícios que guardam acervo museológico sendo uma fonte de atração de pragas, a pouca segurança de alguns espaços contra entrada de roedores e insetos devido à falta de isolamento de portas e janelas, alguns acessos dificultados a veículos em caso de emergência, a presença de portas, janelas e armários em madeira, material desaconselhado devido ser higroscópico e emissor de substâncias poluentes, a iluminação pública com lâmpadas de sódio de alta pressão de luz amarela podendo ser fonte de atração de pragas, e limpeza dos espaços muito deficiente. Os edifícios nunca foram sujeitos a inspeções periódicas e a manutenções. Alguns edifícios não estão apetrechados com equipamentos de segurança como alarmes de incêndio e intrusão e extintores de incêndio portáteis e não têm

climatização artificial e, deste modo, os valores de temperatura e humidade relativa vão variando consoante o clima exterior apresentando anualmente grandes oscilações de temperatura e humidade relativa.

Vários estudos provaram que o clima dentro do edifício depende da espessura das paredes, da circulação de ar, dos sistemas de ventilação, do aquecimento e da radiação solar.<sup>138</sup>

## **2. Localização e adaptação dos espaços às coleções, avaliação e controle de riscos**

### **2.1. Reservas localizadas junto ao Laboratório de Conservação e Restauro**

Existem duas reservas junto ao Laboratório de Conservação e Restauro (Planta: 2.2 na página 131) num edifício construído no início dos anos 90 e implantado no gaveto formado pela Rua da Galeria e Calçada D. Paio Peres Correia, em frente da Igreja da Misericórdia e no enfiamento da Porta de D. Manuel I. Os acabamentos deste edifício compõem-se de paredes em reboco de cal e areia, e pavimento em tijoleira. As paredes exteriores são duplas. Os acessos não são os melhores, contando com uma rua muito estreita para a passagem de viaturas para o transporte das coleções e o acesso ao primeiro piso do edifício é feito por uma escada o que dificulta o transporte de peças de grandes dimensões e contentores pesados. Este edifício tem poucos riscos de inundações devido estar localizado numa elevação. As duas reservas estão voltadas para paredes exteriores o que dificulta a obtenção de valores aconselhados na climatização dos espaços.

As reservas têm áreas muito reduzidas para a quantidade de espólio e muito acervo está colocado junto às paredes exteriores. Assim, na reserva 1 (Figura: 2.1. na página 154), com 11 m<sup>2</sup>, encontra-se o material arqueológico. Na reserva 2 (Figuras: 2.2 e 2.3. nas páginas 155 e 156), com 9 m<sup>2</sup>, encontra-se a coleção de Santo Estêvão. Devido à falta de espaço, muito acervo da reserva 2 está colocado em contentores sobrepostos. As reservas

---

<sup>138</sup> DAHLIN, Elin - *Preventive Conservation Strategies for Organic Objects in Museums, Historic Buildings and Archives, Damage assessment – causes, mechanisms and measurements*. CYFRONET. ICOM, 1991, p. 58. Disponível na Internet >URL: [http://www.cyfronet.krakow.pl/~ncbratas/pdf/full\\_dahlin.pdf](http://www.cyfronet.krakow.pl/~ncbratas/pdf/full_dahlin.pdf)

estão equipadas com estantes metálicas resistentes com travamentos anti sísmicos. A iluminação é feita com lâmpadas fluorescentes.

O espaço onde funciona o laboratório está ainda apetrechado com um grande armário de parede em madeira e que guarda materiais arqueológicos como metais, objetos em osso trabalhado, cerâmica relevante, material orgânico, material compósito, fauna malacológica, gastrópodes, escórias, vidro e azulejos. Este espaço tem também um armário em metal, que acondiciona peças da coleção de Santo Estêvão e do Cofre Municipal. No corredor, de acesso às duas reservas, estão colocadas em estantes metálicas caixas com metais arqueológicos (Figura 2.4 na página 157).

Como fatores de controlo de riscos tanto o laboratório como as duas reservas têm ar condicionado. As reservas 1 e 2 têm desumidificadores que funcionam, sobretudo, no período de Inverno e *Dataloggers* digitais para monitorização contínua do meio ambiente. As temperaturas dos ares condicionadas são mantidas frias como prevenção contra infestações. As portadas interiores em madeira das janelas das reservas 1 e 2 estão fechadas e foi colocado cartolina preta nas aberturas como proteção contra a entrada da luz solar, de modo a manter os espaços na escuridão total. No apartamento onde funciona o laboratório de conservação e restauro e as reservas existe alarme de deteção e intrusão e nas traseiras da porta da entrada a presença de um extintor de incêndio.

## **2.2. Reserva Etnográfica do Palácio da Galeria**

Nas duas salas do piso térreo e cave do Edifício Principal do Palácio da Galeria funcionou a Divisão de Cultura e Turismo. Após a sua desocupação foi proposto fazer uma reformulação desses espaços para serem adaptados a reservas de bens museológicos. Estas salas estão localizadas junto a uma das principais entradas do edifício, cujo acesso é feito por uma escadaria descendente. A escadaria descendente dá acesso à porta da primeira sala que neste momento serve para guardar publicações do Município de Tavira. A segunda sala foi convertida em reserva de bens etnográficos (Planta: 2.3 na página 132). Estes bens encontravam-se no Antigo Edifício do Posto Agrário, e que, por razões de segurança, foram transferidos para este espaço. Problemas de inundação não se põem dado o Palácio da Galeria estar localizado numa elevação.

Este espaço tem uma área de 27,65 m<sup>2</sup> e apresenta como características chão em pedra de cor negra, uma porta em vidro que dá acesso para um átrio fechado com estruturas arqueológicas, uma porta de acesso para o exterior do edifício, com uma tranca resistente, para o Largo D. Ana com abertura em vidro no topo e outra porta que comunica para a primeira sala. Entre a porta que dá acesso para o exterior e a janela encontra-se um armário em madeira com uma conduta de ar. Neste espaço é muito difícil obter boas condições de climatização devido tratar-se de uma cave com uma das paredes voltada para o exterior e outra parede interior com problemas de infiltrações devido à presença de uma canalização de uma casa de banho situada no piso superior. A reserva está equipada com estantes metálicas resistentes de pé alto, para permitir a lavagem do chão, com travamentos anti sísmicos e não foram colocadas junto à parede interior devido aos problemas de humidade. A sala tem lâmpadas fluorescentes. Tem ainda dois armários em metal (Figura: 2.5 na página 158).

A coleção consiste em objetos provenientes de várias regiões do Algarve e é composto essencialmente por utensílios relacionados com a agricultura, e ofícios já extintos como latoeiro e aferidos de pesos e medidas. Este espólio é essencialmente composto por acervo da Câmara Municipal de Tavira, doações e empréstimos. Desconhece-se as condições ambientais em que se encontrava este espólio antes de ter sido incorporado no Museu Municipal de Tavira. De uma maneira geral, grande parte do espólio está em bom estado de conservação e foi tratado no laboratório da Câmara Municipal de Tavira.

Esta reserva possui três desumidificadores que funcionam nos períodos mais críticos e um termohigrógrafo de registo contínuo de humidade relativa e temperatura. O vidro presente no topo da porta de acesso para a rua foi tapado com cartão para exclusão total de luz. O espaço tem um extintor de incêndios, a sala que antecede a reserva tem uma câmara de videovigilância e o edifício tem um sistema de alarme contra intrusão e incêndios.

### 2.3. Depósitos Municipais

Os Depósitos Municipais destinam-se a assegurar as condições mínimas de segurança dos bens culturais que o Museu Municipal de Tavira incorpora. Os Depósitos Municipais estão desdobrados em três espaços.

Um antigo armazém arrendado pelo Município de Tavira, localizado na Rua Sesinando da Purificação Azinheira, nas proximidades do Alto de Santa Ana com cerca de 64.75 m<sup>2</sup>. Este edifício está muito degradado com telhado em placas de fibra e cimento e com uma porta de acesso em madeira. Tem quatro pequenas janelas na parede oposta à entrada e pavimento em betão desnivelado. O ar condicionado está desativado. Está equipado com prateleiras metálicas pintadas de azul e cinza clara e a iluminação é feita com lâmpadas fluorescentes. Este espaço acondiciona cantarias e material arqueológico que não foi estudado e tratado (Figuras: 2.6 e 2.7 nas páginas 159 e 160).<sup>139</sup>

A antiga garagem GNR, com uma área de cerca de 80 m<sup>2</sup>, tem telhado em telha e pavimento em cimento. Tem fachada para duas ruas, com uma porta em metal, o acesso principal, e uma porta em madeira na fachada oposta reforçada com tábuas de madeira. As janelas laterais estão tapadas com alcatifa preta de forma a excluir a iluminação. O sistema elétrico está desativado. Este espaço acondiciona material arqueológico que também ainda não foi tratado e estudado. O edifício está muito degradado não apresentando nenhuma condições para acondicionar materiais arqueológicos (Figuras: 2.8 e 2.9 nas páginas 161 e 162).<sup>140</sup>

No segundo piso dos escritórios da Divisão de Equipamentos e Instalações Municipais (DEIM) está depositado mobiliário da coleção de Santo Estêvão que ocupa uma área aproximada de 100 m<sup>2</sup> numa área maior ocupada por equipamentos do Município (Planta: 2.4 na página 133). Apresenta pavimento em cimento e telhado em placas de fibra e cimento. De igual modo não apresenta nenhuma condições para guardar acervo, além da presença total de doze janelas em que três delas com luz direta incidente sobre o espólio que foram tapadas com pano preto. O acesso a este piso é feito por meio de

---

<sup>139</sup> Não existe planta disponível do depósito do armazém na Rua Sesinando da Purificação Azinheira.

<sup>140</sup> Não existe planta disponível do depósito municipal da antiga garagem GNR.

uma rampa através de uma porta metálica. A iluminação do espaço é feita com lâmpadas fluorescentes (Figura: 2.10 na página 163).

Estes depósitos museológicos não têm extintores de incêndios, alarmes de detecção de intrusão e incêndio e aparelhos de monitorização ambiental.

#### **2.4. Reserva localizada no edifício da DPEOM**

A garagem do edifício onde funciona a Divisão de Projetos e Energia e Obras Municipais (DPEOM) foi convertida a reserva do material arqueológico proveniente das escavações realizadas pela Associação Campo Arqueológico de Tavira (Planta: 2.5 na página 134). É um edifício recente construído em tijolo e betão (Figura: 2.11 na página 164). A garagem tem três portões metálicos pintados de verde com três janelões por cima e tem duas paredes que estão viradas para o exterior. A porta interior de entrada para a garagem é de metal pintada de verde com acesso por meio de três degraus descentes antecedida por uma sala de arquivo. Presença ainda de uma salinha em anexo que comunica com a garagem através de uma porta em madeira. O pavimento é em tijoleira e as lâmpadas são fluorescentes. O espaço tem estantes com estrutura metálica pintada de negro com bases em tábuas de madeira, estantes, mais recentes, metálicas de elevada resistência para colocar contentores com cerâmica arqueológica e dois armários em metal. Uma das estantes está colocada junto a uma parede que dá para o exterior (Figura: 2:12 na página 165).

Esta reserva não possui extintor de incêndios nem videovigilância. Os três portões de acesso à garagem apresentam grandes aberturas. Não existe nenhum equipamento de medição contínua de humidade relativa e temperatura. Os janelões por cima dos portões da garagem foram tapados com alcatifa preta para exclusão da iluminação. O edifício possui alarme contra intrusão.

## **2.5. Antigo Edifício do Posto Agrário e Anexos**

O antigo edifício do Posto Agrário (Figura: 2:13 na página 166) é propriedade da Direção Regional da Agricultura do Algarve (DRAALG). O edifício neste momento funciona como reserva de acervo etnográfico do Museu Municipal de Tavira. Edifício datado do século XVIII, construído em pedra e reboco, localiza-se na Zona Agrária de Tavira, isolado no campo, é constituído por piso térreo e primeiro piso (Plantas: 2.6 e 2.7 nas páginas 135 e 136). O primeiro piso sofreu obras de reabilitação financiadas pela Câmara Municipal de Tavira e pela DRAALG. Inicialmente estava previsto converter este edifício no Museu da Terra, contudo estudos irão ser feitos para avaliar a melhor forma de dignificar este espaço. Além deste edifício, existe acervo etnográfico em dois armazéns: um anexo ao edifício depois do jardim com material ainda não tratado e outro junto ao telheiro que incorpora máquinas e carroças já tratadas (Figura: 2.14 na página 167). Os objetos que se encontram nestes edifícios têm como características serem grandes e são provenientes das mesmas coleções que os que se encontram na reserva do Palácio da Galeria. Desconhece-se as condições ambientais em que se encontrava este espólio antes de ter sido incorporado no Museu Municipal de Tavira.

O primeiro piso tem sete divisões que se comunicam entre elas com ausência de portas. O espólio ocupa quatro divisões sendo as restantes usadas para guardadas para armazenar equipamentos do Museu Municipal de Tavira. As estantes presentes numa das salas são em metal resistente têm pé alto para permitir a lavagem do chão, travamentos anti sísmicos e estão colocadas junto a uma parede interior. O ar condicionado está desativado. O primeiro piso tem pavimento e teto em madeira e todas as janelas têm portadas em madeira que permanecem fechadas. Presença de lâmpadas de halogénio suspensas no teto por meio de calhas eletrificadas.

O acesso ao primeiro piso é feito por uma escadaria de pedra. O piso térreo não foi reabilitado e está bastante degradado. Tem quatro divisões sendo o acesso de uma delas feita por uma porta em madeira. Das divisões, quatro tem o chão em tijoleira e uma em cimento.

De uma maneira geral o edifício não apresenta condições de segurança. Dado ao seu isolamento no campo rodeado por vegetação, incluído a presença de um jardim lateral

não cuidado, torna-se fator de risco de incêndios e pragas. Foi sujeito a atos frequentes de vandalismo que levou ao reforço com trancas das portas e janelas que dão acesso ao terraço do primeiro piso. A porta de acesso exterior, que dá para o átrio de entrada, é em madeira pintada de verde reforçada encontrando-se em muito mal estado e sendo facilmente arrombada. Devido à presença de frechas por todo o edifício, os roedores penetram facilmente, apesar que algumas já foram tapadas com técnicas de construção e no interior da lareira foi colocado um contraplacado. Este edifício não tem alarme de deteção de intrusão e incêndios nem extintores de incêndios e aparelhos de monitorização ambiental.

O armazém anexo ao antigo edifício do Posto Agrário encontra-se em estado avançado de degradação com chão em cimento e telhado em placas de fibra e cimento e com uma porta em madeira que dá acesso ao jardim. O outro armazém junto ao telheiro tem um portão metálico com cadeado e guarda acervo que foi tratado. Muito acervo encontra-se no telheiro exposto às tempéries.

### **3. Descrição, estado de conservação e acondicionamento das coleções museológicas afetas a cada edifício**

Em relação ao Laboratório de Conservação e Restauro, na reserva 1, no armário de madeira de arrumos da parede e nas prateleiras metálicas no corredor que dá acesso às duas reservas estão depositados os materiais arqueológicos que apresentam características de fragilidade e requerem inspeções periódicas. O espólio depositado está arrumado dependendo da sua proveniência arqueológica que foram o Claustro do Convento do Carmo e atual espaço onde funciona o Museu da Ciência Viva, das sondagens realizadas no interior da Ermida de São Roque, do Edifício Irene Rolo, onde funciona atualmente o Serviço de Ação Social da Câmara Municipal de Tavira, do Convento da Graça, atual Pousada de Tavira, constituído por um espólio vastíssimo que foi retirado do claustro, da igreja, de toda a cerca conventual e da rua junto ao edifício, do Convento das Bernardas, do Orfeão, atual Pousada da Juventude, da Calçada de Santa Maria, do ex-BNU, atual Núcleo Islâmico, do Parque de Festas, do Palácio da Galeria, de Balsa (Torre d' Aires), que foi doado à Câmara Municipal de Tavira por diferentes entidades e proveniente de

intervenções, do Compromisso Marítimo, da Horta dos Mouros, doado pelo senhor Florian e ainda materiais provenientes de pequenas intervenções menos relevantes.

O espólio arqueológico é constituído por materiais muito diversificados como uma grande variedade de materiais orgânicos, como fauna ictiológica, mamalógica, malacológica, gastrópodes e avifauna, microfauna, vértebras e espinhas de peixe, fragmentos de madeira provenientes das sepulturas, fragmentos de cabedal, fragmentos de carvão, azeviche, tecido, caroços, ossos humanos, haste de cachimbo, esqueleto de um cão, vértebras de peixe e osso trabalhado, inúmeros fragmentos e objetos de cerâmica, uma grande quantidade de ligas de cobre e ferros, escórias e alguns chumbos e estanhos, alguns materiais compósitos, como metal/cabedal, metal/madeira, metal/tecido, muitos azulejos, algumas amostras de argamassa e reboco, alguns objetos em vidro, vários fragmentos de vidro e escória de vidro, poucos objetos em pedra e ainda uma sepultura romana. Na reserva 1 estão ainda depositados os azulejos do Arraial Ferreira Neto.

Na reserva 2 e no armário metálico estão localizados bens da coleção de Santo Estêvão e do Cofre Municipal. A Coleção de Santo Estêvão é constituída por um vasto espólio proveniente de um colecionador particular, José Mendonça Furtado Januário, reúne um diversificado conjunto de materiais como objetos etnográficos, relógios, uma arca e esculturas em madeira, várias pinturas sobre tela e madeira, gravuras, livros, jornais, caixas de fósforos e fotografias, corais, muitos objetos em cerâmica, sobretudo faianças e porcelanas, objetos em metal e muitos objetos em vidro.

A Coleção do Cofre Municipal de Tavira é constituída por um conjunto de diferentes objetos que se encontravam no Cofre Municipal com proveniências desconhecidas, em que algumas já foram identificadas como pertencentes ao antigo Museu Municipal. Assim engloba um conjunto de moedas, medalhas e selos proveniente de várias coleções particulares, bandeiras e fitas em tecido, vários objetos etnográficos, objetos em Gesso, cerâmicas arqueológicas e não arqueológicas, leques, pequenas caixas em madeira, selo, livros, gravuras, etiquetas e fotografia.

A coleção da reserva etnográfica localizada no Palácio da Galeria tem objetos provenientes de várias regiões do Algarve e é essencialmente composto por acervo da Câmara Municipal de Tavira, doações e empréstimos. Do acervo da Câmara Municipal de

Tavira faz parte uma importante coleção de balanças, pesos e medidas. Três balanças e duas caixas do aferidor de pesos e medidas foram colocadas no Cofre Municipal devido ao seu elevado valor. Os pequenos objetos que se encontram na reserva foram doados pelos seguintes doadores: Maria da Fé Afonso Martins, Arnaldo António Alegre, Empresa Teófilo Fontainhas Neto, Lda, João Veríssimo, Maria Cândido Cavaco Mendonça, Manuel de Jesus Ribeiro, Francisco Gomes Calado, Maria Joana José, Empresa Ramiro Cabrita & Irmão, Lda, José Manuel e Manuel Francisco Júnior. Os pequenos objetos que se encontram na reserva e que constituem empréstimos dos proprietários são Josefina Saias e Luís Gameiro.

Em relação aos Depósitos Municipais, o armazém localizado na Rua Sesinando da Purificação Azinheira acondiciona elementos arquitetónicos provenientes do Convento da Graça, do Convento de São Francisco, do Convento das Bernardas e da demolição de edifícios histórico. O material arqueológico depositado é essencialmente cerâmica do Convento da Graça ainda não lavado. Neste armazém encontra-se ainda um mecanismo de funcionamento de um antigo relógio municipal da torre da Igreja de Santa Maria. A antiga garagem GNR acondiciona materiais arqueológicos de várias escavações com as seguintes categorias: cerâmica, fauna mamalógica e fauna malacológica. O primeiro piso dos escritórios da Divisão de Equipamentos e Instalações Municipais guarda as mobílias da coleção de Santo Estêvão que inclui armários, relógio, cómodas, cadeiras, espelho, tremó e oratório.

Na reserva localizada no edifício da DPEOM está depositado todo o material das escavações arqueológicas realizadas pela Associação Campo Arqueológico de Tavira e são provenientes dos seguintes sítios: Palácio da Galeria; Ex-BNU, atual Núcleo Islâmico; Parque de Festas; Solar Corte Real; Netos – Hotelaria e Turismo, Lda; e pequenas intervenções. O acervo arqueológico é essencialmente composto por objetos e fragmentos cerâmicos, materiais líticos, materiais orgânicos, como fauna ictiológica, mamalógica, malacológica, gastrópodes e avifauna e Ossos humanos e fragmentos de vidro.

No Antigo Edifício do Posto Agrário estão depositadas as peças maiores como charruas, arados, grades, uma tarara, etc, que devido às suas dimensões não existe espaço para serem colocadas na reserva etnográfica do Palácio da Galeria. Nos anexos está depositado as peças com as maiores dimensões como equipamentos de lagares, máquinas

relacionadas com vida agrícola, carroças entre outras. De todas as coleções do Museu Municipal de Tavira, estes bens são os mais problemáticos, uma vez que para o seu devido acondicionamento e proteção exigem um espaço amplo.

O acondicionamento de acervo tem vindo a ser constantemente melhorado. Existe a preocupação na seleção dos materiais de acondicionamento sendo os mais usadas as caixas de polipropileno, espumas de polietileno, sacos *Minigrip*, sacos de polietileno e cartão acid-free. As caixas de polipropileno tem como função a exclusão da luz e proteção contra poeiras e sujidades. Deve-se sempre perfurar os sacos *Minigrip* quando se guardam objetos para haver circulação de ar interior e exterior e evitar a condensação no interior do saco.

Em relação à organização das coleções, a arrumação nas prateleiras foi feita por escavação arqueológica ou por objetos inventariados no caso da reserva 1, por tipo de material na coleção de Santo Estêvão na reserva 2 e por coleção correspondente aos doadores dos espólios na reserva etnográfica do Palácio da Galeria. Todas as caixas estão devidamente identificadas. Praticamente todo o acervo que se encontra nas reservas mencionadas já foi tratado no laboratório de conservação e restauro.

### **3.1. Coleção Arqueológica**

As cerâmicas arqueológicas recuperadas das escavações arqueológicas mencionadas atrás encontram-se muito fragmentadas: existem poucas peças quase completas ou completas. No que diz respeito ao seu estado de conservação, algumas cerâmicas encontram-se extremamente fragilizadas e até em desintegração devido à sua elevada porosidade, sobretudo as do período do Bronze Final e da Idade do Ferro. Alguns engobes vermelhos de muitas cerâmicas deste período apresentam pouca adesão ao corpo cerâmico e por essa razão estão muito desgastados. A grande maioria das cerâmicas dos Períodos Medieval e Moderno apresentam um corpo cerâmico em bom estado de preservação, onde a cozedura se deu a temperaturas elevadas. Os engobes aplicados na cerâmica islâmica apresentam uma boa aderência ao corpo cerâmico. Alguns vidrados verdes dos fragmentos de talhas estão em muito mau estado: fissurados, desgastados e nalguns casos, em completo destacamento. Muitos fragmentos têm depósitos de terras

concrecionadas e carbonatos de cálcio sobre a superfície obscurecendo a decoração. Alguns fragmentos de peças apresentam fraturas muito desgastadas.

De um modo geral, as cerâmicas são consideradas materiais estáveis em comparação com outros materiais arqueológicos. Os fragmentos de objetos estão acondicionados em sacos *Minigrip* com fecho perfurados e forrados com espuma de polietileno e colocados em caixas de polipropileno. As cerâmicas arqueológicas mais completas, frágeis ou representativas estão acondicionadas individualmente em caixas de polipropileno forradas com plástico bolha e espumas de polietileno. Os objetos de grandes dimensões estão colocados sobre uma base de polipropileno e tapados com plástico ou envoltos com espuma de polietileno. Os fragmentos de cerâmicas apenas para marcação, estudo ou em fase de construção de puzzles estão acondicionados em sacos de plástico perfurados e colocados em contentores.

Os objetos em osso trabalhado desde rocas, a peças de jogo, placas decorativas, entre outras, apresentam na maioria dos casos uma estrutura óssea com boa resistência física, no entanto, consoante os casos, apresentam alteração de cor, manchas acastanhadas, fissuras, fraturas e superfícies desgastadas. Fragmentos de madeira, cabedal e tecido, encontrados na escavação do Convento do Carmo, estão de uma maneira geral fragilizados.

Os objetos em osso trabalhado, as vértebras de peixe, as contas de azeviche, os caroços, os fragmentos de madeira e cabedal estão acondicionados em sacos *Minigrip* com fecho perfurados e forrados com espuma de polietileno e colocados em caixas de polipropileno. Os fragmentos de tecido foram colocados sobre uma base de cartão *acid-free* perfurada e forrada com papel *acid-free*, colocados em sacos *Minigrip* com fecho, por sua vez colocados em caixas de polipropileno. A fauna mamalógica, fauna malacológica, avifauna, ictiológica e gastrópodes estão acondicionadas em sacos de plástico perfurados e colocados em contentores.

Os metais arqueológicos, chumbo, ferro e ligas de cobre, de uma forma geral, encontram-se entre o razoável e o mau estado de preservação. Existem casos em que sobreviveu núcleo metálico substancial e noutros em que este desapareceu completamente: a forma do objeto ficou retida nos produtos de corrosão. No entanto, os metais estão estabilizados devido ao seu acondicionamento. O acondicionamento é muito importante na preservação dos metais arqueológicos e para prevenir a corrosão a humidade é removida

do meio ambiente através da sílica gel. Cada peça está acondicionada, individualmente, num saco *Minigrip* com fecho perfurado e forrado no interior com espuma de polietileno, e devidamente identificado que, por sua vez, é colocado numa caixa de polipropileno translúcida e bem selada, com a incorporação de sílica gel e fita higrométrica. Os sacos estão perfurados para permitir a circulação do ar e prevenir a formação de um microclima semelhante ao exterior da caixa, isto é ar húmido uma vez que a sílica gel remove o oxigénio e a humidade presente no interior da caixa. A fita higrométrica permite observar quando a sílica deve ser reciclada evitando abrir desnecessariamente a caixa. A inspeção da sílica gel é feita mensalmente (Figuras: 2.15 e 2.16 na página 168).

Os vidros encontram-se entre o muito mau ao razoável estado de conservação em que muitos apresentam uma camada superficial alterada, que se destaca facilmente da superfície. Os fragmentos de vidro estão acondicionados em sacos *Minigrip* com fecho perfurados e forrados interiormente com espuma de polietileno e colocados em caixas de polipropileno dispostos horizontalmente. Um pote e um jarro em vidro estão acondicionados em caixas de polipropileno forradas com espuma de polietileno.

Os materiais arqueológicos depositados na antiga garagem GNR e no armazém na Rua Sesinando da Purificação Azinheira ainda não foram estudados e estão acondicionadas em sacos perfurados dentro de contentores de plástico devidamente identificados.

### **3.2. Coleção Etnográfica**

Os materiais etnográficos de pequenas dimensões estão acondicionados individualmente em sacos *Minigrip* com fecho perfurados forrados interiormente com espuma de polietileno e colocados em caixas de polipropileno. Os de dimensões médias foram acondicionados individualmente de igual forma e colocados diretamente nas prateleiras. Os de maiores dimensões foram envolvidos com espuma de polietileno e também colocados em prateleiras. As grandes peças localizadas no Antigo Edifício do Posto Agrário foram colocadas no chão coberto com plásticos e tapadas com espuma de polietileno ou plástico para proteger do pó. Em relação às grandes máquinas não tratadas e dispersas no telheiro e nos anexos não existe qualquer tipo de proteção.

### 3.3. Coleção “Zézinho Beja”

Em relação a este acervo desconhecem-se as condições ambientais a que esteve sujeito este espólio antes de ser incorporado no Museu Municipal de Tavira. Apesar de não haver registo de infestações que se possam considerar como pestes ou pragas, há registos de ataques isolados de insetos xilófagos em madeiras e fungos em papel. De uma forma geral, os metais etnográficos apresentam-se em geral em muito bom estado de conservação com muito bom núcleo metálico com uma camada fina de corrosão sobre a superfície. As cerâmicas e os vidros encontram-se, de uma maneira geral, em muito bom estado de conservação, apenas apontam-se casos de cerâmicas e vidros fraturados e raros casos com bolores.

Os materiais etnográficos formam um conjunto que abrange arte africana, objetos relacionados com a agricultura e com a vida doméstica. Os materiais etnográficos tratados e de pequenas dimensões estão acondicionados numa gaveta do armário metálico forrada com espuma de polietileno. Alguns objetos de dimensões médias foram colocados em caixas de polipropileno forradas com espuma de polietileno. Os de maiores dimensões foram envolvidos com espuma de polietileno e acondicionados em sacos *Minigrip*.

As cerâmicas e os vidros estão acondicionados em grupos ou individualmente em caixas de polipropileno protegidas com espuma de polietileno. As peças maiores estão envoltas em espuma de polietileno ou plástico bolha (com as bolhas voltada para fora de forma a evitar o seu contacto com as peças) e colocados diretamente sobre as prateleiras. Os azulejos foram colocados num contentor com gradeamento forrado com espuma de polietileno. Foram dispostos verticalmente e a separação dos conjuntos foi feita com placas de polipropileno e com espuma de polietileno na separação entre os azulejos.

As pinturas sobre tela e as gravuras emolduradas foram colocadas na posição vertical nas prateleiras previamente forradas com espuma de polietileno. Entre os quadros foram colocadas placas de polipropileno para evitar o contacto. Em relação à arte religiosa, vários crucifixos, imagens e dois castiçais foram envoltos em espuma de polietileno e os bens de pequenas dimensões foram guardadas em caixas de polipropileno.

Do mobiliário que se encontra na reserva 2, uma arca foi protegida com espuma de polietileno e um relógio, objeto restaurado no Laboratório de Conservação e Restauro do

Museu Municipal de Faro, foi colocado num contentor forrado com espuma de polietileno e plástico bolha para dar estabilidade à peça. Quatro elementos de mobiliário e um relógio estão acondicionados em caixas de polipropileno forrados com espuma de polietileno. O mobiliário desta coleção que se encontra depositado no primeiro piso de um dos armazéns do município não está tapado com qualquer proteção estando apenas arrumado num canto do espaço.

Os livros, jornais, gravuras e fotografias estão colocados horizontalmente em gavetas do armário metálico, que se encontra no laboratório de conservação e restauro, protegidas com papel *acid free*. O acondicionamento dos metais é igual ao dos metais arqueológicos. As caixas de fósforos e as pequenas caixas de madeira foram acondicionados individualmente em sacos *Minigrip* com fecho perfurados forrados com espuma de polietileno e colocados em caixas de polipropileno. Os corais foram acondicionados em caixas de polipropileno forrados com espuma de polietileno.

#### **3.4. Coleção do Arraial Ferreira Neto**

Os azulejos do Arraial Ferreira Neto apresentam uma boa qualidade de produção de origem sem presença de defeitos de fabrico. Em relação ao estado de conservação deste vasto conjunto de azulejos mencionam-se que estão incompletos, sendo alguns apenas fragmentos, e a grande maioria estão fraturados, devido à ação humana quando da remoção por ignorância dos azulejos das paredes de uma maneira brutal com presença de argamassas no verso na maioria dos azulejos, que variava do pouco dura até extremamente dura e em alguns casos ainda presença de cimento. Encontram-se na reserva 1 e foram acondicionados de igual forma que os azulejos da coleção “Zézinho Beja”.

#### **3.5. Coleção do Cofre Municipal**

Em relação ao estado de conservação da coleção do Cofre Municipal, a maioria das moedas, das medalhas e dos selos são em liga de cobre encontrando-se desde o razoável ao muito bom estado de preservação; em todos os casos existe presença de núcleo metálico. Os materiais etnográficos encontram-se entre o razoável ao bom estado de conservação. Os

leques e as caixas em madeira estão muito fragilizados. As bandeiras e as fitas autárquicas variam do mau ao bom estado de conservação. Os livros, as fotografias, o selo e as etiquetas estão em bom de conservação. As cerâmicas estão em bom estado de conservação.

Dois objetos etnográficos, uma placa em gesso, as bandeiras, que foram enroladas num tubo em PVC forrado com papel *acid-free*, um objeto arqueológico acondicionado numa caixa de polipropileno, foram colocados em prateleiras na reserva 1. Uma fotografia emoldurada foi colocada numa prateleira conjuntamente com os quadros da coleção de Santo Estêvão na reserva 2. Os restantes objetos, os materiais etnográficos, três pequenas caixas, dois livros, várias etiquetas, dois pequenos quadros, leques, fitas autárquicas, cerâmicas arqueológicas e não arqueológicas, um candeeiro, uma lamparina e um jarro foram colocados nas gavetas do armário metálico forradas com espuma e placas de polietileno. Alguns objetos mais pequenos foram ainda acondicionados em pequenas caixas de polipropileno.

### **3.6. Coleção de arte contemporânea e elementos arquitetónicos**

Numa pequena sala localizada no primeiro piso do Palácio da Galeria está guardada a coleção de arte contemporânea que consistem em poucos espécimes colocados no chão, verticalmente encostados uns aos outros e cobertos com plástico bolha. As restantes obras de arte estão dispersas nas paredes dos gabinetes.

As cantarias estão em razoável estado de conservação, apenas colocadas sobre paletes em madeira no antigo armazém localizado na Rua Sesinando da Purificação Azinheira sem qualquer proteção.



## Capítulo III – Projeto do novo edifício do Museu Municipal de Tavira



Vale do Carangejo, Tavira (Intranet/Câmara Municipal de Tavira)

A arquitetura, com os seus espaços, materiais, orientação, aberturas, tipo de cobertura e demais características, intermedia as relações entre o ambiente externo e o ambiente interno. O ambiente climático interno criado através do edifício construído é um importante meio de ligação entre os objetos, as pessoas e a conservação do acervo.

(Ribeiro, 2010: 406)

A conservação do património é uma parte integrante da sociedade civil e que deve ser cultivada. A conservação envolve uma esfera de profissionais que detêm conhecimentos em ciências exatas e ciências sociais. Os desafios futuros da conservação dependem dos contextos sociais que são as origens reais dos significados do património e a razão da sua salvaguarda.

Nas últimas décadas ocorreram mudanças na sociedade que afetaram a forma como vemos e criamos o património cultural. No campo da conservação tem ocorrido transformações fundamentais como resultado do desenvolvimento da ciência e de novas técnicas que conduziram a um aumento de possibilidades de tratamentos e intervenções com o fim de prolongarem a vida dos bens culturais. Ao assumir a importância dos valores económicos e sociais para além das noções tradicionais (estéticas, históricas, época, etc), a conservação depara-se com um campo muito maior na tomada de decisões. No passado, a conservação era uma disciplina autónoma, um campo fechado composto apenas pelos especialistas. No século XX ocorreu uma expansão extraordinária tanto na comunidade dos conservadores como no campo do património. Continuando a existir os especialistas, surgem agora novos grupos envolvidos na salvaguarda do património, que são os cidadãos.

Atualmente, a conservação não pode sofrer nenhuma inovação se continuar a concentrar o seu discurso unicamente na sua condição física, mas sim deve desempenhar um papel na sociedade moderna, nos mecanismos sociais, na política, na economia e na cultural através do quais o papel dos técnicos de conservação é melhor compreendido e articulado. Deste modo, a conservação do património cultural encontra-se inserida na sociedade e é moldada pelas forças económicas, políticas, sociais e culturais e que ela também, por sua vez, molda a sociedade.

A conservação está continuamente em mudança uma vez que as próprias culturas estão constantemente a fluir da escala local à global. Os bens culturais não são estáticos, mas sim um meio através do qual a identidade, a sociedade e o poder produz-se e reproduz-se. Objetos, coleções, monumentos e sítios são reconhecidos como “património” através de decisões conscientes e valores incontornáveis de instituições e pessoas particulares, e por essa razão são fortemente moldadas pelos processos e contextos sociais. Deste modo, como todas as outras atividades sociais, a conservação não é objetiva, mas sim baseada em valores e perspetivas de vários indivíduos e interesses de grupo. Envolve

um processo complexo e contínuo que inclui determinações acerca do que constitui património, como é usado e cuidado, interpretado, etc, por quem e para quem. As decisões acerca do que conservar e como conservar são grandemente definidas pelos contextos culturais, pelas forças sociais, políticas e económicas, e que elas próprias estão em contínua mudança.

Os valores transformam os objetos, monumentos e sítios em “património”. O “significado cultural” é o termo usado pela comunidade de conservação para proteger os múltiplos valores do património cultural. A conservação é o ato que se segue após o reconhecimento do objeto, monumento e sítio como património. Os tratamentos de conservação não devem alterar o significado do bem cultural, mas sim valorizá-lo.

A conservação do património cultural tem um papel importante na sociedade moderna. É importante assegurar a relevância de todo o trabalho de conservação na sociedade que integra e contextualizar uma variedade de vertentes relacionadas com a conservação do património cultural. Uma vez que objetos, monumentos e sítios são considerados património cultural devido aos significados e usos que os indivíduos têm em relação a eles e os valores que representam, então a conservação deve ser um processo motivado pelos valores individuais, institucionais e comunitários. A conservação deve assim integrar a avaliação destes valores no seu trabalho o mais eficazmente para que a negociação em relação à conservação do património seja um papel produtivo na sociedade civil. A conservação deve ser vista como um processo social.<sup>141</sup>

Existe assim uma série de valores associados ao património (económicos, estéticos, culturais, políticos e educativos) e uma vez que todos eles participam no processo de conservação, o equilíbrio entre eles é um dos desafios mais difíceis no que diz respeito às decisões. Segundo especialistas, uma compreensão mútua entre economia e cultura é essencial para permitir que a conservação tenha um papel importante na sociedade civil. Os conceitos do pensamento económico podem ser contribuições indispensáveis para a compreensão do papel da conservação na sociedade, uma vez que a economia de mercado influencia cada vez mais a sociedade contemporânea tornando-se num fator importante nas políticas de conservação e decisões. No entanto, os valores patrimoniais não podem ser

---

<sup>141</sup> VALUES and Heritage Preservation. Research Report. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 2000, p. 11

colocados no mesmo saco que os aspetos económicos tradicionais nem podem ser avaliados em termos monetários.<sup>142</sup> Deste modo, o discurso económico deve ser trabalhado e sensibilizado para ter em conta também os valores associados à conservação do património como estéticos, simbólicos, históricos, justiça social, igualdade na gestão do património cultural, igualdade geracional, acessibilidade do público ao património, contextualização dos significados do património cultural pelo seu momento histórico e geográfico, valores comunitários relacionados com as identidades locais, património visto como qualidades visuais e experimentais e reconhecer o património como um enriquecimento social.<sup>143</sup> A salvaguarda do património tem como fim o benefício dos cidadãos e das futuras gerações e é um importante contribuidor na qualidade de vida das populações.

A conservação preventiva deve tomar lugar no debate da sustentabilidade do ambiente. A sustentabilidade é o termo usado para encontrar um equilíbrio entre conservação e economia. Representa, deste modo, o esforço na criação de um novo tipo de desenvolvimento baseado na sustentabilidade do meio ambiente, e não na sua destruição. Em vez da batalha entre conservação e desenvolvimento, a sustentabilidade representa a segurança de encontrar diferentes formas de decisões, medir resultados e atribuir valores, com o fim de servir e encontrar um equilíbrio sustentável para o presente e o futuro. O campo da conservação do património deve andar a par e aprender com o campo da conservação da natureza.<sup>144</sup>

Pelo exposto, as decisões do que conservar e como conservar são feitos num contexto de muitos sistemas de valores e não apenas na dos conservadores. O valor económico e político interfere muito, uma vez que sem financiamento não se pode conservar o património. O relacionamento com as forças políticas é vital, mas nunca é fácil.

---

<sup>142</sup> MASON, Randall - Economics and Heritage Conservation: Concept, Values and Agendas for research. *Economics and Heritage Conservation*. Los Angeles: The J. Paul Getty Trust, 1999, p. 2-5

<sup>143</sup> MASON - Economics and Heritage Conservation: Concept, Values and Agendas for research, p. 10

<sup>144</sup> MASON - Economics and Heritage Conservation: Concept, Values and Agendas for research, p. 12, 13

A conservação preventiva pode ser algo fascinante e interessante para o público no processo de proteção do património cultural e como fonte de conhecimento e disfrute e por isso devem ser quebradas as barreiras entre os profissionais e o público.

### **1. A conservação dos valores e do património**

Segundo Michel Lacroix, o projeto da salvaguarda tem os seus adversários: o homem destruidor, o homem negligente e o homem modernizador. O homem destruidor produz atos de vandalismo sobre o património, degrada os monumentos e os lugares públicos e faz reinar a insegurança. O homem negligente exerce o poder da indiferença e do esquecimento, ou seja deixa os monumentos ao abandono, não se preocupa com ambiente e não participa na vida cultural. O homem modernizador defende que nada deve permanecer idêntico a si mesmo e que tudo deve fundar na mudança em que a novidade equivale ao progresso. Este último homem é aquele que penetra no mundo modificando-o, sendo o mais perigoso.<sup>145</sup>

Queremos que as futuras gerações sejam indivíduos conscientes, responsáveis e preocupados pelo património e que acima de tudo defenda um progresso autêntico. Queremos uma geração onde se excluam os adversários do projeto da salvaguarda.

Infelizmente a nossa sociedade vive da imposição de modelos estereotipados, muitas vezes importados de outras culturas. É importante lançar propostas de sensibilização para a salvaguarda do património e que pode ser desenvolvida por grupos de diferentes níveis etários e que se torne um contributo para o desenvolvimento do espírito crítico e respeito pelos valores do passado e do presente. Cada geração deve transmitir à seguinte o legado artístico histórico das gerações anteriores. Todos devemos assumir a responsabilidade de defender, conservar e transmitir os bens da comunidade a que pertencemos. Tudo o que nos foi legado está presente no nosso quotidiano: a igreja, o palácio, o moinho de vento ou de maré, as danças e cantares, o artesanato local, etc. O nosso ambiente está enquadrado num ambiente definido pelo passado que tem que ser preservado na construção do presente.<sup>146</sup>

---

<sup>145</sup> LACROIX - *O Princípio de Noé ou a Ética da Salvaguarda*, p. 65-67

<sup>146</sup> TELMO, Isabel Gottinelli. - *Património e a Escola – Do Passado ao Futuro*. Coleção Educação Hoje. 5.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Texto Editora, Setembro 2000, p. 7

Em 2014 iniciou-se ações de conservação pelo serviço educativo do Museu Municipal de Tavira viradas para as escolas. Foram construídas maquetes de salas de exposições em miniatura. A exposição “Memória e Futuro”, patente no Edifício Principal do Palácio da Galeria foi eleita para esta ação virada para a sensibilização na área da conservação e a sua importância na sociedade (Figura: 3.1 na página 169). Esta ação tem como fim salientar aspetos importantes como: a importância da conservação para preservar os bens culturais e assim a nossa identidade cultural; dar um conhecimento geral como funciona o laboratório de conservação e restauro, os métodos aplicados no tratamento dos bens, o acondicionamento; a importância deste trabalho de fundo no âmbito de qualquer exposição museológica; e como todos podemos contribuir para salvaguardar e dignificar o nosso património.

A oficina consiste numa visita à exposição em que a partir das peças expostas são feitos paralelos ao laboratório de conservação e restauro, à intervenção na estatuária pública, aos cuidados a ter com os bens em exposição num museu, abordagem dos bens não expostos, que se encontram em reserva. No final, apresentam-se as maquetes construídas a partir de caixas de cartão onde foram colocadas duas janelas e a porta de entrada com vitrinas feitas em caixas de plásticos com suporte em cartão, impressão de fotografias de objetos, que se encontram em exposição, recortados e colados em cartão, tampas com sílica-gel colada, colocação de portadas em cartolina e cortinas em tecido nas janelas e desumidificadores feitos em cartão e barro plástico (Figura: 3.2 na página 170). Fazem-se as seguintes perguntas: Para excluir a luz da sala que deves fazer? Qual a vitrina que deverá ser colocada a sílica gel? Qual a distribuição dos objetos nas vitrinas tendo em conta os cuidados de conservação? Quando a sala tem muita humidade o que deves colocar?

## **2. Localização do novo edifício**

As coleções patrimoniais são a base sobre a qual os museus constroem e reforçam o seu papel social e a identidade. O desafio consiste em preservar as coleções de modo a transmitir o passado para as futuras gerações. Os museus têm promovido o conceito e a prática de conservação preventiva, que consiste numa gestão pluridisciplinar para reduzir a

perda de património cultural. Desde sempre a conservação preventiva apoiou-se no intercâmbio científico, na livre circulação de informação e no desenvolvimento simultâneo da formação. Assim, é importante que o Museu Municipal de Tavira adote uma estratégia de conservação preventiva concertada e sustentável que requer um conhecimento profundo das coleções e dos seus contextos com a integração do inventário e a afirmação desta disciplina junto do público.

As reservas técnicas são espaços funcionais distintos de outros espaços do museu com uma função concreta: guardar as coleções museológicas. São considerados espaços de grande importância num museu. O seu acesso deve ser restrito por questões de segurança, no entanto podem ser acessíveis a estudantes e investigadores e estender, através de visitas guiadas pontuais, o seu acesso ao público em geral com intuito da sua sensibilização para a importância destes espaços no museu. A reserva nunca deve ter uma função de retaguarda, mas assumir várias funções como o local onde se guardam as coleções, onde se faz a gestão das coleções e meio de ensino e investigação. A reserva é indissociável das exposições, da política de incorporações, do inventário das coleções, dos projetos de investigação, das ações de divulgação do museu e do público. É importante ter uma política de incorporação bem definida para que a reserva responda às necessidades do museu.<sup>147</sup> As coleções nunca devem expandir sem haver um controlo podendo comprometer a conservação de todos os bens patrimoniais. A maneira como o museu lida com este problema tem efeito no programa das reservas e coleções.

É importante ter em consideração que num planeamento museológico de investimento, as reservas técnicas nunca devem ser postas em segundo plano. Para projetar um programa apropriado para as futuras reservas técnicas do Museu Municipal de Tavira deve-se fazer uma avaliação dos seguintes fatores: Que tipo de instituição museológica se trata? Qual é o papel do museu em relação às suas disciplinas? Como é que as coleções são usadas em exposição, educação e investigação? Qual o espaço necessário para acomodar adequadamente as coleções? Qual é a política de aquisições do museu e como esta política

---

<sup>147</sup> AMARAL, Joana - Gestão de Acervos em Reservas Museológicas. *Informação ICOM.PT*. ICOM – Portugal, Série II, N.º 15, p. 3. Disponível na Internet <URL: [http://www.icom-portugal.org/multimedia/info%20II-15\\_dez11-fev12.pdf](http://www.icom-portugal.org/multimedia/info%20II-15_dez11-fev12.pdf)

afeta a futura expansão das reservas? Qual é a relação ideal entre as reservas e as outras áreas do museu?<sup>148</sup>

No capítulo II fez-se um levantamento das condições atualmente existentes nas reservas e depósitos do museu: edifícios dispersos pela cidade e não projetados para desempenhar a função de reservas. Para solucionar o problema existente propõem-se a construção de um edifício de raiz para albergar todas as coleções do Museu Municipal de Tavira com as condições devidamente projetadas. Na idealização da nova construção deve haver dois blocos distintos, um destinado para as reservas técnicas e o outro destinado para as atividades de conservação e investigação, uma vez que as funções museológicas funcionam de uma maneira interligada com as áreas das reservas: a presença de coleções num edifício requer também pessoal a trabalhar permanentemente.

A nova construção deve incluir no organigrama: Reservas técnicas ou espaços com função primordial de guardar acervo não exposto requerendo precauções especiais quanto à sua localização, proteção contra roubo e incêndio e condições ambientais específicas; Gabinetes de investigação, arqueologia, antropologia, história e história de arte; Centro de Documentação para desenvolvimento de atividades de pesquisa; Sala de reuniões, conferência, seminários; Laboratório de conservação e restauro sendo considerado um espaço muito importante dentro da instituição; Sala de registo de entrada e saída de acervo; Sala de quarentena para os objetos que provêm do exterior ou com infestação biológica ou por limpar e tratar que devem ser isolados, tratados antes de ser conduzidos para as reservas técnicas; Sala para acondicionamento dos bens culturais; Central de segurança; Sanitários, zona de comer e vestuário; e Armazém. A união das diferentes funções num mesmo edifício facilita a gestão tanto das coleções como dos recursos humanos. As reservas devem constituir 80-85% da área construtiva total em relação aos outros serviços que deve ser 15-20%.

O Museu Municipal de Tavira ficaria dividido em duas vertentes importantes: o Palácio da Galeria, localizado no Centro Histórico, como espaço dinâmico e próximo do público nas suas diversas manifestações culturais como exposições, serviço educativo,

---

<sup>148</sup>JOHNSON, E. Verner; HORGAN, Joanne C. - *Museum Collection Storage*. Paris: UNESCO, 1979, p. 11

teatro, dança, etc, e um edifício construído de raiz, afastado do centro histórico, direcionada para a investigação e conservação.

Como proposta para a localização deste novo edifício com uma área de implantação de 2000 m<sup>2</sup> com dois pisos propõem-se dois locais: Parque de Feiras e Exposições na junção dos lotes 31, 32 e 33 (Loteamento: 3.1 na página 137)<sup>149</sup> ou Parque Industrial na junção dos lotes 82, 83, 84 e 85 (Loteamento: 3.2. na página 138).<sup>150</sup> Os lotes adjacentes devem ser reservados para posterior necessidade de aumento das reservas técnicas e assim da área do edifício. A escolha destas áreas localizadas fora do perímetro histórico deve-se aos seguintes fatores como: dificuldade de encontrar no Centro Histórico de Tavira áreas livres, disponíveis e amplas onde se possa construir este edifício que deve ser pensado para um futuro aumento das reservas técnicas; subsolo do Centro Histórico completamente minado com vestígios arqueológicos o que iria colocar condicionantes no projeto; e regras rigorosas em relação aos projetos arquitetónicos para edifícios novos a construir no Centro Histórico iria colocar também condicionantes neste novo edifício.

Estas localizações têm como desvantagem estarem longe do centro da cidade, apesar de terem ambas bons acessos. Como vantagens estão longe do mar, zonas pantanosas, rios e sem perigo de inundações e longe de áreas com imenso tráfico sujeitas à trepidação, ruído e poluição.

Em relação às reservas técnicas, o primeiro passo é avaliar a extensão das coleções existentes e estimar o crescimento das coleções: é importante prever o crescimento do acervo e as futuras necessidades num prazo médio de cinquenta anos. As coleções devem ser divididas por categorias e deve ser estimada a área para cada reserva, tendo atenção que cada área deve ser maior à que é necessária atualmente. Na sectorização por categorias das coleções do Museu Municipal de Tavira, as áreas estimas das reservas técnicas devem ser as seguintes: a) Reserva técnica de arqueologia para materiais depositados em contentores e cantarias com 707,00m<sup>2</sup>; b) Reserva técnica de arqueologia para acervo inventariado, estudado e conservado com 225,00m<sup>2</sup>; c) Reserva técnica de etnografia para grandes

---

<sup>149</sup> Consultar Parque de Feiras e Exposições - Tavira - Ativar Tavira. Disponível na Internet <URL: <http://www.ativartavira.pt/parque-de-feiras.../parque-de-feiras-e-exposicoes>

<sup>150</sup> Consultar Parque Empresarial de Tavira - Ativar Tavira. Disponível na Internet <URL: <http://www.ativartavira.pt/parque-empresarial/parque-empresarial-1>

objetos com 953,00m<sup>2</sup>; d) Reserva técnica de etnografia para pequenos objetos (incluindo a coleção do Antigo Edifício do Posto Agrário, de Cachopo, do Cofre Municipal, de Santo Estêvão e outras coleções ou bens que venham a ser adquiridos futuramente com 225,00m<sup>2</sup>; e) Reserva técnica para mobiliário da coleção de Santo Estêvão e outras proveniências com uma área de 225,00m<sup>2</sup>; f) Reserva técnica para os metais arqueológicos e não arqueológicos com 173,00m<sup>2</sup>; g) Reserva técnica para fotografias, gravuras, jornais, selos, tecidos, estampas e livros para a coleção de Santo Estêvão, do Cofre Municipal e arte contemporânea (incluindo coleções ou bens que venham a ser adquiridos futuramente) com 197,00m<sup>2</sup>; h) Reserva técnica para cerâmicas, vidros e fósseis para a coleção de Santo Estêvão e arte contemporânea (incluindo outras coleções ou bens que venham a ser adquiridos futuramente) com 197,00 70m<sup>2</sup>; i) Reserva técnica para quadros e escultura da coleção de Santo Estêvão e arte contemporânea (incluindo outras coleções ou bens que venham a ser adquiridos futuramente) com 197,00m<sup>2</sup>.<sup>151</sup>

Junto das reservas deve existir um monta-cargas para transporte de material pesado e volumoso. O acesso às reservas técnicas deverá ser feito de forma independente, através de um corredor ou Hall. Em termos ambientais será necessário criar as condições apropriadas em cada local e para cada tipo de acervo.

Na disposição das reservas técnicas num edifício de dois pisos ficariam no piso térreo as duas reservas que ocupam as maiores áreas, ou seja a reserva técnica de arqueologia para materiais depositados em contentores e cantarias e a reserva técnica de etnografia para grandes objetos. Esta última reserva deve ter saída para o exterior do edifício. As restantes reservas ficariam no primeiro piso em comunicação com um corredor central. A ligação deste bloco constituído apenas pelas reservas com o outro bloco onde funcionaria os restantes espaços seria apenas através de uma comunicação. Os restantes espaços: a) Laboratório de conservação e restauro com 40,00m<sup>2</sup> e a sala de quarentena cerca de 30,00m<sup>2</sup>; b) Gabinetes de investigação com 15,00m<sup>2</sup> cada sala; c) Sala de reunião, conferências, seminários com 40,00 m<sup>2</sup>; d) Centro de documentação com 20,00m<sup>2</sup>; e) Sala de registo de entrada e saída de acervo com 11,25m<sup>2</sup>; f) Sala para

---

<sup>151</sup> DECAVANAY, Alicia Herrero [et al.] - Almacenes de Museos. Espacios Internos. Propuesta para su Organización. *ICOM España Digita/Revista del Comité Español de ICOM*. N.º3, 35-37. Disponível na Internet <URL: [http://www.icom-ce.org/recursos/ICOM\\_CE\\_Digital/03/ICOMCEDigital03.pdf](http://www.icom-ce.org/recursos/ICOM_CE_Digital/03/ICOMCEDigital03.pdf)

acondicionamento de bens com 11,25m<sup>2</sup>; g) Central de segurança com 11,25m<sup>2</sup>; h) Zona de comer e vestuários com cerca de 15,00m<sup>2</sup>; i) Armazém cerca de 11,25m<sup>2</sup>.<sup>152</sup>

Na disposição destes espaços no segundo bloco, mais pequeno, no piso térreo ficaria localizado o laboratório de conservação e restauro, a sala de quarentena, a sala de registo de entrada e saída de acervo, a sala de acondicionamento dos bens, a central de segurança, vestuários e o armazém. Os restantes espaços devem ficar no piso superior: gabinetes de investigação, centro de documentação, sala de reunião, e zona de comer. Um vestíbulo ou Hall separaria os dois blocos com escada de acesso ao primeiro piso, sanitários em cada piso, o monta carga e a entrada principal do edifício. Este Hall seria ainda a área de descarrego dos bens. As plantas 3.3 e 3.4 nas páginas 139 e 140 mostram um esquema idealizado da distribuição dos diferentes espaços no edifício.

O custo aqui apresentado é uma aproximação e apenas relacionado com a construção do edifício em si incluindo o terreno e a construção. Em relação aos equipamentos, tanto das reservas como do laboratório, torna-se complicado estipular um valor na medida em que um orçamento requer uma planta já concretizada dos espaços.

O custo por metro quadrado do terreno tanto no Parque Industrial como no Parque de Feiras e Exposições é de 500 €. O valor na compra do terreno para a implementação de um edifício de cerca de 2000 m<sup>2</sup> será de 1 000 000 €. O valor de construção do edifício é aproximadamente de 1000 € por metro quadrado. Num edifício com uma área de implementação de 2000 m<sup>2</sup> ficará no valor de 2 000 000 €. O total previsto para a construção deste edifício é de 3 000 000 €.

### **3. Funcionalidade dos espaços**

Uma reserva é caracterizada por reduzir os riscos de deterioração dos bens, ser um espaço bem organizado e planeado, usar materiais de acondicionamento e mobiliário previamente selecionados, haver práticas de um bom manuseamento dos bens, ter um meio

---

<sup>152</sup> CHRISTENSEN, Jørgen Erik; JANSSEN, Hans; TOGNOLO, Barbara - Hygrothermal Performance Optimization of a Museum Storage Building. *Buildings XI: Proceedings of Thermal Performance of the Exterior Envelopes of Whole Buildings XI International Conference*, 2010. Disponível na Internet <URL: [http://www.web.ornl.gov/sci/buildings/2012/.../10\\_Christensen.pdf](http://www.web.ornl.gov/sci/buildings/2012/.../10_Christensen.pdf)

ambiente controlado e livre de pragas, ter uma boa higiene, ter segurança contra intrusão e incêndios, ser um espaço só usado para guardar acervo e ser um espaço suficiente, eficiente e preparado para receber coleções em crescimento.

As reservas técnicas devem ser separadas das outras áreas de trabalho, uma vez que têm que ter um bom desempenho climático, envolvem uma avaliação e uma implementação de estratégias e técnicas que permitam as condições de preservação a longo termo e por questões de segurança das coleções. A presença e a circulação constante de pessoas na reserva provoca alterações na temperatura e na humidade relativa, o que provoca por sua vez um aumento dos custos energéticos, e dispersão de poeiras no meio ambiente acumulando sujidade nos objetos expondo a infestações biológicas. Também o requerimento das áreas de trabalho determinados níveis de iluminação podem provocar deterioração nos materiais, uma vez que de uma maneira geral as reservas devem estar na escuridão, e equipamentos de escritório como computadores e fotocopiadores libertam ozono, um poluente que ataca as coleções.

As reservas técnicas devem estar em comunicação com as zonas de trânsito e a sala acondicionamento/receção de bens culturais. Deverá haver uma circulação fácil entre as reservas técnicas e o laboratório de conservação e restauro, a sala de quarentena e os gabinetes de investigação. A sala de quarentena deve estar próxima do laboratório de conservação e restauro. Nas reservas deve haver tomadas espalhadas pela totalidade dos espaços para facilitar a limpeza com aspiradores e outros equipamentos necessários. Pode-se propor que algumas das paredes das reservas tenham janelões com vidro duplo voltadas para um corredor interior do edifício de forma a permitir a sua visualização pelo público como um meio de educação e sensibilização para a importância das reservas e da conservação preventiva para a salvaguarda do património.

O acondicionamento das coleções é composto por uma multiplicidade de proteções que vai desde o próprio edifício até aos materiais de acondicionamento. Assim, do exterior para o interior, existem as seguintes proteções ou invólucros: o próprio edifício exterior e interior; a sala onde se encontra a coleção; o equipamento – armário ou estante; a caixa ou o contentor; e os materiais usados para cobrir os objetos. As reservas devem ser espaços com condições apropriadas para a correta preservação das coleções.

Conhecer a sensibilidade das coleções é fator importante para compreender a importância nas estratégias a adotar em relação ao meio ambiente. Deste modo, o

desempenho do edifício é crucial para uma efetiva proteção do acervo museológico contra os efeitos maléficos ambientais. O edifício responde ao clima, aos desastres naturais e outras agressões em função da sua localização, configuração, detalhes de construção, materiais usados e uso dos espaços. O arquiteto também deve ter conhecimento dos principais fatores de deterioração dos bens culturais, uma vez que a arquitetura pode ser um ótimo contributo para minimizar ou até excluir as grandes causas que põem em risco o património.

#### **4. Tipo de construção e materiais a utilizar**

O edifício é a primeira barreira de proteção do acervo. A estrutura e o equipamento do edifício desempenham um papel essencial na conservação das coleções. O processo de construção de um edifício desta natureza passa necessariamente por diferentes fases, desde a decisão da sua criação, ao local para a sua implantação, à definição detalhada do projeto museológico e à execução de estudos prévios a efetuar conjuntamente com todos os interessados onde se incluem os museólogos, os conservadores, os informáticos, os arquitetos e os engenheiros e requer ainda um profundo conhecimento das coleções que irão ser incorporadas.

O edifício deve ser construído longe de toda a fonte de perigos permanentes ou potenciais. Deve-se evitar terrenos inundáveis, zonas costeiras marítimas expostas às tempestades, encostas suscetíveis de deslizamentos de terreno. Deve-se ainda evitar a vizinhança de fábricas de químicos, de depósitos de materiais inflamáveis ou explosivos. Aconselha-se a fazer uma prospeção no terreno para detetar a existência de cursos de água no subsolo.

Quando se constrói um novo edifício existe mais oportunidade e flexibilidade para projetar a arquitetura e a construção. Na escolha do arquiteto para projetar este edifício é importante que este já tenha experiência em projetos de arquitetura de museus. Alerta-se que não se pretende aqui criatividade arquitetónica, uma vez que geralmente estes edifícios, construídos para reservas, exteriormente têm o aspeto de um *Bunker*, ou seja um edifício fechado com poucas janelas. As condições em que a arquitetura possibilita a conservação preventiva de acervo museológico passam por aspetos importantes como o conhecimento do ambiente climático e das características geológicas onde o edifício irá ser construído, a solução arquitetónica adotada através da sua forma, orientação e distribuição

interna e a escolha e o comportamento dos materiais de construção aplicados no edifício de forma a assegurar a proteção contra os elementos climatéricos, poluição, insetos e roedores.<sup>153</sup>

Estes itens combinados estabelecem as condições para que o acervo museológico esteja em condições favoráveis para a sua conservação: o edifício deve desempenhar um papel importante no estabelecimento do microclima interno de forma a reduzir o impacto de temperaturas e humidades extremas. Para conhecer o clima e avaliar os seus efeitos dentro do edifício será necessário recolher informações sobre os dados climáticos externos. Estas informações irão permitir construir um edifício com as condições ambientais internas favoráveis à conservação. Deste modo, os engenheiros e os arquitetos devem transformar as informações ambientais num sistema construtivo que anule as características desfavoráveis ambientais de forma a favorecer a conservação do seu acervo museológico. A arquitetura e a orientação do edifício, as áreas, os materiais de construção, as aberturas, o tipo de cobertura, o isolamento das paredes, entre outros, permita estabelecer uma relação entre os ambientes externo e interno. Mais importante do que alcançar “padrões” de temperatura e humidade relativa desejáveis para a preservação dos acervos museológicos é a criação de ambientes internos estáveis.<sup>154</sup>

Métodos passivos são entendidos como elementos construtivos selecionados em função das características do clima e designa-se por “Arquitetura Sustentável ou Bioclimática”. As escolhas adequadas dos materiais de construção, de acabamento e de equipamento deverão obedecer a rigorosas especificações de segurança contra acidentes, agressão ambiental ou biológica e assegurar a boa conservação do acervo. Cada vez mais existe a preocupação na eficiência energética e na sustentabilidade dos edifícios. Deste modo, o meio ambiente pode ser controlado passivamente com o fim de minimizar o consumo de energia tornando a manutenção mais fácil e o edifício mais sustentável: a

---

<sup>153</sup> RIBEIRO, Mariana Byrro - Arquitetura na conservação preventiva em museus brasileiros. *I Encontro Luso-Brasileiro de Conservação e Restauro*. Porto: Universidade Católica do Porto, Setembro 2011, p. 146. Disponível na Internet <URL: [http://www.artes.ucp.pt/.../11\\_arquitetura%0na%20conservacao%20preventiva.pdf](http://www.artes.ucp.pt/.../11_arquitetura%0na%20conservacao%20preventiva.pdf)

<sup>154</sup> RIBEIRO, Marina Byrro - A importância do edifício para o conforto e o controle ambientais no museu. *Actas do Seminário de Investigação em Museologia dos países de Língua Portuguesa e Espanhola*. Vol. I. Porto: Universidade do Porto, 2010, p. 406

arquitetura de um edifício deve ser explorada como um instrumento potencial para benefícios ambientais interiores.

O primeiro passo na construção é reduzir o impacto do clima externo no edifício. O Verão é caracterizado pela radiação solar e temperaturas elevadas. O Inverno é caracterizado pelo ar frio, temperaturas baixas e chuvas. De uma forma geral, os edifícios são eficientes em absorver radiação solar e menos eficientes em libertar o calor absorvido e como consequência o interior tende a ter temperaturas mais elevadas que o exterior. Assim, o primeiro passo é reduzir os ganhos solares não desejados e fazer uma escolha apropriada na sua orientação.<sup>155</sup>

É importante que na construção do edifício sejam usados materiais que tenham uma boa condutividade térmica e uma grande capacidade para armazenar energia. O desempenho térmico e a resposta do edifício têm grande influência na temperatura interior. A escolha adequada dos materiais em função das suas especificações determinam a relação interior/exterior, possibilitando o controlo e a obtenção valores internamente distintos dos exteriores com o objetivo de reter e libertar calor. Os próprios materiais utilizados na construção do edifício podem exercer um efeito de estabilização de humidade e temperatura, ou seja absorver calor durante períodos de excedente e libertar calor durante os períodos em falta.

Alerta-se que muitos materiais usados na construção civil são porosos e higroscópicos e armazenam uma quantidade significativa de água e devem ser evitados. De facto, as quantidades de água que muitos materiais de construção retêm são cem vezes superiores às quantidades que o vapor de água contém no ar. Na escolha dos materiais deve-se ter atenção às suas qualidades higroscópicas. Existem cimentos especiais com forte capacidade de absorção de humidade. O tijolo é considerado um material isolante.<sup>156</sup>

A arquitetura bioclimática utiliza métodos passivos na busca do equilíbrio da humidade e temperatura interior dentro dos níveis desejáveis através da permissão da entrada de ar em ambientes selecionado ou expondo ou protegendo uma parede da radiação direta solar.

---

<sup>155</sup> BROWN – *Guidelines for Environmental Control in Cultural Institutions*, p. 25

<sup>156</sup> FLIEDER, Françoise; DUCHEIN, Michel - *Livros e Documentos de Arquivo. Preservação e Conservação*. Lisboa: Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, 1993, p. 59

O edifício deve ser isolado do solo por meio de estacarias de betão para evitar as infiltrações de humidade e funciona como proteção contra as térmitas e roedores. Deve assentar assim sobre uma proteção impermeável contra a ação das águas. O edifício deve ser coberto de lajes de betão anticiclone e todas as aberturas para o exterior, portas e janelas, devem ser munidas de dispositivos de fecho impermeável para impedir a infiltração da água das chuvas. Deve haver um espaço vazio para arejamento entre o telhado e o nível superior do edifício para assegurar um bom isolamento. Todos os materiais de construção e revestimento devem ser especialmente escolhidos em função da sua impermeabilidade, resistência à humidade, incombustíveis, permitir isolamento térmico e higrométrico das paredes e telhado. Para permitir a estabilidade no interior do edifício, as paredes exteriores devem ser duplas com uma caixa-de-ar intermédia.<sup>157</sup>

As áreas das reservas técnicas e a sala de quarentena, que ao fim ao cabo é uma pequena reserva onde se guardam peças que aguardam tratamento, não devem ter janelas e devem estar munidas de pequenas aberturas para um sistema de ventilação natural de forma a evitar a estagnação do ar. Deve haver uma livre circulação de ar, uma vez que a ventilação possibilita a entrada de ar externo e retirada o ar interno contaminado por diversos elementos nocivos à conservação do acervo. Uma boa circulação de ar permite a dispersão de esporos e controlar o desenvolvimento de mico organismos.

Uma vez que Tavira é uma área com risco de sismos, a construção deve estar obrigatoriamente em conformidade com as normas antissísmicas, ou seja toda a estrutura terá de ser em betão armado, prumos horizontais e verticais, lajes reforçadas e juntas que assegurem a coesão entre as diferentes partes do edifício.<sup>158</sup>

Os materiais de construção devem ser de boa qualidade para evitar reparações custosas, produzir uma quebra de funções do edifício devido à produção de acidentes e o risco de os materiais degradados libertarem contaminantes e afetarem a qualidade do ar. As fundações devem ser projetadas de modo a evitar a ascensão de humidade e a estrutura deve ser resistente a cargas, sismos e fogo (alerta-se que as reservas suportam cargas pesadas). É importante que a cobertura tenha tratamentos de impermeabilização, isolamento térmico e acústico e prever um afastamento entre o último piso e o telhado. Nos acabamentos não se deve utilizar rebocos de areia do mar ou então proceder a uma

---

<sup>157</sup> FLIEDER; DUCHEIN - *Livros e Documentos de Arquivo. Preservação e Conservação*, p. 60, 61, 72, 73

<sup>158</sup> FLIEDER; DUCHEIN - *Livros e Documentos de Arquivo. Preservação e Conservação*, p. 59

lavagem intensiva. A instalação de eletricidade, água e esgotos deve ser de fácil acesso. Os revestimentos internos do edifício devem ser isentos de formaldeídos e outros químicos poluentes na sua composição e resistentes ao fogo. As fachadas do edifício devem ser tratadas com substâncias repelentes à água e com cores claras de propriedade reflexiva de forma a reduzir a absorção da radiação. Os revestimentos dos pisos devem ser em materiais laváveis, do tipo industrial ou cerâmico e os materiais de construção devem ser preferencialmente incombustíveis. A ventilação e a iluminação devem ser naturais, esta última apenas nas áreas de trabalho.

Na planta do edifício, a localização das diferentes reservas técnicas deve ser previamente estudada. Muita bibliografia especializada aconselha a localizar as reservas no interior dos edifícios para não terem contato com as paredes que dão para o exterior. No entanto, esta preocupação deve estar relacionada sobretudo no caso de edifícios antigos adaptados a museus e que não foram previamente planejados para este fim. No caso de um edifício construído de raiz, as reservas podem estar junto de paredes exteriores desde que devidamente isoladas com paredes duplas e exclusão de janelas. A forma e orientação do edifício deve ser feita de forma a obter uma arquitetura solar passiva. Deve ter uma forma retangular com uma orientação de forma que as reservas fiquem voltadas para Norte, uma vez que devem estar menos expostas à radiação solar, e as áreas de trabalho voltadas para Sul.

Nas paredes das reservas não se devem colocar quadros elétricos e canalizações e devem ter uma altura superior a três metros. As portas de acesso devem ser minimizadas, amplas, com no mínimo um metro de largura, em aço e serem facilmente empurradas, para a deslocação de peças de grandes dimensões, de fecho automático, reduzindo-se às necessárias para não violar a saúde, a segurança e os riscos de incêndio. O acesso às reservas técnicas deverá ser sempre controlado e restringido ao pessoal técnico. As escadas de emergência e os corredores devem ter no mínimo de 1,20 metros.

Resumindo, o edifício deve ser construído de forma a ser uma caixa estanque com uma seleção de materiais apropriados de construção. Assim para a qualidade e conforto ambiental do edifício contribuem vários aspetos, nomeadamente uma construção com a maior exigência e qualidade, uma implantação com a melhor orientação cartesiana em relação ao posicionamento solar, um bom isolamento térmico criando boa capacidade térmica das superfícies, janelas e aberturas com as dimensões apropriadas e devidamente

localizadas para que possam proporcionar a melhor captação da luz natural e ventilação, uma projeção correta dos diferentes espaços e a sua comunicação, o cumprimento das normas de segurança em relação aos riscos de incêndios e um amplo perímetro à volta do edifício sem vegetação como prevenção contra as infestações biológicas.

Um dos valores defendidos pela conservação é o respeito pelo meio ambiente. Este edifício construído de raiz deve ter equipamentos que produzem e fornecem energias limpas e renováveis contribuindo para a sustentabilidade económica da autarquia e ambiental. As instituições culturais, assim como as autarquias como entidades estatais e ao serviço do público, devem servir de exemplo na utilização de energias renováveis. Entende-se por energias renováveis todas as formas de energia obtidas a partir de fontes renováveis, com capacidade de renovação a partir da natureza com disponibilidade inesgotável e com redução das emissões poluentes.<sup>159</sup>

Um bom projeto de um edifício sustentável deve ser cuidadosamente pensado de forma a ter em conta as condições de conforto interior e as condições de conservação, reduzindo ao máximo as necessidades do uso de aparelhos mecânicos. De um edifício sustentável resultam condições de conforto térmico interior melhoradas, redução de sintomas de doenças, benefícios económicos, redução de custos energéticos significativos, redução do uso do ar condicionado e instalação de unidades de aquecimento e arrefecimento de menores capacidades, reduzindo os custos da construção global de um edifício.

Para este edifício a melhor opção é a energia solar térmica, que como já foi mencionado consiste no aproveitamento de energia para o aquecimento dos edifícios através da conceção cuidada e de técnicas de construção inovadoras. A atenção recai em aproveitar ganhos solares no Inverno, minimizando as suas perdas para o exterior e em restringir os ganhos excessivos no Verão. Tem como vantagem o baixo custo de algumas soluções sobretudo quando consideradas em fase de projeto. Esta forma de aproveitamento de energia pode ser alcançada por diversos meios como a orientação do imóvel (sua localização e qualidade da envolvente), o isolamento térmico (incluindo vidros duplos)

---

<sup>159</sup> CASOS de utilização de energia renováveis, FUTUR-COMPET/AEP, Dezembro 2010, p. 7, 9. Disponível na Internet <URL: <http://www.lidera.info/?p=MenuContPage&MenuId=19&ContId=25>

e/ou o uso de paredes trombe que apresentam grande inércia térmica.<sup>160</sup> Para além da solar térmica, para equipamentos culturais desta natureza também são recomendadas as energias geotérmica de baixa profundidade e solar fotovoltaica.<sup>161</sup>

Em relação à energia geotérmica de baixa profundidade obtém-se a partir do recurso da utilização de bombas de calor geotérmicas. A permuta efetuada com o subsolo através da bomba de calor permite a obtenção do aquecimento e do arrefecimento para a climatização de qualquer compartimento do edifício com diferentes funcionalidades.<sup>162</sup>

A energia solar fotovoltaica é aquela que com maior facilidade face ao seu desenvolvimento técnico se pode adaptar para múltiplos tipos de aplicação e uso em qualquer edifício. A tecnologia fotovoltaica converte diretamente a energia solar em energia elétrica através de células solares e dos módulos ou painéis fotovoltaicos. Como desvantagem apresenta elevados custos.<sup>163</sup>

A inclusão de qualquer um destes sistemas de captação de energia é feita durante a construção do edifício. O projeto é feito antes do início da construção e os trabalhos de implementação vão avançando com a própria construção do edifício. É importante a mudança das nossas políticas arquitetónicas que devem ser adaptadas face a um planeta em aquecimento.

Os tradicionais sistemas de HVAC têm alguns inconvenientes difíceis de ultrapassar: ocupam normalmente grandes espaços por necessitarem de condutas de grandes dimensões e com significativos consumos de energia elétrica e que não são os ideais economicamente e ecologicamente. As soluções mecânicas na criação de ambientes internos estáveis têm vindo a ser questionadas e por isso o método de construção pode ser o elemento determinante para a solução arquitetónica de um edifício deste tipo. É mais importante ter um clima estável do que níveis específicos de temperatura e humidade

---

<sup>160</sup> CASOS de utilização de energia renováveis, p. 24

<sup>161</sup> Para energias renováveis consultar: EDIFÍCIO Solar XXI. Um edifício energeticamente eficiente em Portugal. Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação, I.P., Departamento de Energia Renováveis, INETI. Disponível na Internet <URL: [http://www.Ineg.pt/download/4078/BrochuraSolarXXI\\_Dezembro2005.pdf](http://www.Ineg.pt/download/4078/BrochuraSolarXXI_Dezembro2005.pdf)

<sup>162</sup> CASOS de utilização de energia renováveis, p. 85

<sup>163</sup> CASOS de utilização de energia renováveis, p. 41

relativa e isto consegue-se por um estudo cuidadosa da arquitetura do edifício.<sup>164</sup> Se o edifício está completamente dependente de sistemas mecânicos de controlo ambiental pode ocorrer falha do sistema ou ser desligado devido aos elevados custos resultando num descontrolo ambiental drástico. Os métodos simples para estabilizar o meio ambiente são muitas vezes mais eficientes que outros muito sofisticados. Os recursos mecânicos simples devem ser usados como complementares ficando restritos aos momentos em que as condições de estabilidade somente podem ser alcançadas por meio de um sistema deste. O ar condicionado só deve ser utilizado quando as condições climatéricas o exigem, ou seja quando a temperatura ultrapasse os 23°C e a humidade relativa os 65%. Da mesma forma se devem utilizar os aparelhos portáteis como os humidificadores e desumidificadores.

No entanto, atualmente existe um novo sistema de controlo ambiental mais avançado que pode ser adaptado às reservas técnicas. Trata-se de um sistema de prevenção de incêndio a partir de ar hipóxido denominado por *Fire-Pass-P*. Este sistema atua como inibidor de incêndios e pragas através da redução de níveis de oxigénio no ar. Ao gerar de forma simples e contínua o ar hipoxico esterilizado, este é injetado para os espaços de reservas baixando os níveis de oxigénio para 14-15%. Este sistema permite controlar também os níveis de humidade do ar e impedir a formação de poluentes atmosféricos por meio da redução das reações químicas. Com este sistema os extintores de incêndio são dispensáveis. O Arquivo do Forte de Sacavém e a Fundação de Casa Rui Barbosa utilizam este sistema nos depósitos/reservas.<sup>165</sup>

## **5. Normas e procedimentos de conservação preventiva a aplicar**

As áreas das reservas técnicas devem ser mantidas fechadas e só com entrada de pessoal autorizado. Todo o tipo de atividades não relacionadas com as reservas devem ser feitas no exterior como por exemplo o acondicionamento de bens para transporte. As atividades nas reservas são aquelas apenas relacionadas com a gestão, higiene e movimento de coleções.

---

<sup>164</sup> BROWN - *Guidelines for Environmental Control in Cultural Institutions*, p. 6

<sup>165</sup> Consultar o seguinte link disponível na Internet <URL: [http://Www.iab.org.br/sites/default/files/Prancha\\_FCRB\\_MH\\_Mario\\_Figueroa.pdf](http://Www.iab.org.br/sites/default/files/Prancha_FCRB_MH_Mario_Figueroa.pdf)

Em relação ao desenvolvimento das atividades no edifício é importante haver um plano de conservação preventiva bem sustentado e com meios financeiros adequados. Para uma conservação preventiva eficaz é necessário definir diretrizes e metodologias, garantir e desenvolver uma formação adequada sobre conservação preventiva a todos aqueles que trabalham com o património cultural, incluindo a atualização, a troca constante dos conhecimentos e o acesso à informação internacionalmente disponível. É necessário assegurar a partilha de responsabilidades na preservação das coleções envolvendo ativamente o público de forma a criar um sentimento de responsabilidade comum para com o património cultural de forma que haja uma maior consciência das necessidades da conservação do património cultural e dos benefícios que ele produz.<sup>166</sup>

Uma prática correta e permanente de um plano bem estruturado de conservação preventiva assegura a estabilidade o acervo museológico tornado possível o estudo, a divulgação e a exposição com o objetivo de passar o testemunho para as gerações vindouras. Este plano deve ser divulgado por todos os profissionais ligados às tarefas museológicas. As boas práticas de conservação preventiva visam a longevidade dos bens, a redução das intervenções curativas, evitando perdas patrimoniais, e uma melhor gestão dos recursos financeiros.

### **5.1. Equipamentos e organização das coleções**

No planeamento das novas áreas de reservas técnicas deve-se ter atenção ao equipamento necessário, ao uso apropriado dos espaços e às condições ambientais mais apropriadas para cada reserva técnica, dependendo da coleção. As reservas devem ser limpas, bem organizadas, com fácil acesso às coleções para inspeção. É necessário proceder a inspeções regulares e monitorizar as condições dos objetos para identificar problemas. As reservas técnicas devem ser mantidas trancadas com acesso a um número limitado de pessoas, exceto quando houver visitas de estudo ou investigadores, no entanto sempre com acompanhamento de responsáveis.

---

<sup>166</sup> PARA uma Estratégia Europeia de Conservação Preventiva. *Conservação e Restauro – Cadernos*. Lisboa: IPCR, N.º 1, ANO 1 (2000), p. 5, 7, 9

Para cada reserva técnica é necessário desenvolver uma programação específica para cada tipologia das coleções. Com o fim do aproveitamento dos espaços o melhor possível é necessário uma planificação prévia com os desenhos das plantas das áreas. A escolha do mobiliário deve ser feita em função da sua adequação às necessidades da coleção segundo os materiais, o peso, as dimensões, número de peças e diferentes tipologias.

Os equipamentos das reservas devem proporcionar proteção e segurança aos objetos, devem ser apropriados para o fim a que se destinam, produzidos a partir de materiais quimicamente inertes e estáveis a sismos. Devem ser construídos em aço com *designs* especializados e específicos para reservas.

O mobiliário das reservas deve permitir uma perfeita aeração e deve ser mantida um afastamento de 20/30 centímetros entre as paredes e as estantes.<sup>167</sup> A distribuição das estantes deve estar de acordo com o projeto de ventilação, iluminação e extintores de incêndios. As fileiras das estantes devem estar dispostas no sentido da circulação do ar evitando a formação de bolsas de ar estagnado.

Em reserva, a altura das estantes está limitado a 2,20 metros. A capacidade de uma sala com 170 metros quadrados é em média 1000 estantes. Cada prateleira com um metro de comprimento deve suportar uma carga de 1000 quilogramas. As estantes móveis, que são movidas sobre carris no pavimento permitem economizar o espaço colocando as fileiras de estantes uma sobre as outras (Figura: 3.3 na página 171). Neste caso, o pavimento tem que suportar uma carga de 2000 quilogramas/metros quadrados. Estes módulos são abertos por um volante e têm que ser projetados de acordo com as plantas das áreas. Estas estantes compactas deslizantes oferecem vantagens e desvantagens. Entre as vantagens estão a economia de espaço e o fechamento cria uma proteção contra poeiras e luz. Como desvantagens, a sua colocação requer uma estrutura resistente e a redução de circulação de ar.<sup>168</sup>

O mobiliário do laboratório de conservação e restauro deve ser cuidadosamente concebido, resistentes ao fogo, e deve ser em aço inox, incluindo as bancadas, os armários

---

<sup>167</sup> DRUMMOND - Cit. 124, p. 122,

<sup>168</sup> FLIEDER; DUCHEIN - *Livros e Documentos de Arquivo. Preservação e Conservação*, p. 63-67

para guardar materiais e produtos químicos, os lavatórios e as *Hottes* para a extração dos fumos tóxicos. As *Hottes* devem ser colocadas por cima das bancadas de trabalho em forma de tubos com saídas no teto.

A conservação preventiva tendo como princípio controlar as condições ambientais de forma a evitar a deterioração dos espécimes deve ser uma ação permanente e contínua. Diferentes categorias de objetos requerem diferentes métodos de acondicionamento. Os materiais usados no acondicionamento devem ser de boa qualidade, uma vez que vão estar muitos anos em contato com os bens.

Uma vez que uma coleção é constituída por vários elementos que fazem parte de um todo indivisível e a sua procedência deve ser respeitada. Dentro do possível, as coleções devem ser mantidas como núcleos indivisíveis conservando toda a sua longa história: o processo da sua aquisição, as razões da sua existência e a sua coerência interna. Ao respeitar a sua procedência trata-se mais fácil estudar a coleção e observá-la como um todo. No caso do novo edifício propõem a distribuição das coleções consoante os materiais e tipologias. Uma vez que a coleção de “Zézinho Beja” é composta por materiais muito diversificados ficaria repartida por várias reservas, no entanto, os bens que fazem parte desta coleção devem ser mantida juntos em cada reserva de forma a fazer a distinção de elementos provenientes de outras coleções.

Todos os bens antes de serem incorporados nas reservas devem ser limpos, tratados e desinfestado. Este trabalho irá requerer vários anos e recrutamento de pessoal. Os objetos não podem ser guardados no estado em que se encontram nos anexos do Antigo Edifício do Posto Agrário ou nos depósitos do município. Todos os materiais arqueológicos devem ser lavados antes de serem incorporados nas reservas.

O percurso de um bem recém-adquirido ou que provenha de uma exposição ou de outro lugar qualquer deve ser seguido e respeitado. Assim quando objeto chega ao edifício deve ser descarregado no Hall de entrada e seguir para a sala de registo para ser dado um número de entrada. Seguidamente vai para a sala de quarentena para inspeção do seu estado de conservação e segue para o laboratório para serem efetuados, caso sejam necessários, os tratamentos necessários. O passo seguinte é proceder ao seu inventário se o bem ainda não estiver inventariado. Após a inventariação, é devidamente acondicionado

para providenciar a proteção necessária e por fim é incorporado na reserva respetiva. Nenhum bem deve ir para a reserva sem um exame preliminar e tratamento, se necessário, apropriado.

Na reserva técnica de arqueologia para materiais depositados em contentores e cantarias a temperatura não deverá exceder os 22°C e os 55% de humidade relativa. Esta reserva irá requerer a colocação de estantes metálicas muito resistentes para a colocação de contentores com material arqueológico não estudado ou que não detém interesse específico para ser tratado e inventariado. As cantarias devem ser colocadas sobre paletes resistentes com rodas para serem facilmente deslocadas para fora da reserva. Tanto os contentores como as cantarias devem ser tapados como proteção contra a deposição de sujidades.

Na reserva técnica de arqueologia para acervo inventariado, estudado e conservado, com valores idênticos de temperatura e humidade relativa, deve estar equipada com módulos rotativos com prateleiras incorporadas. O acondicionamento individual dos bens arqueológicos deve ser seguido conforme descrito no capítulo anterior.

Na Reserva técnica de etnografia para grandes objetos a temperatura não deverá exceder os 18°C e os 55% de humidade relativa. Esta reserva irá incorporar todas as grandes peças que se encontram nos anexos e no telheiro do Antigo Edifício Posto Agrário. Os objetos de menores dimensões devem ser colocados sobre paletes resistentes com rodas. Todas as peças devem ser igualmente tapadas como proteção contra a deposição de sujidades.

Na reserva técnica de etnografia para pequenos objetos, com valores idênticos de temperatura e humidade relativa à reserva anterior, os bens devidamente acondicionados devem ser colocados em estantes metálicas ou com estantes móveis movidas sobre carris abordadas na reserva técnica de arqueologia do material estudado e inventariado. O acondicionamento deve ser idêntico ao mencionado para os bens etnográficos no capítulo II. Para objetos pequenos podem ainda ser usadas as Mapotecas, armários estanques com gavetas.

Na reserva técnica para mobiliário, com os mesmos valores de temperatura e humidade relativa que as reservas etnográficas, deve ter estantes metálicas grandes e largas

para colocar o mobiliário protegido com espumas de polietileno ou plástico. Esta reserva deve estar munida de empilhadora para remover peças colocadas nos pisos mais elevados.

Na reserva técnica para os metais deve ter estantes metálicas para acomodar as caixas de metais, cujo acondicionamento deve ser mantido de acordo com o descrito no capítulo II. Uma vez que os metais dentro da caixa têm o seu microclima, o clima exterior não é muito relevante, no entanto aconselha-se a respeitar os 22°C de temperatura e 45% de humidade.

A reserva técnica para fotografias, gravuras, jornais, caixas, tecidos, estampas e livros requer uma temperatura entre 18-20°C e uma humidade relativa que não deve ultrapassar os 50%, nem ser inferior a 40%. Os bens devem ser acondicionados individualmente através do uso de materiais adequados. Este espaço deve ter uma luz incandescente de intensidade máxima de 100 lux.<sup>169</sup> Esta reserva deve estar equipada com Mapotecas, ou seja armários estanques com gavetas em metal pintado inoxidável, onde gravuras, jornais, selos e estampas devem ser guardados depois de devidamente acondicionados. Estes armários criam um microclima interior que minimiza as flutuações climáticas. As obras em papel devem ser guardadas em gavetas umas sobre as outras com folhas intercaladas de papel seda de pH neutro. Nas estantes metálicas deve-se colocar os livros na posição vertical. Deve haver um espaço entre os livros para que o ar circule de forma a evitar a contaminação por insetos e fungos. Os tecidos devem ser enrolados em tubos de PVC, sem dobras, envolvidos em papel adequado para tecidos ou algodão branco sem goma e colocados nas estantes. As fotografias devem ser acondicionadas individualmente em *passe-partouts*. Este acondicionamento individual é o primeiro e o mais importante elemento de proteção, uma vez que permite proteger do pó e da manipulação, evita que os espécimes estejam em contacto entre si e ajuda na organização e enumeração. As fotografias colocadas em *passe-partout* devem ser guardadas em caixas de

---

<sup>169</sup> PAVÃO, Luís - *Conservación de Colecciones de Fotografía*. Colección Cuadernos Técnicos, 1.ª ed. [S.l.]: Instituto del Andaluz del Patrimonio Histórico/Centro Andaluz de la Fotografía, 2001, p. 189

cartão *acid-free* ou de polipropileno.<sup>170</sup> Os selos, os documentos e as estampas devem ser guardados em envelopes com pH neutro ou alcalino.<sup>171</sup>

A reserva técnica para cerâmicas, vidros não arqueológicos e fósseis não deve ultrapassar valores de 22°C de temperatura e 55% de humidade relativa. Deve estar equipada com estantes movidas sobre carris. O acondicionamento individual destes bens deve ser seguido conforme descrito no capítulo anterior em relação ao acondicionamento da cerâmica arqueológica.

Na reserva técnica para quadros e esculturas deve ser mantida entre valores inferiores a 18°C de temperatura e não deve ultrapassar 55% de humidade relativa. As esculturas devem ser acondicionadas em caixas de polipropileno e espumas de polietileno e colocadas em estantes em metal com prateleiras revestidas com um material de proteção como a espuma de polietileno. Os quadros devem ser afixados em trainéis, que são espécies de painéis que se movimentam por trilhos ou em vãos individuais.

## **5.2. Controlo e monitorização ambiental, segurança e higiene**

Para uma boa preservação do acervo é mais importante, como já foi mencionado, ter um microclima estável do que níveis específicos de temperatura e humidade relativa. A humidade relativa e a temperatura devem ser reguladas para níveis apropriados dependendo de cada tipo de coleção e devem ser regularmente monitorizadas. Cada reserva deve ter equipamento de registos de humidade relativa e temperatura para coletar dados e permitir caracterizar o meio ambiente. A avaliação destes dados permite a implementação de um sistema para melhorar as condições do meio ambiente. É essencial que este equipamento funcione 24 horas dia. Os equipamentos de monitorização ambiental devem ser periodicamente calibrados.

Nas reservas técnicas, as iluminações usadas não devem ter uma intensidade superior a 150 lux e não mais do que 75  $\mu\text{w}/\text{lm}$  de radiação ultravioleta. As luzes devem

---

<sup>170</sup> PAVÃO - *Conservación de Colecciones de Fotografía*, p. 174, 178

<sup>171</sup> TEIXEIRA, Lia Canola; CHIZONI, Vanilde Rohling - *Conservação Preventiva de Acervo. Estudos Museológicos*. Vol. I. Florianópolis: FCC Edições, 2012, p. 42

ser apagadas quando não se encontra pessoal nas reservas. A luz natural é excluída devido à ausência de janelas nas reservas técnicas. A radiação ultravioleta que se encontra presente na maioria das lâmpadas fluorescentes pode danificar muitos materiais. É possível remover a radiação ultravioleta deste tipo de lâmpada, sem alterar a qualidade visual da luz, pela aplicação de filtros de absorção deste tipo de radiação. Os filtros devem ser aplicados nos tubos das lâmpadas.

O edifício deve ter um plano de controlo integrado de pragas (CIP) que consiste na inspeção cuidadosa de possíveis contaminações, os tratamentos específicos, quando necessários, e a introdução de mudanças no ambiente de maneira a contrariar o aparecimento de pragas. Todo o pessoal afeto deverá receber formação adequada para identificar problemas e tomar decisões apropriadas. Os processos CIP devem ser revisto periodicamente e adaptados sempre que necessário para melhorar a sua estratégia de atuação.<sup>172</sup> Este plano implica haver uma inspeção regular das coleções, dos materiais de acondicionamento e equipamentos, assim como de todo o edifício e a identificação das áreas mais vulneráveis. As coleções devem ser inspecionadas no mínimo duas vezes por ano.

As quatro condições chave para evitar as pragas são o alimento, o abrigo, o calor e a humidade. A higiene é fator determinante na prevenção das pragas. As reservas devem manter-se sempre muito limpas com temperaturas inferiores a 20°C e humidades relativas inferiores a 60% e evitar as flutuações ambientais. O acondicionamento dos bens deve ser feito de forma a impedir o acesso das pragas. Tanto o mobiliário como os materiais usados no acondicionamento podem servir de barreira se forem bem concebidos. Qualquer sistema de acondicionamento que mantenha os bens separados uns dos outros e do ambiente que os rodeia reduzirá as probabilidades de infestação.<sup>173</sup> Como já foi mencionado, é imprescindível a existência de uma sala de quarentena no edifício. Uma vez que o objetivo principal é tentar manter as pragas longe das coleções, os objetos recém-chegados devem ser cuidadosamente inspecionados antes do seu regresso à reserva. Os tratamentos podem

---

<sup>172</sup> PINNEGER; David - *Controlo de pragas em museus, arquivos e casas históricas*. 1ªed. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2008, p. 13-14

<sup>173</sup> PINNIGER - *Controlo de pragas em museus, arquivos e casas históricas*, p. 16

ser efetuados na área de quarentena.<sup>174</sup> A sala de quarentena deve estar localizada longe das reservas técnicas, devidamente isolada e ter um sistema de ventilação adequado. Deve ser regularmente limpa para evitar ser uma fonte de infestação.

Se o edifício tiver uma boa construção e arquitetura reduz a intrusão das infestações. As medidas de prevenção passa por vedar as portas e as janelas, de forma a ficarem completamente estanques, colocar redes metálicas de malha apertada nas aberturas de forma a evitar a entrada de roedores, aplicar gel sintético nas superfícies horizontais exteriores para evitar o surgimento de ninhos de aves, manter as plantas e os arbustos afastados das paredes, colocar um passeio no mínimo de três metros de largura à volta do edifício e não afixar iluminações exteriores. Um CIP eficaz coloca a ênfase mais na prevenção do que no tratamento e uma prevenção adequada traz vantagens e benefícios a longo prazo.

É necessário também implementar um plano de segurança de prevenção de riscos que deve abranger os desastres naturais e humanos. Um planeamento deve prevenir que uma emergência pode tornar-se num desastre e um desastre numa tragédia. Uma vez que os bens culturais são vulneráveis, um pequeno acidente pode assumir proporções desastrosas. A destruição de qualquer testemunho material significará sempre uma perda para a comunidade. O objetivo principal de um plano de prevenção de desastres consiste em minimizar os riscos e maximizar a eficácia da resposta na ocorrência de desastre. O pessoal afeto ao edifício deve estar preparado para reagir em caso de emergência.

Num plano de prevenção deve-se fazer primeiramente uma avaliação dos riscos que constituem eventualmente uma ameaça para o edifício e das suas coleções. Dos riscos exteriores ao edifício, de acordo com as localizações propostas para a sua construção, serão os temporais, tremores de terra, rota de aviões em direção ao aeroporto de Faro e, no caso do Parque Industrial, o risco de futuras atividades potencialmente perigosas. No processo de construção do edifício deve-se aplicar as normas de segurança e ter atenção no uso de materiais resistentes aos fenómenos meteorológicos, especialmente telhado, portas e janelas.

---

<sup>174</sup> PINNIGER - *Controlo de pragas em museus, arquivos e casas históricas*, p. 85, 86

De todos os desastres, o fogo é o que causa maior destruição num curto espaço de tempo podendo levar ao desaparecimento total das coleções. A construção implica ainda o cumprimento da normativa vigente contra os riscos de incêndio. Caso se aplique nas reservas técnicas o sistema *Fire-Pass-P*, mencionado atrás, são dispensáveis os sistemas automáticos de aspersor de deteção de fumos<sup>175</sup> e extintores portáteis, restringindo-se apenas às áreas de atividades. No edifício deve ser colocado um para-raios no exterior do edifício e proteção contra indução provocada por raios em todas as linhas elétricas e telefónicas. As iluminações de todos os espaços devem ser de baixa voltagem. As tomadas das instalações elétricas devem estar ligadas à terra e as tomadas das reservas devem estar localizadas acima do solo e munidas de tampas. Todos os equipamentos elétricos devem ser inspecionados periodicamente.

O pessoal afeto ao edifício deve estar preparado para um correto procedimento em caso de desastre. As informações do plano de emergência são confidenciais e deve ser sujeito a uma revisão geral no mínimo uma vez por ano. Os recursos financeiros é um elemento crucial no planeamento e controlo de desastres e deve ser sempre tomado em conta quando se elabora um plano para fazer frente a um acidente.

---

<sup>175</sup> <sup>175</sup> MUSEM Fires and Losses. *CCI – Notes, 2/7*. Canadian Conservation Institute



## **Conclusão**

O envelhecimento dos bens culturais é um processo inevitável, no entanto pode ser retardado e daí a importância do papel da conservação. A deterioração dos bens resulta da sua reação com os fatores presentes no meio ambiente. A conservação preventiva tem como fim controlar esses fatores, que são sobretudo a humidade, a temperatura, a luz, a poluição atmosférica e as infestações biológicas. As reservas técnicas são de importância primordial, uma vez que é onde o acervo museológico passa a maior parte do seu tempo. O edifício assume papel importante na salvaguarda das coleções que incorpora, uma vez que é a primeira barreira que separa o clima externo do interno.

O acervo museológico do Museu Municipal de Tavira está espalhado por vários edifícios dificultando tanto a gestão das coleções como dos recursos humanos. De uma forma geral, os edifícios não apresentam condições para serem reservas, uma vez que não foram projetados para este fim, sendo reutilizações de espaços pré-existentes. Estes espaços são duas reservas localizadas junto ao laboratório de conservação e restauro, uma reserva localizada no Palácio da Galeria, três depósitos municipais, uma reserva localizada no edifício da DPEOM, e o Antigo Edifício do Posto Agrário e anexos. Os problemas mais comuns nos edifícios são: áreas reduzidas para coleções em crescimento; existência de vegetação nas áreas envolventes; dificuldade de alguns acessos em caso de emergência; edifícios nunca sujeitos a inspeções e manutenções periódicas; dificuldade em isolar portas e janelas; inexistência de equipamentos de segurança, climatização e monitorização em alguns edifícios; presença de elementos em madeira como portas, tetos, armários, portadas; limpeza deficiente ou inexistente; e alguns edifícios apresentam estado de degradação avançado.

Com o fim de solucionar o problema das reservas com que se depara o Museu Municipal de Tavira propõe-se construir um edifício de raiz para esse fim. A nova construção, além das reservas técnicas, deverá incluir as atividades de conservação e investigação. Na construção deste edifício foram propostas duas localizações situadas fora do Centro histórico de Tavira: Parque Industrial e Parque de Feiras e Exposições.

O desempenho do edifício é crucial, uma vez que este responde ao clima, aos desastres naturais e a outras agressões. Uma construção nova permite maior flexibilidade

no projeto arquitetónico. Para que a construção seja bem planeada será importante ter conhecimento do ambiente climático e das características geológicas onde o edifício deverá ser construído, adotar uma solução arquitetónica eficaz através da sua forma, orientação e distribuição interna e ter atenção na escolha e no comportamento dos materiais de construção de forma a assegurar a proteção contra os elementos climatéricos, poluição, insetos e roedores. Defende-se, e de acordo com as diretrizes internacionais para os museus, uma “Arquitetura Bioclimática ou Sustentável”. Deve ainda cumprir as normas de segurança em relação aos riscos de incêndios e ter um programa de controlo integrado de pragas. Os equipamentos necessários para cada reserva técnica variam consoante a tipologia das coleções e devem proporcionar proteção, segurança e ser inertes. Cada reserva requer um clima específico dependendo dos bens que incorpora.

Este trabalho poderá ser instrumento de uma futura reflexão, não só para o Museu Municipal de Tavira, mas para outras instituições museológicas com os mesmos problemas, e não só para os técnicos de conservação e restauro, mas para os museólogos, historiadores de arte, arqueólogos, antropólogos, etc. É um tema importante para todos aqueles que lidam com o património cultural. É acima de tudo um trabalho de alerta: não é qualquer espaço que serve para reserva. As reservas devem obedecer a orientações muito precisas para que a conservação preventiva das coleções seja eficaz. Estas orientações devem ser obrigatórias em qualquer caderno de encargos de concursos públicos na construção de edifícios desta natureza. É um projeto que requer interdisciplinaridade entre as várias especialidades: não é possível calcular as áreas dos espaços sem conhecer a fundo as coleções.

O interesse fundamental desta tese é o desejo de transmitir uma mensagem didática, de conhecimento e de sensibilização ao domínio público sobre esta matéria. Museus com boas exposições e más reservas não são “verdadeiramente” museus.

## **Referências**

### **Fontes Manuscritas**

#### Jornais

Semanário Regionalista “Povo Algarvio” – entre 1934 e 1971

Semanário Republicano “Província do Algarve” – entre 1908 e 1920

Semanário Independente “O Algarve” – entre 1908 e 1932

#### Arquivo Histórico Municipal de Tavira

Orçamentos, Contas de Gerência e Plano de atividades – Pastas A63, A64, A65, A66, A67, A68, A69, A70, A71, A72

Atas da Câmara Municipal – Livros 38, 39, 40, 56, 58, 59, 63, 75, 76, 77

#### Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia

Correspondência Expedida – 1938

#### Torre do Tombo

Convento da Nossa Senhora da Piedade da Ordem de São Bernardo, Tavira/Faro, Cota: Cx N.º 1935

## Câmara Municipal de Tavira

Concurso Público para a Empreitada de Restauro e Adaptação do Palácio da Galeria, DOMEA, Câmara Municipal de Tavira, 1999

E06/08/CP – Reabilitação da Rua dos Pelames e Rua Gonçalo Velho

E16/09/CP – Empreitada de Acabamento do Edifício do Ex-BNU em Tavira

## Legislação

DECRETO-LEI n.º 20 895 de Março de 1932. Diário do Governo. I-Série. 56 (07-03-1932) 431

DECRETO-LEI n.º 46 349 de Maio de 1965. Diário do Governo. I-Série. 14 (22-02-1965) 711

DECRETO-LEI n.º 46 758 de Dezembro de 1965. Diário do Governo, I-Série. 286 (18-12-1965) 1696

DECRETO-LE n.º 107/2001 de Setembro de 2001. Diário da República. I-A Série. 209 (08-09-2001) 5808

DECRETO-LEI n.º47/2004 de Agosto de 2004. Diário da República. I-A Série. 195 (19-08-2004) 5379

DECRETO-LEI n.º138/2009 de Junho de 2009. Diário da República. I-Série. 113 (15-06-2009) 3646

PORTARIA n.º 888/2013 de Dezembro de 2013. Diário da República. II-Série. 240 (11-12-2013) 35477

PORTARIA n.º 740-EN/2012 de Dezembro de 2012. Diários da República. 2.º Suplemento, II-Série. 252 (2012-12-31) 41180-(49)

## Fontes Impressas

- A GUIDE to the Storage, Exhibition and Handling of Antiquities, Ethnographic and Pictorial Art.* Department of Conservation. British Museum/Occasional Paper 66. London: edited by Susan Bradley, 1995
- A QUALIDADE do Ar. Estado do Ambiente de Tavira. Agenda Loca/Tavira XXI. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, p. 150-153, 159
- AFONSO, Maria do Rosário Brás Cavaco F - *Monografia de Santo Estêvão.* Tavira: Câmara Municipal de Tavira/Caixa de Crédito Agrícola do Sotavento Algarvio, Setembro de 2008, p. 172-194
- ANICA, Arnaldo Casimiro - *Tavira e o seu Termo. Memorando Histórico.* Vol. II. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 2001, p. 212-213
- ANICA, Arnaldo Casimiro. *Tavira e o seu Termo. Memorando Histórico.* 1.<sup>a</sup> ed. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 1993, p. 296-297
- BRITO, Joaquim País de - Museu entre o guarda e o que mostra. *Museus, Discursos e Representações.* Porto: Edições Afrontamento, Novembro de 2006, p. 149-161
- BROWN, Steve [et al.] - *Guidelines for Environmental Control in Cultural Institutions.* Consortium for Heritage Collections and their Environment. Heritage Collection Council. Commonwealth of Australia, 2002
- CAMACHO, Clara Frayão - Núcleos Museológicos em Portugal: algumas questões históricas conceptuais. *Núcleos Museológicos – Que sustentabilidade? Museal.* Faro: Museu Municipal de Faro, N.º 4 (Set. 2009), p. 17-34
- CAMACHO, Clara Frayão - O Panorama Museológico do Algarve e a Rede Portuguesa de Museus. *A Realidade Museológica no Algarve: perspectivas para o século XXI.* *Museal.* Faro: Museu Municipal de Faro, N.º. 1 (Mai. 2006), p. 8-25
- CAMACHO, Clara Frayão [et al.] - *Normas e Procedimentos de Conservação Preventiva, Bases orientadoras.* Lisboa: Instituto Português dos Museus/Instituto Português de Conservação e Restauro, Abril 2006

- CARRILHO, António Jorge Botelho - *O Museu Arqueológico Lapidar Infante D. Henrique: Subsídios para a sua História*. Évora: Universidade de Évora, 2002. Tese de Mestrado, p. 12-24, 134-135
- CARTAXO, Joana; LOPES, Marco - O Museu Municipal de Tavira: retrato de um território. *Tavira: Vila Adentro, Cidade Renovada*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 2005, p. 100-109
- CASANOVAS, Luís Efrem Elias - *Conservação Preventiva e Preservação das Obras de Arte. – Condições – Ambiente e Espaços Museológicos em Portugal*. Lisboa: Edição da Santa Casa da Misericórdia, Dezembro 2008
- CASANOVAS, Luís Efrem Elias - A necessidade de rigor em conservação preventiva. *Conservação e Restauro – Cadernos*. Lisboa: Instituto Português da Conservação e Restauro, Ano 1, N.º 1 (2000) p. 39-42
- CASANOVAS, Luís Efrem Elias - Conservação, Condições Ambiente e Segurança. *Iniciação à Museologia*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993, p. 163-184
- CASSAR, May; HUTCHINGS, Jeremy - *Relative Humidity and Temperature Pattern Book*. 1<sup>st</sup> ed, London: Museums and Galleries Commission, 2000
- CHAGAS, Ofir - *Tavira. Memórias de uma cidade*. Tavira: Edição do Autor, Dezembro 2004, p. 181-183; 204; 99-100; 11; 113; 116
- CONSERVAÇÃO Preventiva em Museus, Bibliotecas e Arquivos: uma proposta de legislação para os Açores. *Conservação e Restauro – Cadernos*. Lisboa: Instituto Português da Conservação e Restauro, Ano 1, N.º 1 (2000), p. 11-25
- COSTA, Evenise Pascoa - *Princípios Básicos da Museologia*. 21.<sup>a</sup> ed, Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus/Secretaria de Estado da Cultura, 2006
- COSTA, Alexandre; SEABRA, Clara; NUNES, Sara - O que nos diz a História”. *1755 – Terramoto no Algarve*. Faro: Centro de Ciência Viva, Novembro 2005, p. 15-152
- CRONYN, J. M. - *The Elements of archaeological conservation*. 3th ed. London/New York: Routledge, 1995, p. 8-9, 14-42, 69-80

- DESVALLÉRES, André; MAIRESSE, François - *Conceitos Chave de Museologia*. São Paulo: ICOM, 2013
- DIRETRIZES para a Prevenção e Controlo de Desastres em Arquivo. Conselho Internacional de Arquivos. *Comissão para a Prevenção de Desastres*. Lisboa: Publicações Técnicas Biblioteca Nacional Portuguesa, 11 de Dezembro de 1997
- DUARTE, Alice - O desafio de não ficarmos pela preservação do Património cultural Imaterial. *Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola*. Vol. I. Porto: Universidade do Porto, 2010, p. 42-61
- GRAÇA, Filipe - Da musealização do património ao ordenamento do território musealizado: em busca de um modelo de sustentabilidade adequado a uma realidade em mudança. *Núcleos Museológicos – Que sustentabilidade? Museal*. Faro: Museu Municipal de Faro, N.º 4 (Set. 2009), p. 37-49
- FERREIRA, Ana Margarida Serra - Porquê conservar o património cultural? Um percurso pelas relações entre memória, identidade e desenvolvimento. *Actas do IV Encontro Nacional de Museologia e Autarquias*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, 1999, p. 83-87
- FLIDER, Françoise; DUCHEIN, Michel - *Livros e Documentos de Arquivo. Preservação e Conservação*. Lisboa: Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, 1993
- FOLGADO, Deolinda - Património Inclusivo. Das expectativas aos desafios. *100 Anos de Património. Memória e Identidade. Portugal 1910-2010*. 2.ªed., Lisboa: IGESPAR, 2011, p. 323-325
- FRANCO, Costa - Subsídios para a criação do Museu de Tavira. Espólio antigo do Museu Municipal. *Jornal do Sotavento Algarvio*. Ano VI, N.º 116 (28 Jun.1996), p. 8
- FRANCO, Costa - Subsídios para a criação do Museu de Tavira. Espólio antigo do Museu Municipal. *Jornal do Sotavento*. Ano VI, N.º 117 (12 Jul. 1996), p. 8

- GIL, Fernando Bragança. - O objeto como gerador de informação. *Iniciação à Museologia*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993, p. 79-83
- GONÇALVES, Hélder; GRAÇA, João Moniz - *Conceitos Bioclimáticos para os edifícios em Portugal*. Lisboa: DGGE/IP – 3E, Novembro de 2004
- JOHNSON, E. Verner; HORGAN, Joanne C. - *Museum Collection Storage*. Paris: UNESCO, 1979
- LACROIX, Michel - *O Principio de Noé ou a Ética da Salvaguarda*. Coleção Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Instituto PIAGET, 1997
- LIMA, Diana Farjalla Correia. - Museu, poder simbólico e diversidade cultural. *Museologia e Património*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Vol. 3, N.º 2 (Jul./Dez. 2010), p. 16-26
- LIRA, Sérgio - Museus no Estado Novo: continuidade ou mudança? *100 Anos de Património. Memória e Identidade. Portugal 1910-2010*. 2.ªed. Lisboa: IGESPAR, 2011, p. 187-197
- LOPES, Ana Andreia Alberto - *Conservação Preventiva: construção de um “Checklist” às áreas de exposição e reservas*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2011. Tese de Mestrado.
- LOPES, Marco - *O ambiente museológico em Tavira no Estado Novo – Memória, Propaganda e Turismo*. Évora: Universidade de Évora, 2005. Tese de Mestrado.
- LOPES, Marco - O (re)nascido do Museu Municipal de Tavira: programa e perspectivas- do futuro. *A Realidade Museológica no Algarve. Perspectivas para o século XXI. Museal*. Faro: Museu Municipal de Faro, N.º 1 (Mai. 2006), p. 48-55
- LOPES, Maria da Conceição. *Moedas do Museu Municipal de Tavira*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 2005
- MARADO, Catarina Almeida - *Antigos Conventos do Algarve. Um Percorso pelo Património da Região*. Lisboa: Edições Colibri, 2006, p. 165-181

- MARTINS, Ana Margarida - Museologia Activa. Contributos para o desenvolvimento”.  
*Actas do IV Encontro Nacional de Museologia e Autarquias*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, 1999, p. 63-65
- MARTINS, Guilherme d’ Oliveira - Património como valor humano. *100 Anos de Património. Memória e Identidade. Portugal 1910-2010*. 2.ªed., Lisboa: IGESPAR, 2011, p. 337-340
- MCLLWAIN, John - Prevenção de Desastres e Planos de Emergência. *Publicações Técnicas, Preservação e Conservação 3*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2008
- MELO, Daniel Jorge Seixas de - *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1997. Tese de Mestrado, p. 46-48; 81-82; 89-91; 181-125; 228-254
- MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de - Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. *Ciências e Letras. Educação e Património Histórico – Cultura*. Porto Alegre: Faculdade de Porto - Alegrense de Educação, Ciências e Letras, Janeiro/Junho 2000, p. 91-101
- MOUTINHO, Mário - Os museus portugueses perante a sociomuseologia. *100 Anos de Património. Memória e Identidade. Portugal 1910-2010*. 2.ªed., Lisboa: IGESPAR, 2011, p. 313-322
- NABAIS, António José C. Maia - Museus e atualidade. *Iniciação à Museologia*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993, p. 65-67, 68-69
- NETO, Maria João Baptista. *Memória, Propaganda e Poder. O Restauro dos Monumentos Nacionais (1929-1960)* - 1.ªed. Porto: FAUP Publicações, 2001, p. 65-84; 139-146; 167-171
- PARA uma estratégia de conservação preventiva. *Conservação e Restauro – Cadernos*. Lisboa: Instituto Português da Conservação e Restauro, Ano 1, N.º 1 (2000)
- PARREIRA, Rui - Núcleos Museológicos – Que sustentabilidade? Do debate conceptual às práticas de produção cultural. *Núcleos Museológicos – Que sustentabilidade? Museul*. Faro: Museu Municipal de Faro, N.º 4 (Set. 2009), p. 13-15

- PAVÃO, Luís - *Conservación de Colecciones de Fotografía*. Colección Cuadernos Técnicos. 1.<sup>a</sup> ed. [S.l.]: Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, Centro Andaluz de la Fotografía, 2001
- PEREIRA, Luísa Estácio da Veiga - *O Museu Arqueológico do Algarve (1880-1881). Subsídios para o Estudo da Museologia em Portugal no século XIX*. Faro: Separata dos Anais do Município de Faro, 1981
- PINNIGER, David - *Controlo de Pragas em Museus, Arquivos e Casas Históricas*. 1.<sup>a</sup>ed., Lisboa: Biblioteca Nacional, Novembro 2008
- PINTO, Olímpia Gordon - Património, Mudança e Museus. *Actas do IV Encontro Nacional de Museologia e Autarquias*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, 1999, p. 79-81
- RAMOS, Paulo Oliveira - Breve História do museu em Portugal. *Iniciação à Museologia*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993, p. 49-54
- RIBEIRO, José A. F. Sommer. - Arquitetura do Museu. *Iniciação à Museologia*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993, p. 149-159
- RIBEIRO, Mariana Byrro - A importância do edifício para o conforto e controlo ambientais nos museus. *Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola*. Vol. I. Porto: Universidade do Porto, 2014, p. 403-413
- RIBEIRO, Mariana Byrro - Arquitetura de museus frente às demandas ambientais. *Simpósio Temático Arquitetura, Património e Museologia*. Rio de Janeiro: IENAPARQ, 2010, p. 1-8
- RODRIGUES, Paulo Simões - O longo tempo do património. Os antecedentes da República (1721-1910). *100 Anos de Património. Memória e Identidade. Portugal 1910-2010*. 2.<sup>a</sup>ed. Lisboa: IGESPAR, 2011, p. 19-30
- SANTANA, Daniel - Arquitetura Histórica de Tavira – uma síntese, *Tavira: Vila Adentro, Cidade Renovada*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 2005, p. 29, 41

- SANTANA, Daniel - O Convento da Nossa Senhora da Graça de Tavira. *Monumentos*. Lisboa: Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, N.º 14 (Mar. 2001), p. 125-133
- SANTOS, Maria Célia T. Moura - Estratégias museais e patrimoniais contribuindo para a qualidade da vida dos cidadãos: diversas formas de musealização. *Ciências e Letras. Educação e Património Histórico – Cultura*. Porto Alegre: Faculdade de Porto - Alegrense de Educação, Ciências e Letras, Janeiro/Junho 2000, p. 103-120
- SEABRA, José Alberto - A recolha devia fazer-se estugadamente e por complete. Patrimónios em trânsito: extinguir conventos e criar museus. *100 Anos de Património. Memória e Identidade. Portugal 1910-2010*. 2.ªed., Lisboa: IGESPAR, 2011, p. 35-39
- SERUYA, Maria Isabel; AMADOR, José Maria; ESCOBAR, Nazaré Escobar - O papel do Instituto José de Figueiredo, in *Museos y Museología en Portugal*, Madrid: Asociación Española de Museólogos, 2000, pp. 55-58
- SOARES, Isabel - Que redes para o Algarve? *A Realidade Museológica no Algarve: perspectivas para o século XXI. Museal*. Faro: Museu Municipal de Faro, N.º 1 (Mai. 2006), p. 26-31
- SOARES, Bruno C. Brulon; SCHEINER, Tereza C. M. - A chama interna: Museu e património na diversidade e identificação. *Museologia e Património*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Vol. 3, N.º 1 (2010), p. 13-22
- SOARES, Patrícia da Conceição Freitas - *Insectos em Museus; visitantes indesejados. Estudo de caso do Museu Municipal de Penafiel*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012. Relatório de Projeto do 2.º Ciclo.
- STOLOW, Nathan - *Conservation and Exhibitions: packing, transport, storage, and environmental considerations*. London/Boston: Butterworths, 1987
- TEIXEIRA, Lia Canola; GHIZONI, Vanilde Rohling - Conservação Preventiva de Acervos. *Estudos Museológicos*. Vol. I. Florianópolis: FCC Edições, 2012

TELMO, Isabel Gottinelli - *O Património e a Escola – Do Passado ao Futuro*. Coleção Educação Hoje. 5.ª ed., Lisboa: Texto Editora, Setembro 2000

THOMPSON, Garry - *The Museum Environment*. 2<sup>nd</sup> ed. Oxford: Butterworth-Heinemann, 1986

SIGNPOSTS to Collection Care: a self-assessment pack for museums Factsheet. Extract from the European Confederation of Conservator-Restorer. Organisation (ECCO) Professional Guidelines, 2002

VASCONCELOS, Damião Augusto de Brito - *Notícias Históricas de Tavira – 1242/1840*. 3.ª ed. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 1999, p. 55-57

VARINA, Hugues - *Museus e Ordenamento do Território. Núcleos Museológicos – Que sustentabilidade? Museal*. Faro: Museu Municipal de Faro, N.º 4 (Set. 2009), p. 51-59

VIEGAS, Catarina - *A Ocupação Romana no Algarve. Estudo do Povoamento e Economia do Algarve Central e Oriental no Período Romano*. Série Estudos e Memórias 3. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2004, p. 259, 266-267, 271, 274,

WICOX, U. Vincent - *Detached Storage: the Smithsonian Institution's Museum Support Center*. *Storage*. Museum International. Volume 47. Paris: UNESCO, N.º 188 (1995), p. 18-22

Publicações do Canadian Conservation Institute sobre fatores de deterioração do património cultural e normas e procedimentos de conservação Preventiva

AUTOMATIC Sprinkler Systems for Museums. *CCI Notes 2/8*. Canadian Conservation Institute

DETECTING Infestations: Facility Inspection Procedure and Checklist. *CCI Notes 3/2*. Canadian Conservation Institute

EMERGENCY Preparedness for Cultural Institutions: Introduction. *CCI Notes 14/1*. Canadian Conservation Institute

EMERGENCY Preparedness for Cultural Institutions: Identifying and Reducing Hazards.  
*CCI*

*Notes 14/2.* Canadian Conservation Institute

GENERAL Precaution for Storage Areas. *CCI Notes 1/1.* Canadian Conservation Institute  
GUILD, Sherry; MACDONALD, Maureen - Mould Prevention and Collection Recovery:  
Guidelines for Heritage Collection. *Technical Bulletin Number 26.* Canadian  
Conservation Institute, 2004

KELLY, Wayne - Security Hardware and Security System Planning for Museums.  
*Technical Bulletin Number 19.* Canadian Conservation Institute, 1998

MUSEUM Fires and Losses. *CCI Notes 2/7,* Canadian Conservation Institute

PREVENTIG Infestations: Central Strategies and Detection Methods. *CCI Notes 3/1.*  
Canadian Conservation Institute

STRANG, Thomas J. K. - Controlling Insect Pest with Low Temperature. *CCI Notes 3/3.*  
Canadian Conservation Institute, 1997

STRANG, Thomas J. K.; DAWSON, John E. - Controlling Museum Fungal Problems.  
*Technical Bulletin Number 12.* Canadian Conservation Institute, 1991

ULTRAVIOLET Filters. *CCI Notes 2/1.* Canadian Conservation Institute

#### Publicações do Getty Conservation Institute

AVRAMI, Erica; MASON, Randall; TORRE, Marta de la - *Values and Heritage  
Conservation.* Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 2000

MASON, Randall - Economics and Heritage Conservation: concept, values and agendas  
for research. *Economics and Heritage Conservation.* Los Angeles: The Getty  
Conservation Institute, 1999, pp. 2-18

SCHAFFER, Terry T. - *The Effects of light on Materials in Collections – Data on Photoflash  
and Related Sources.* Second Edition. Los Angeles: The Getty Conservation  
Institute, 2001

WARD, PHILIP - *The Nature of Conservation: A Race against Time.* Los Angeles: The  
Getty Conservation Institute, 2010

## Catálogos

A 1.<sup>a</sup> República em Tavira. Transformações e Continuidades. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 2010

CIDADE e Mundos Rurais. Tavira e as sociedades Agrárias. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 2010

DIETA Mediterrânea. Património Cultural Milenar. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 2013

ESPÍRITO e Poder. Tavira nos tempos da modernidade. 1.<sup>a</sup> ed. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 2006

TAVIRA, Patrimónios do Mar. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 2008

## Intranet

TEIXEIRA, Célia - Intranet: [\\dc1\Trabalho\Património\Museus\Museu da Terra Algarvia\2012MUS Terra\\_cpereira](#)

## WEB

AMARAL, Joana - Gestão de Acervos em Reservas Museológicas. *Informação ICOM.PT*. ICOM – Portugal, Série II, N.º 15 (Dez. 2011/Fev. 2012). [consult. 20 de Jul. 2014]. Disponível na Internet <URL: [http://www.icom-portugal.org/multimedia/info%20II-15\\_dez11-fev12.pdf](http://www.icom-portugal.org/multimedia/info%20II-15_dez11-fev12.pdf)

CASOS de utilização de energia renováveis, FUTUR-COMPET/AEP, Dezembro 2010. [consult. 17 de Out. 2014]. Disponível na Internet <URL: <http://www.lidera.info/?p=MenuContPage&MenuId=19&ContId=25>

CASSAR, May - Sustainable Heritage: Challenges and Strategies of the Twenty-First Century. *APT Bulletin: Journal of Preservation Technology* 40:1 (2009) p. 3-11. [consult. 17 de Out. 2014]. Disponível na Internet <URL: <http://www.eprints.vol.ac.uk/18790/1/18790.pdf>

CASSAR, May - *Value of Preventive conservation*. Centre for Sustainable Heritage, 2006, p. 3-11. [consult. 20 de Outubro 2014]. Disponível na Internet <URL: [http://www.bartlett.ucl.ac.uk/graduate/csh/attachments/.../value\\_conservation.pdf](http://www.bartlett.ucl.ac.uk/graduate/csh/attachments/.../value_conservation.pdf)

CHRISTENSEN, Jörgen Erik; JANSSEN, Hans; TOGNOLO, Barbara - Hygrothermal Performance Optimization of a Museum Storage Building. *Buildings XI: Proceedings of Thermal Performance of the Exterior Envelopes of Whole Buildings XI International Conference*, 2010. [consult. 10 de Mar. 2014]. Disponível na Internet <URL: [http://www.web.ornl.gov/sci/buildings/2012/.../10\\_Christensen.pdf](http://www.web.ornl.gov/sci/buildings/2012/.../10_Christensen.pdf)

DAHLIN, Elin - Preventive Conservation Strategies for Organic Objets in Museums, Historic Buildings and Archives. *Damage assessment – causes, mechanisms and measurements*. CYFRONET. ICOM, 1991. [consult. 10 de Out. 2014] Disponível na Internet <URL: [http://www.cyfronet.krakow.pl/~ncbratas/pdf/full\\_dahlin.pdf](http://www.cyfronet.krakow.pl/~ncbratas/pdf/full_dahlin.pdf)

DECAVANAY, Alicia Herrero [et al.] - Almacenes de Museos. Espacios Internos. Propuesta para su Organización. *ICOM España Digita/Revista del Comité Español de ICOM*. N.º3. [consult. 17 de Out. 2014]. Disponível na Internet <URL: [http://www.icom-ce.org/recursos/ICOM\\_CE\\_Digital/03/ICOMCEDigital03.pdf](http://www.icom-ce.org/recursos/ICOM_CE_Digital/03/ICOMCEDigital03.pdf)

DRUMMOND, Maria Cecília de Paula - Prevenção e Conservação em Museus. *Caderno de Diretrizes Museológicas*. 2.ª ed. Brasília: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Departamento de Museus e Centros Culturais/ Belo Horizonte: Secretaria do Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006. [consult. 14 de Janeiro 2014]. Disponível na Internet <URL: [http://www.museus.gov.br/sbm/downloads/cadernodiretrizes\\_sextaparte.pdf](http://www.museus.gov.br/sbm/downloads/cadernodiretrizes_sextaparte.pdf)

EDIFICIO Solar XXI. Um edifício energeticamente eficiente em Portugal. Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação, I.P., Departamento de Energia Renováveis, INETI. [consult. 20 de Jan. 2014]. Disponível na Internet <URL: [http://www.Ineg.pt/download/4078/BrochuraSolarXXI\\_Dezembro2005.pdf](http://www.Ineg.pt/download/4078/BrochuraSolarXXI_Dezembro2005.pdf)>

LAMEIRA, Francisco; FERNANDES, Paulo – *Igreja e Convento das Bernardas/Igreja do Convento de São Bernardo/Igreja e Convento da Nossa Senhora da Piedade de Tavira*. Tavira: IGESPAR, 1997, 2002. [9 de Fevereiro de 2013]. Disponível na Internet <URL: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPASearch.aspx?id...](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPASearch.aspx?id...)>

LIRA, Sérgio - Linhas de força de legislação portuguesa relativa aos museus para os meados do século XX: os museus e o discurso político. *In Actas do V Colóquio Galego de Museus*, Melide: Consello Galego de Museus, 1998. [consult. 10 de Abr. 2014]. Disponível na Internet <URL: [http://www.disruptiva.net/.../Museus%20%politico\\_Sérgio%20Lira.pdf](http://www.disruptiva.net/.../Museus%20%politico_Sérgio%20Lira.pdf)>

LIRA, Sérgio - Coleções Etnográficas e Museus Etnográficos. Objetos e memórias da cultura popular. *Antropologia e Museus*. Comunicação apresentada ao Congresso de Cultura Popular na Secção Etnografia e Património Etnográfico. Maia, Dezembro de 1999. [consult. 10 de Abr. 2014]. Disponível na Internet <URL: <http://ceaa.ufp.pt/museus4.htm>>

LIRA, Sérgio - Exposições temporárias no Portugal do Estado Novo: alguns exemplos de usos políticos ideológicos. *Antropologia e Museus*. Colóquio APOM/99. Museologia Portuguesa. Balanço do século, Novembro de 1999. [consult. 10 de Abr. 2014]. Disponível na Internet <URL: <http://www.ceaa.ufp.p/museu3.htm>>

MENDES, José Amado - Uma Nova Prespectiva sobre o Património Cultural: Preservação e Requalificação de Instalações Industriais. *Gestão e Desenvolvimento*, N.º 9 (2000) p. 197-212. [consult. 2 de mAr. 2014]. Disponível na Internet <URL: [http://www4.crb.ucp.pt/.../GestaoDesenv/GD9/gestaodesenvolvimento9\\_197.pdf](http://www4.crb.ucp.pt/.../GestaoDesenv/GD9/gestaodesenvolvimento9_197.pdf)>

MENDES, José Amado - *O Património Industrial na Museologia Contemporânea*. *UBImuseum n.01*. [consult. 2 de Mar. 2014]. Disponível na Internet <URL: <http://www.Ubimuseum.ubi.pt/.../CS3-mendes-jose-amado-o-patrimonio-industrial.pdf>>

MENDES, Manuel Cardoso Furtado - Museus como pioneiros para a sustentabilidade ambiental. *Museologia e Interdisciplinariedade*. Brasília, Março 2012. [consult. 2 de Mar. 2014]. Disponível na Internet <URL: [http://www.recil.grupolusofona.pt/jspui/bitstream/10437/3737/.../Artigo\\_Brasilia.pdf](http://www.recil.grupolusofona.pt/jspui/bitstream/10437/3737/.../Artigo_Brasilia.pdf)

MUSEUM Collection Storage. *Museum Handbook, Part I*. National Park Service, 2012. [consult. 1 de Abr. 2014]. Disponível na Internet <URL: <http://www.nps.gov/history/museum/.../mhi/CHAP7.pdf>

OLIVEIRA, Paulo - *Considerações sobre o Clima do Algarve*. Direção Regional da Agricultura e Pescas do Algarve/Ministério da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território. [consult. 28 de Nov. 2014]. Disponível na Internet <URL: <http://www.drapalg.min-agricultura.pt/.../DRAPALG%20%EMAs%20%clima%20no%20Algarve.pdf>

PADFIELD, Tim - Museum Environmental Standards in Age of Energy Anxiety. *National Museum of Wales Conference*, June 2013. [consult. 29 de Out. 2014]. Disponível na Internet <URL: <http://www.conservationphysycs.org/Standards/mus-env-Std.pdf>

REBECA, Alcântara - *Standards in Preventive Conservation: Meanings and Application*. ICCROM. Rome, 20th June 2002. [consult. 17 de Out. 2014]. Disponível na Internet <URL: [www.iccrom.org/ifrcdn/.../ICCROM\\_04\\_StandardsPreventiveConser\\_en.pdf](http://www.iccrom.org/ifrcdn/.../ICCROM_04_StandardsPreventiveConser_en.pdf)

RIBEIRO, Mariana Byrro - Arquitetura na conservação preventiva em museus brasileiros. *I Encontro Luso-Brasileiro de Conservação e Restauro*. Porto: Universidade Católica do Porto, Setembro 2011. [consult. 20 de Set. 2013]. Disponível na Internet <URL: [http://artes.ucp.pt/citar/\\_actasrestauro/11\\_arquitetura%20na%20conservacao%20preventiva.pdf](http://artes.ucp.pt/citar/_actasrestauro/11_arquitetura%20na%20conservacao%20preventiva.pdf)

RIBEIRO, Mariana Byrro - A importância do edifício para o conforto e o controlo ambiental nos museus. *Actas do 1.º Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola*. Vol. 1.p. 402-403. [consult. 26 de Set. 2013]. Disponível na Internet <URL: <http://www.ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8144.pdf>

TOLEDO, Franciza - *The Role of Architecture in Preventive Conservation*. ICCROM, September to November 2006. [consult. 31 de Set. 2013]. Disponível na Internet <URL: [http://ICCROM\\_13\\_ArchitPrevenConserv.er.pdf](http://ICCROM_13_ArchitPrevenConserv.er.pdf)

VELOSA, Gonçalo. *História da Conservação e Restauro e Arqueologia*. Web, 2004. [consult. 26 de Set. 2014]. Disponível na Internet <URL: <http://www.5cidade.files.wordpress.com/2008/.../historia-da-conservacao-e-restauro.pdf>

## **Apêndice I – Documentação Gráfica**



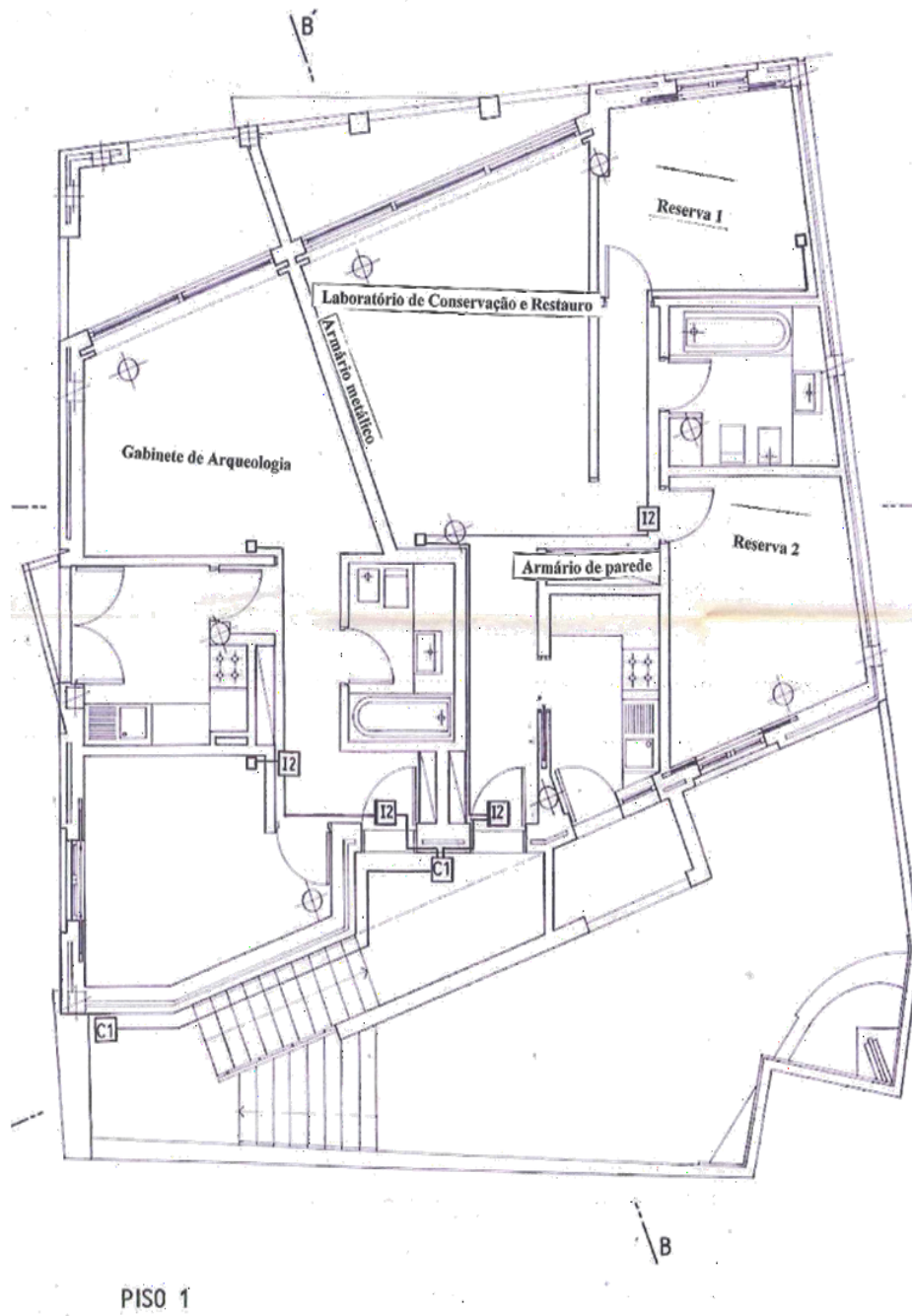
Fotografia área de Tavira: 2.1- localização das reservas/depósitos do Museu Municipal de Tavira

Legenda:

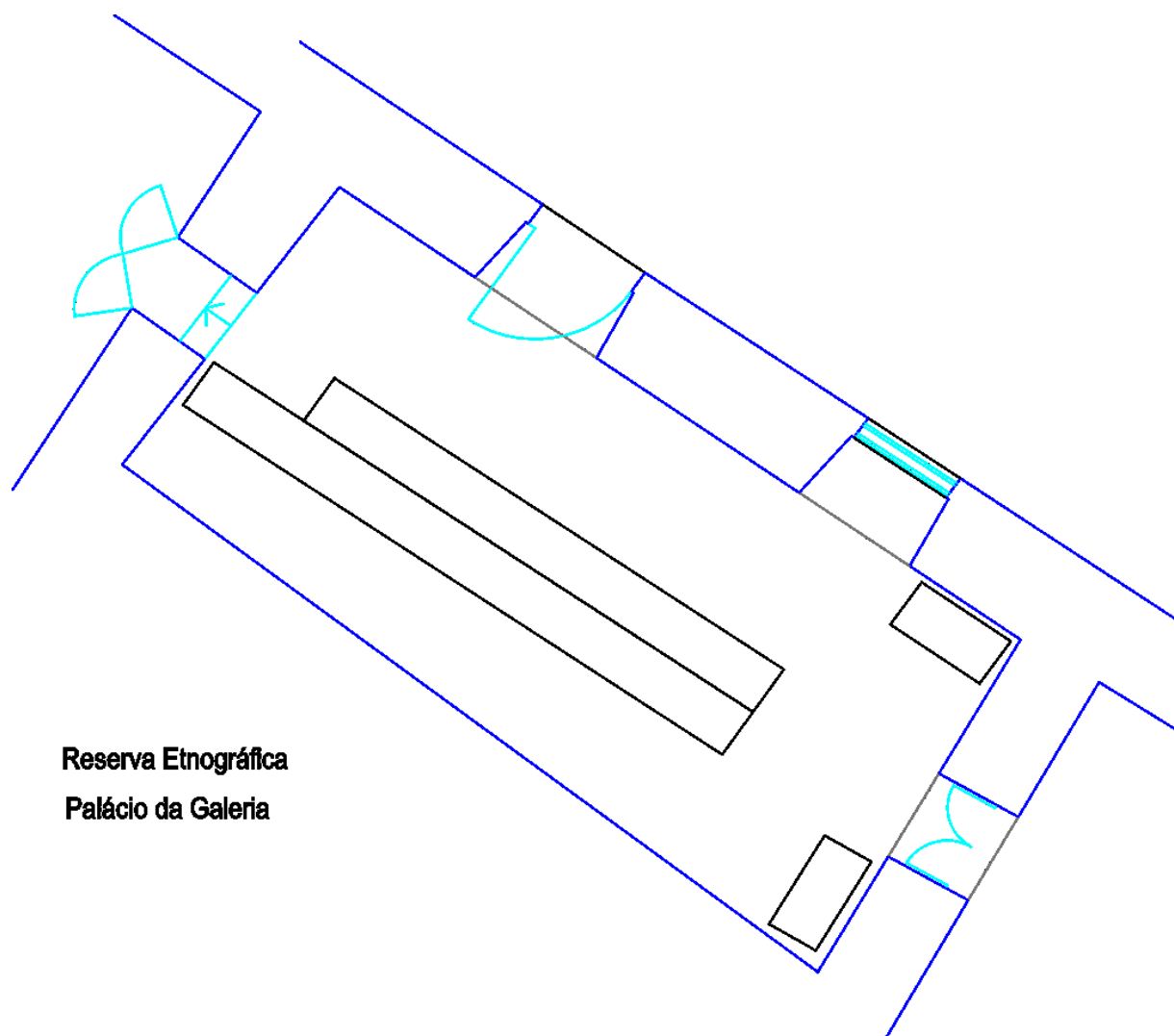
- 1 – Reservas localizadas junto ao laboratório de conservação e restauro
- 2 – Reserva etnográfica localizada no Palácio da Galeria
- 3 – Depósito localizado na Rua Sesinando da Purificação Azinheira
- 4 – Antiga garagem GNR
- 5 – Segundo piso dos escritórios da Divisão de Equipamentos e Instalações Municipais
- 6 – Reserva localizada no edifício da DPEOM
- 7 – Antigo Edifício do Posto Agrário
- 8 – Anexos do Posto Agrário



Planta: 2.2 - Laboratório de conservação e restauro, gabinete de arqueologia e reservas



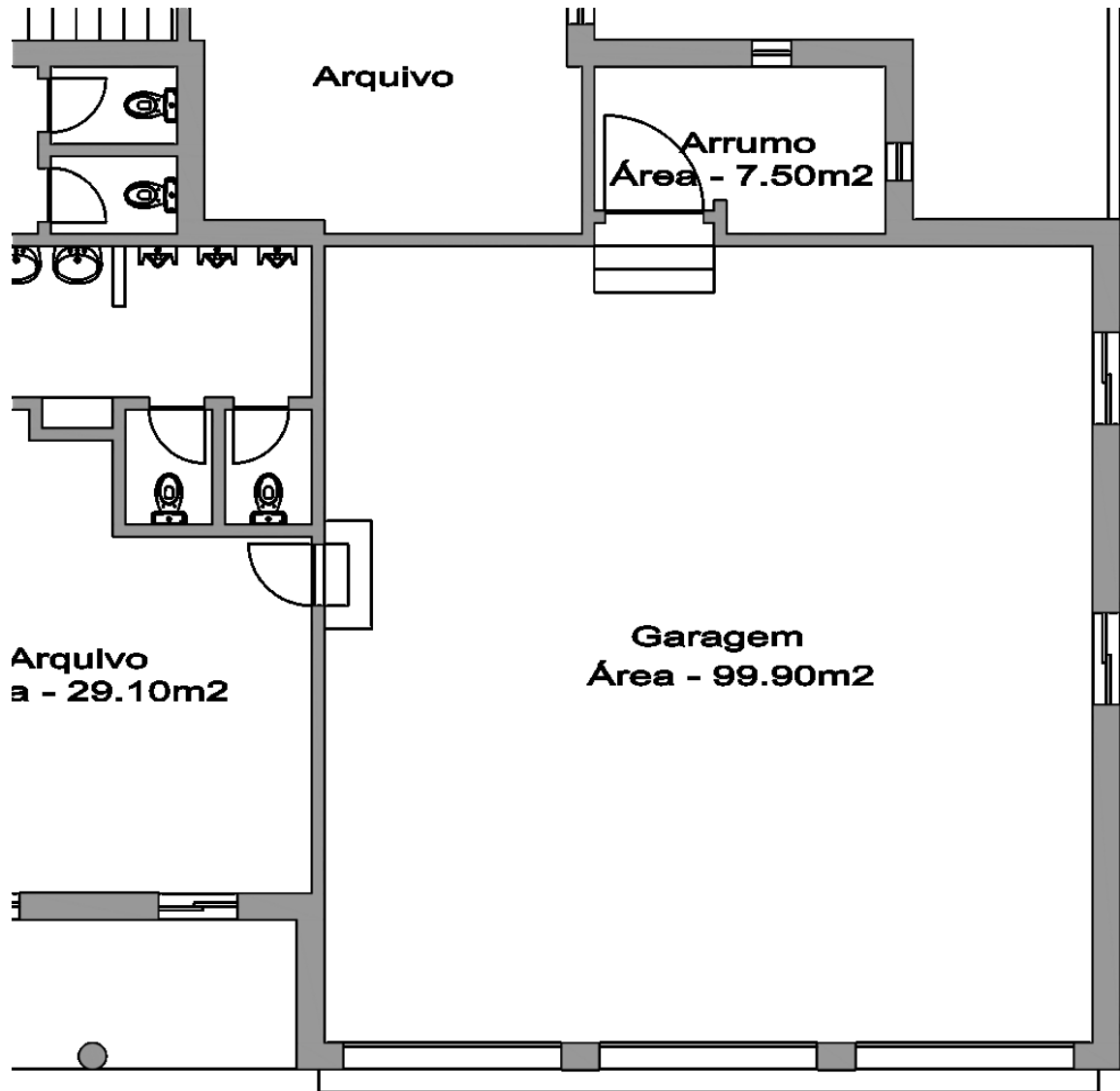
Planta: 2.3 – Reserva etnográfica no Palácio da Galeria



**Reserva Etnográfica**  
**Palácio da Galeria**

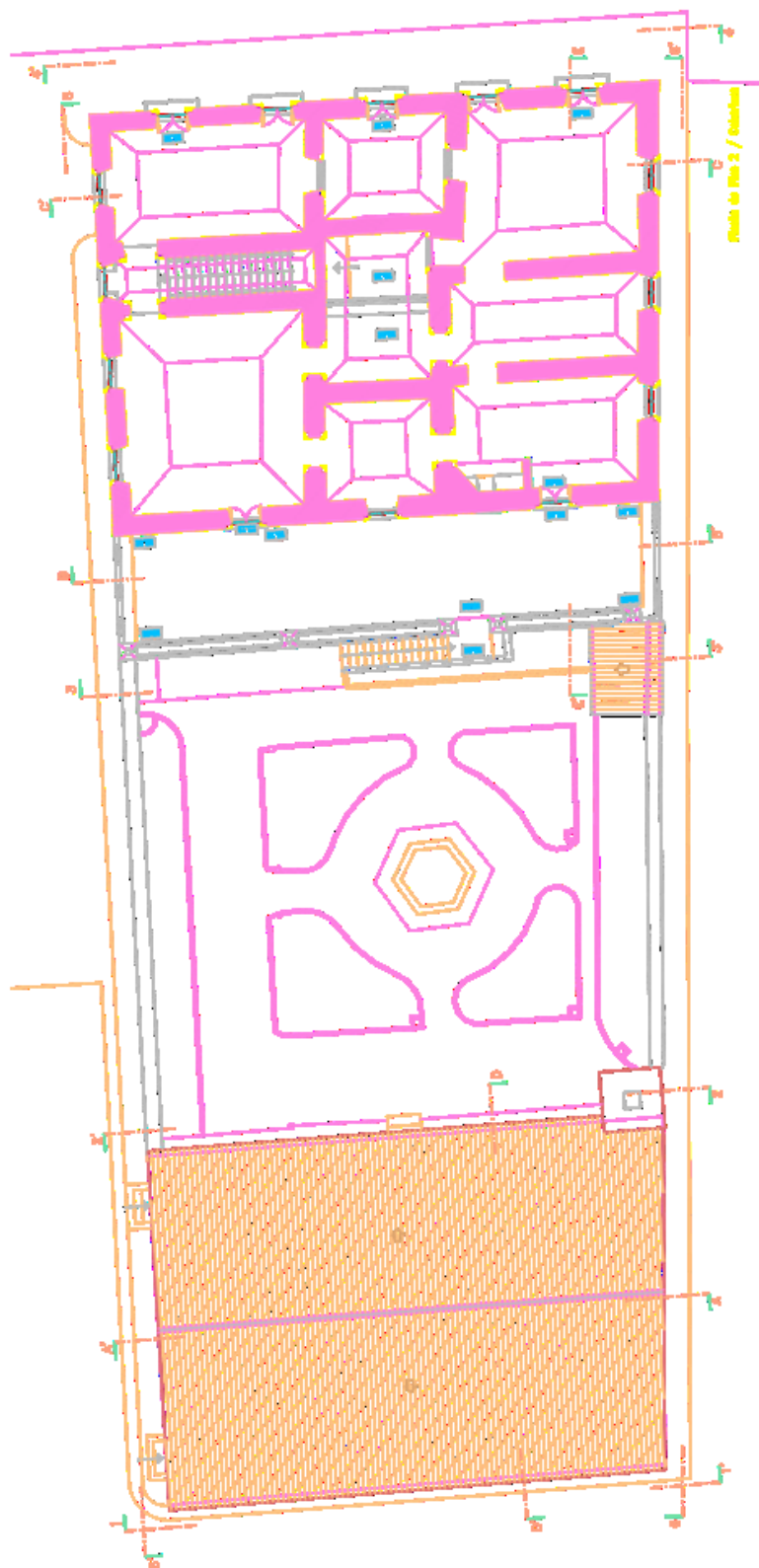


Planta: 2.5. – Reserva arqueológica na DPEOM





Planta: 2.7 – Primeiro piso do Antigo Edifício do Posto Agrário



Loteamento: 3.1. - Parque de Feiras e Exposições

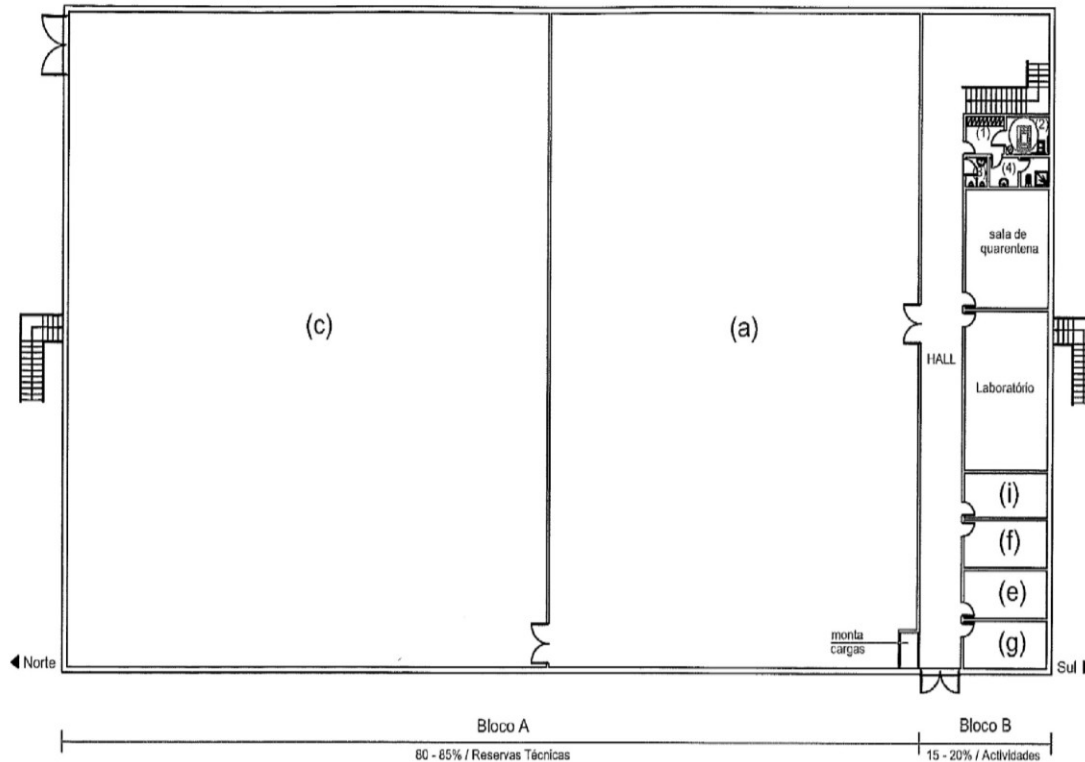


Loteamento: 3.2 - Parque Industrial



Planta: 3.3 – Piso térreo do novo edifício para reservas

PISO TÉRREO (Área total do edifício - 2 000 m<sup>2</sup>)



BLOCO A

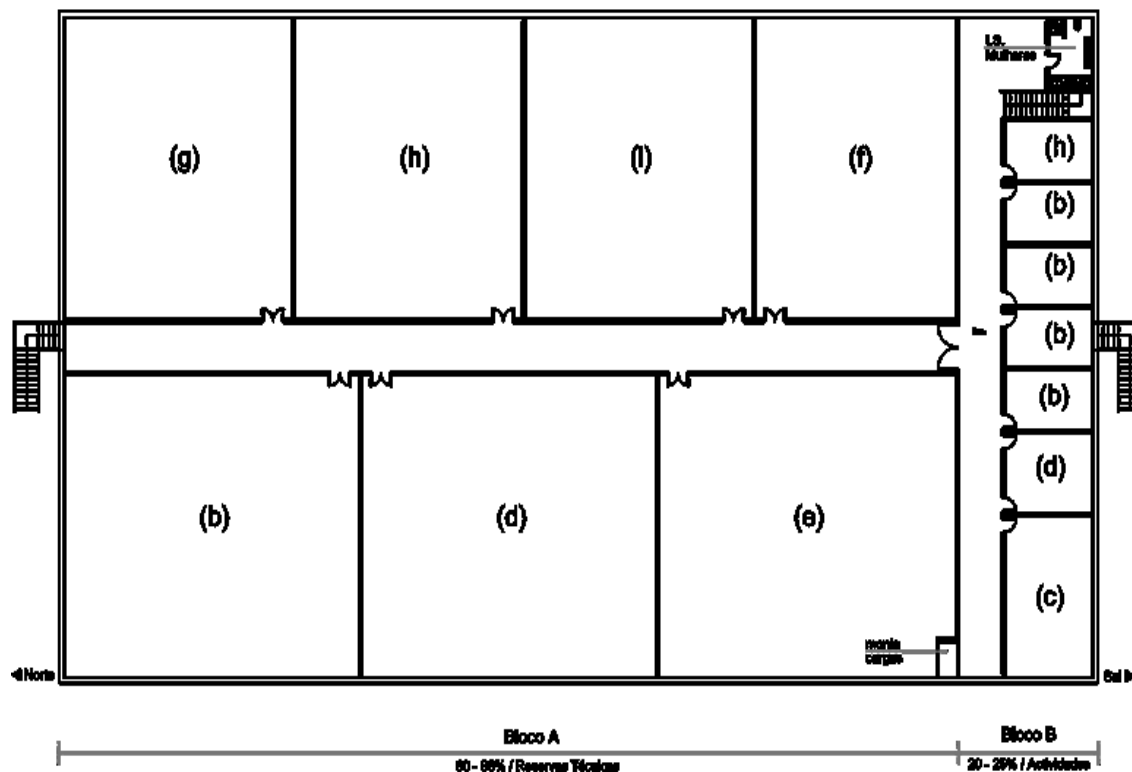
- (a) - Reserva técnica de arqueologia (materiais depositados em contentores e cantarias) (727,00m<sup>2</sup>)
- (c) - Reserva técnica de etnografia para grandes objetos (953,00m<sup>2</sup>)

BLOCO B

- i - Armazém (11,25m<sup>2</sup>)
- f - Sala para acondicionamento de bens (11,25m<sup>2</sup>)
- e - Sala de registo de entrada e saída de acervo (11,25m<sup>2</sup>)
- g - Central de segurança (11,25m<sup>2</sup>)
- Laboratório de conservação e restauro (40,00m<sup>2</sup>)
- Sala de quarentena (30,00m<sup>2</sup>)
- 1 - Cacifos (4,30m<sup>2</sup>)
- 2 - I.S. de deficientes (4,95m<sup>2</sup>)
- 3 - I.S. de homens (1,90m<sup>2</sup>)
- 4 - I.S. e zona de duche (5,20m<sup>2</sup>)
- Hall (108,00m<sup>2</sup>)

Planta: 3.4 – Primeiro piso do novo edifício para reservas

**PISO 1** (Área total do edifício - 2 000 m<sup>2</sup>)



**BLOCO A**

- (b) - Reserva técnica de arqueologia para cervo inventariado, estudado e conservado (225,00m<sup>2</sup>)
- (d) - Reserva técnica de etnografia para pequenos objetos (225,00m<sup>2</sup>)
- (e) - Reserva técnica para mobiliário da coleção de Santo Estêvão e outras proveniências (225,00m<sup>2</sup>)
- (f) - Reserva técnica para metais arqueológicos e não arqueológicos (173,00m<sup>2</sup>)
- (g) - Reserva técnica para fotografias, gravuras, jornais, selos tecidos estampes e livros (197,00m<sup>2</sup>)
- (h) Reserva técnica para cerâmica, vidros e fósseis (197,00m<sup>2</sup>)
- (l) - Reserva técnica para quadros e escultura (197,00m<sup>2</sup>)

**BLOCO B**

- h - Zona de comer e vestuários (15,00m<sup>2</sup>)
- b - Gabinetes de Investigação (15,00m<sup>2</sup>)
- c - Sala de reunião e conferências (40,00m<sup>2</sup>)
- d - Centro de documentação (20,00m<sup>2</sup>)
- L.S. de mulheres com duche e cacifos (9,00m<sup>2</sup>)
- Hall (99,00m<sup>2</sup>)

## **Apêndice II – Documentação Fotográfica**





Figura: 1.1 – Fachada principal da Igreja da Misericórdia

(Foto: Leonor Esteban/Museu Municipal de Tavira)



Figura: 1.2 – Porta de acesso ao antigo museu, atual Núcleo de Arte Sacra da Santa Casa da Misericórdia

(Foto: Leonor Esteban/Museu Municipal de Tavira)



Figura: 1.3 – Centro Interpretativo de Abastecimento de Água a Tavira

(Foto: Leonor Esteban/Museu Municipal de Tavira)



Figura: 1.4 – Figura zoomórfica

(Foto: Leonor/ Esteban/Museu Municipal de Tavira)



Figura: 1.5 – Potinho em vidro

(Foto: Leonor Esteban/Museu Municipal de Tavira)



Figura: 1.6 – Coleção pesos e medidas de aferidor

(Foto: Leonor Esteban/Museu Municipal de Tavira)



Figura: 1.7 – Relógio de finais do século XIX que representa a Praça da República: no lado esquerdo um troço da torre albarrã e um edifício já demolidos e do lado direito o edifício dos Paços do Concelho, o rio, a ponte e os edifícios da margem oposta

(Foto: Óscar Pinto/Museu Municipal de Tavira)

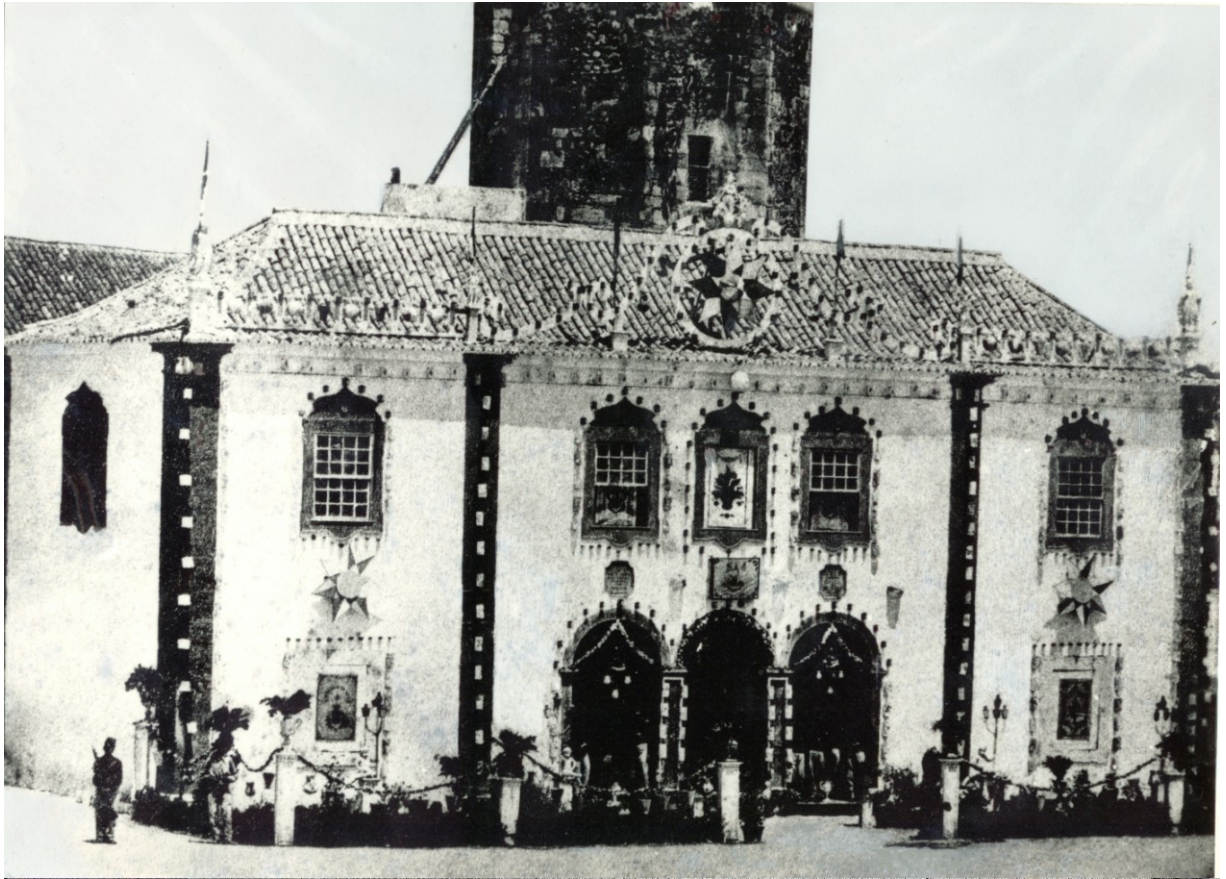


Figura: 1.8 – Fotografia do edifício e da torre demolidos representados no relógio da figura 1.7

(Foto retirada do livro: VASCONCELOS, Damião - *Notícias Históricas de Tavira – 1242/1840*. 3.<sup>a</sup> ed., Câmara Municipal de Tavira, 1999, p. 313)



Figura: 1.9 – Azulejo do painel da antiga escola do Arraial Ferreira Neto (Foto: Leonor Esteban/Museu Municipal de Tavira)



Figura: 1.10 – Estandarte da antiga filarmónica “Club Recreativo Musical 1.º de Janeiro de 1896”, vulgo “Limpinhos”

(Foto: Rita Manteigas/Museu Municipal de Tavira)



Foto: 1.11 – Gravura de Bartolomeu Cid dos Santos

(Foto: Leonor Esteban/Museu Municipal de Tavira)



Figura: 1.12 – Gárgula manuelina proveniente do Convento das Bernardas  
(Foto retirada do Catálogo: ESPÍRITO e Poder. Tavira nos tempos da  
modernidade. 1.<sup>a</sup> ed., Câmara Municipal de Tavira, 2006, p. 135)



Figura: 2.1 – Reserva de material arqueológico

(Foto: Leonor Esteban/Museu Municipal de Tavira)



Figura: 2.2 – Reserva da coleção “Zézinho Beja” onde se observa a sobreposição de contentores com material

(Foto: Leonor Esteban/Museu Municipal de Tavira)



Figura: 2.3 - Reserva da coleção “Zézinho Beja” vista de outro ângulo

(Foto: Leonor Esteban/Museu Municipal de Tavira)



Figura. 2.4 – Corredor de acesso às duas reservas com estantes metálicas com caixas com metais arqueológicos

(Foto: Leonor Esteban/Museu Municipal de Tavira)



Figura 2.5 – Reserva etnográfica localizada no Palácio da Galeria

(Foto: Leonor Esteban/Museu Municipal de Tavira)



Figura: 2.6 – Depósito Municipal da Rua Sesinando da Purificação Azinheira

(Foto: Leonor Esteban/Museu Municipal de Tavira)



Figura: 2.7 – Interior do depósito

(Foto: Leonor Esteban/Museu Municipal de Tavira)



Figura: 2.8 – Depósito Municipal da antiga garagem GNR

(Foto: Leonor Esteban/Museu Municipal de Tavira)



Figura: 2.9 – Interior do depósito

(Foto: Leonor Esteban/Museu Municipal de Tavira)



Figura: 2.10 – Depósito Municipal localizado no 1.º piso da Divisão de Equipamentos e Instalações Municipais

(Foto: Leonor Esteban/Câmara Municipal de Tavira)



Figura: 2.11– Exterior do edifício da DPEOM

(Foto: Leonor Esteban/Câmara Municipal de Tavira)



Figura: 2.12 – A reserva localizada na garagem da DPEOM

(Foto: Leonor Esteban/Museu Municipal de Tavira)



Figura: 2.13 – Antigo edifício do Posto Agrário  
(Foto: Leonor Esteban/Museu Municipal de Tavira)



Figura: 2.14 – Antigas casas e anexos do Posto Agrário

(Foto: Célia Teixeira/Museu Municipal de Tavira)



Figura: 2.15 – Caixa com metais arqueológicos

(Foto: Leonor Esteban/Museu Municipal de Tavira)



Figura: 2.16 - Acondicionamento dos metais

(Foto: Leonor Esteban/Museu Municipal de Tavira)



Figura: 3.1 – Oficina de Conservação e restauro na exposição “Memória e Futuro”

(Foto: Patrícia Gonçalves/Museu Municipal de Tavira)



Figura. 3.2 – Maqueta de uma sala de exposições

(Foto: Patrícia Gonçalves/Museu Municipal de Tavira)



Figura 3.3 - Estantes móveis do Arquivo Histórico Municipal de Tavira

(Foto: Leonor Esteban/Museu Municipal de Tavira)